

Tudo sobre as duas versões contraditórias

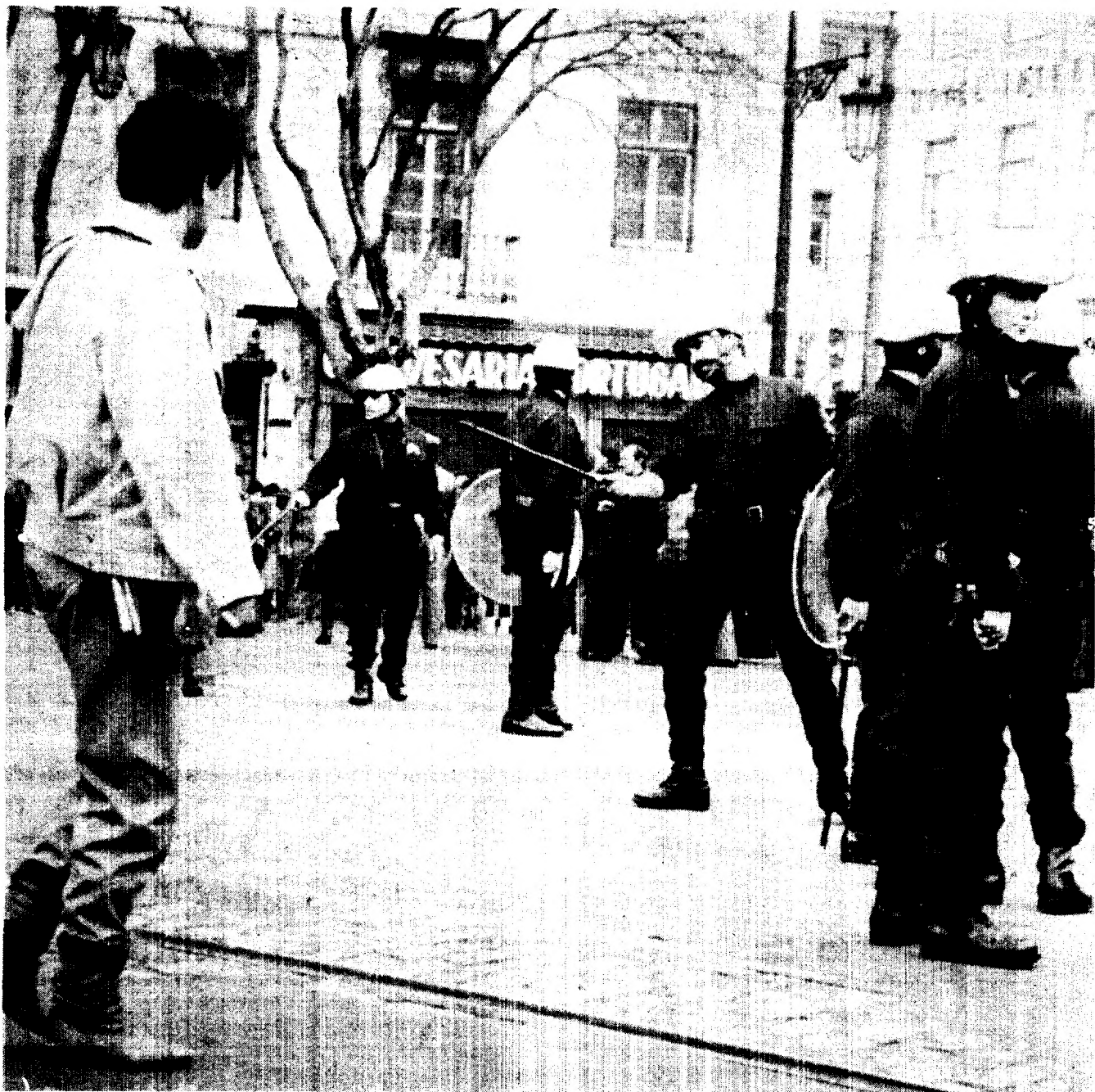
Movimento Sindical:

A Greve Geral foi um êxito

Governo:

Foi uma derrota para...o PCP

Reportagem e noticiário nas págs. 4 a 10



A Polícia de Intervenção ontem à tarde no Rossio

De quem são
as armas
apreendidas
à noite
no Parque
Eduardo VII?

As armas apreendidas à noite no Parque Eduardo VII, pertenciam a um grupo de militares que se encontravam no local. As armas foram apreendidas por um grupo de militares que se encontravam no local.

Desanuviamiento na Cimeira de Madrid

Pág. 15

CGTP esta manhã:

Faremos as greves gerais que forem necessárias para defender a democracia e os interesses do País

«Parar a produção nacional. Estas são as armas que nós temos na mão», afirmou Armando Teixeira da Silva ao responder, esta manhã, em conferência de imprensa, a uma pergunta do «DL» sobre o material de guerra ontem encontrado pela Polícia no interior de um carro que circulava em Lisboa.

Segundo a CGTP a greve geral «saldou-se por um grande êxito» e foi salientada a participação de mais de um milhão e meio de trabalhadores com uma percentagem de adesão global de 70%.

Para já, e em resultado desta grande movimentação, a central sindical não rejeita a convocação de novas formas de luta. «Faremos todas as greves gerais ne-

cessárias para defender a democracia e os interesses do país», adiantou Armando Teixeira da Silva. O balanço global da paralisação vai ser feito na Comissão Executiva do Secretariado Nacional que, para tal, reúne na próxima terça-feira. Entretanto, já está marcada para dia 19 a realização de um plenário geral de sindicatos que irá discutir a estratégia a seguir pelo movimento sindical.

A manipulação que os órgãos de Comunicação Social controlados pelo Governo fez da greve geral e dos seus objectivos, definida como «cortina de silêncio» em relação às posições da CGTP, foi violentamente atacada. Alguns exemplos: nenhum dos 25 jornais de greve divulga-

dos pela central sindical ao longo do dia foram lidos pela RDP, apesar de aí se terem deslocado alguns dos seus dirigentes entre os quais Manuel Lopes. No entanto, a mesma rádio anunciava previsões (às 7 da manhã) e balanços feitos pela UGT em todos os noticiários da sua programação.

Comunicados e intervenções dos membros do Governo eram feitas a todo o momento. A UGT terá mesmo tido ontem mais tempo de antena que a CGTP. A actuação da RTP foi comparada com os tempos do fascismo.

Numa intervenção particularmente elucidativa, Kalidás Barreto denunciou com grande veemência as intervenções dos «sindicalistas Sousa Tavares,

João Gomes e Adriano Cerqueira» num programa de Televisão ontem à noite e manifestaria a sua indignação por «depois de 48 anos de fascismo ainda existirem profissionais de informação que se prestam a servir os objectivos do patronato e de todos aqueles que oprimiram o povo português».

Um repto foi lançado aos jornalistas: verificarem por todos os meios ao seu alcance se os números fornecidos pela CGTP, empresa a empresa, correspondem ou não à verdade.

«Que aconteceria aos trabalhadores portugueses se a greve geral não tivesse tido o êxito que teve?», perguntou Armando Tei-

Continua na pág. 24



a palavra com...

Em prol da liberalização do aborto

Aquilo a que em Medicina se chama aborto é o esvaziamento precoce de um útero. Mais precisamente, antes das 28 semanas de gravidez, segundo a maioria dos obstetras. Depois disso, tal esvaziamento é considerado um parto prematuro, ao qual, não faremos referência.

Que se pode dizer da liberalização do aborto, nos termos em que a questão é posta à Assembleia da República?

A atitude do PCP é, naturalmente clara e coerente com sua doutrina. A admissão da proposta por parte do presidente da Assembleia - CDS - da qual obviamente discorda é, evidentemente, destinada a poder combater o PCP e decorre de má-fé. Propagandística.

Quais são as vantagens e desvantagens do aborto terapêutico? Limito-me a este, visto o criminal, aqui não interessar discutir.

Os problemas do aborto nos termos aqui considerados devem ser assumidos sob vários pontos de vista, saber: médicos e sociais. Vamos encarar alguns.

Os médicos são, naturalmente de índole variável.

I) Gravidez ectópica - isto é, o feto situa-se fora do útero o que, faz correr perigo de vida à parturiente.

II) Gravidez não desejada, de origem incerta quanto à paternidade e cujo estado de saúde é desconhecido como no caso, por exemplo, de violação prévia.

III) Gravidez potencialmente susceptível de originar monstros ou seja indivíduos anormais, sob qualquer ponto de vista.

Incluindo nestes, claro está, doenças quer hereditárias, quer adquiridas: o caso da possibilidade de mongolismo, hemofilia, tumores evolutivos ou sífilis, em qualquer dos progenitores.

IV) Existência de doenças mentais que incapacitem a futura mãe de assumir a maternidade quer afectiva, quer sociologicamente.

V) Malformações anatómicas da mãe ou loucura declarada. São estas portanto, **grosso modo, as situações patológicas susceptíveis de consentaneidade de aborto legal.**

Outros casos podem ser de natureza social:

I) Os derivados da repugnância que, de qualquer modo o pai inspira à mãe.

II) Consanguinidade acentuada dos progenitores: pais-filhos, irmãos-irmãs etc.

III) Casos de aberração social criminosos de qualquer espécie, criminalmente tida por maior.

IV) Casos de graves situações económico-profissionais como de mães solteiras, prostitutas, condenados a prisão perpétua, incapazes mentais, desempregadas, judicialmente incapazes, etc.

Penso que os casos enumerados preenchem os principais re-

quisitos para a efectivação do aborto facultativo e deliberado. Sua liberalização, liberdade facultativa e deliberada de abortar. Até porque, qualquer mulher deve ser considerada proprietária da sua existência e, por conseguinte, de seu corpo!

Facultativa, porque a nossa liberdade de cidadãos, só deve terminar quando lesamos o nosso semelhante.

Deliberativa, também. Porque é da deliberação que nasce a liberdade possível, que como cidadãos nos assiste.

O PCP encara o problema sob o ponto de vista da liberdade dos cidadãos, que associados constituem uma nação, um estado etc.

O CDS, sob o prisma da hipocrisia mentirosa, que o caracteriza. Como sempre o fez, aliás!

A qual, advém do facto de teologicamente, nos querer - à força - imputar uma transcendência, não comprovada quanto ao nosso género, Homo sapiens! Isto é, do Criacionismo - teísta. E da existência de almas.

Mas a verdade é que se teoricamente - embora dificilmente - o conceito de Deus se possa admitir, tanto científica como logicamente, tal existência - teodiceia - é indemonstrável. E, se assim é, vamos condenar a

Vasco Riobom

Humanidade a continuar a viver o logro em que se situou durante milénios? Isto é, desprezar cuidados de melhores condições de vida - vida física e social, é claro - em nome de uma transcendência mais que duvidosa, digo mesmo, improvável, dados os últimos conhecimentos da Física e pese ao princípio da Indeterminação de Eisenberg! (1)

Portanto, se a teodiceia é indemonstrável, muito mais o é a Teologia. Fundamento, antilei da liberalização do aborto do CDS!

Um brevíssimo apanhado das doutrinas que admitem tanto a teodiceia como a já caída em esquecimentos Psicologia racional (2), na qual se discutia sua essência e existência, conceptualmente, ajudará a melhor situar o problema!

E porque esse conceito de Deus é uma longa enumeração de confusões inadmissíveis nos nossos dias, abordemos um pouco a história da teodiceia-teologia.

Cakia-Mouni, o primeiro ateu que existiu - 500 a.C. - refuta a chamada **karma** ou doutrina hinduísta das encarnações e advoga o Nirvana. O Buda, protesta contra três factores: doença, miséria e prostituição. Que são os tais três factores cuja existência, o CDS, disfarçadamente, admite como bons! E portanto, defensá-

veis, não sendo justo abortar em nenhuma condição!

Dostoiévski (4), rejeita a ideia de Deus, visto a existir, ter de ser considerado como o autor do sofrimento. Principalmente, o das crianças! Depois, a ideia de que o tal Deus, tenha quaisquer conexões connosco é de rejeitar. E a ausência do conceito de pecado-morte de Deus: Nietzsche (5), não obsta de modo nenhum à conservação dos conceitos de responsabilidade, fraternidade, liberdade e igualdade.

Por conseguinte, a solução parece simples: os crentes na transcendência continuarão a não praticar abortos como até aqui - a não ser os que os praticavam às escondidas, que era a grande maioria, sacrificando suas vidas à sua ideologia - e os não crentes, passarão a ter a possibilidade de os fazerem quando disso for mister! Tomando a responsabilidade do inferno e tudo! É com eles. E ao menos, os abortos passam a ser feitos em condições sócio-ético-terapêuticas aceitáveis e não, terrivelmente perigosas como até agora.

Ora, as estatísticas falam certo embora nem tanto como deveriam fazer-se se fossem cuidadosamente elaboradas, claro está, sobre a existência de milhares de óbitos entre nós, devidos a partos em más condições, que afinal, em vez de partos eram abortos.

Portanto, deixando de querer

impor os mitos citados à Saúde Pública, avancaremos francamente na salubridade, educação e dignidade deste povo português.

Duas palavras apenas mais, quanto à alma.

O que é? Onde se situa como se desenvolve?

Onde surge ela em conexão com o corpo humano?

Em que cromossomas? Em que fase embriogénica do desenvolvimento do feto! Há hipóteses (6) da alma no corpo? Há a cessação de tais uniões? Liga-se ao corpo, quando? No orgasmo? Na união do óvulo ao espermatozóide? Na mórula, gástrula ou blástula? (7) Ou só no momento do parto? Nesse caso, seria pneumática!

(1) Eisenberg - princípio que relaciona a subjectividade do observador com a possibilidade da experiência.

(2) Teodiceia - ciência metafísica que tratava da confirmação racional da existência de Deus.

(3) Psicologia racional - o estudo das faculdades pela razão especulativa.

(4) Dostoiévski - notabilíssimo escritor russo do séc. XIX. Morreu em 1881. Põe no romance Os irmãos Karamazov o problema do sofrimento das crianças e a sua injustiça.

(5) Nietzsche - filósofo alemão 1844-1900 que advogava a substituição dos valores cristãos por valores humanos, quase sempre agressivos e racionais.

(6) Hipótese - doutrina metafísica segundo a qual - Plotino - o ser divino, vem informar a essência humana.

(7) As diferentes fases primitivas do desenvolvimento dos embriões-fetos-humanos.

* Faleira dos HCL. Licenciado em Filosofia

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

INFORMAÇÃO

Aplicação de taxas moderadoras no âmbito dos Serviços Médico-Sociais

Consultas		Visit. Domiciliárias		Art. Analises Clínicas	Anatomia Patológica	Radiografias	Radioterapia	Med. Física e Reabil.	Electro-cardiograma e traçados	Taxa por Receita
SMS	SAP	SMS	SAP	25\$00	120\$00	120\$00	120\$00	150\$00	100\$00	25\$00*
30\$00	100\$00	120\$00	150\$00							

ISENTOS DE PAGAMENTO

- Mulheres, na assistência pré-natal e puerpério.
- Filhos de utentes até 12 meses de idade.
- Pensionistas da pensão social.
- Pensionistas da pensão de invalidez, velhice, sobrevivência e orfandade.
- Beneficiários do abono complementar a crianças e jovens deficientes.
- Beneficiários do subsídio mensal vitalício.
- Internados em estabelecimentos oficiais ou instituições privadas de solidariedade social, sem fins lucrativos.
- Pensionistas da Cx. Nac. de Seguros de doenças profissionais, com incapacidade não inferior a 50%.

* NOTA:

Estão excluídos da obrigação de prescrição de uma só embalagem, as situações de doença que requerem tratamentos prolongados, desde que o médico especificamente refira na prescrição tratar-se de "doença crónica".

Nesse caso, por tipo de medicamentos, pode o médico receitar até um mês de tratamento, sendo devida uma só taxa.

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Roma torna-se negra

Franco Rizzi

Roma como Nova Iorque, Paris, Londres? A imprensa italiana que na manhã de 22 de Março de 1979 anunciava o assassinato de um somali de trinta e dois anos, queimado vivo enquanto dormia enrolado numa folha de cartão, sob o pórtico de uma igreja do centro de Roma, perguntava se os italianos seriam racistas. Uma morte atroz, o problema angustiante de saber porquê, três jovens primeiros condenados, depois ilibados num supremo tribunal de justiça, e a Itália que descobria de modo dramático, que se tornara um país de imigração. O fenómeno é recente e tomou em Roma proporções enormes, sobretudo entre 1977 e 1980. Com certeza, ainda se está longe de cidades como Paris ou Londres, mas assiste-se ao despojar de uma situação que começa a interessar os sindicatos e as forças políticas, que descobrem que a legislação é incapaz de fazer face aos problemas levantados por esta mão-de-obra estrangeira.

Mas quantos são eles? Os números são flutuantes e contraditórios; as estatísticas oficiais só têm em conta as pessoas possuidoras de uma licença de trabalho regular, e abstraem de todos aqueles cuja situação é irregular, muito mais numerosos, talvez meio milhão. Segundo a CGIL (Confederazione General Italiana del Lavoro) (1), existiriam em Roma perto de 30 000 trabalhadores de cor. Os sindicatos tentam intervir nesta realidade; a CGIL, a primeira a dar-se conta, lançou um inquérito sistemático, segundo o qual os imigrantes para Roma vinham da Bacia Mediterrânea e do Médio Oriente (20,4%); das ilhas de Cabo Verde, do Sul do Sara, da Etiópia e da Somália (55,7%); da América Central e do Sul, das Antilhas, do Paquistão e das Filipinas (23,9%).

As línguas por eles faladas são o árabe, o francês, o inglês e o castelhano. O seu trabalho: a maior parte das mulheres são domésticas, os homens são empregados de café, lavadores de loiça, carregadores, vendedores ambulantes; uma minoria emprega-se na agricultura. Nas outras regiões, o emprego da mão-de-obra estrangeira segue as flutuações do mercado de trabalho.

A escolha das mulheres

Abdel é um egípcio de 27 anos que trabalha numa garagem da capital. Ultrapassando uma compreensível desconfiança, explicou-me como decidira vir para Roma. «Tinha amigos aqui que me arranjaram lugar. E de pois não é nada difícil entrar em Itália». Um clandestino como tantos outros, duvidoso com toda a razão e consequentemente pouco loquaz. Mas disse o importante. Na ausência de uma verdadeira regulamentação, são os familiares e amigos que já trabalham em Itália que atraem os seus compatriotas. Ainda para mais, a presença constante de milhões de turistas em território nacional torna mais difícil o controlo das licenças de permanência; o risco de expulsão é calculado, e pesado com antecedência.

Para além disso o inquérito da CGIL mostra que uma boa parte dos estrangeiros chegam a Itália já munidos de um contrato ou pelo menos de um lugar arranjado por qualquer intermediário. Alguns de entre eles (16%) escolhem a Itália por pensarem não ser a sociedade italiana racista, sobretudo Roma, por ser a sede do Papado. Mas também escolhem Roma porque a falta de empregados domésticos, de mulheres a dias sobretudo, aí faz afluir um grande número de mulheres de Cabo Verde, das Filipinas, da Somália, da Etiópia. Os



homens preferem ir para outro sítio, enquanto que as mulheres escolhem a Itália por pensarem aí encontrar condições favoráveis ao trabalho doméstico, ao ponto de alguns falarem de um «fluxo migratório feminino». Mesmo neste caso, é sempre a presença de familiares e amigos que favorece este tipo de migração, mas a procura de emprego é muitas vezes levada a cabo por instituições religiosas que se encarregam de encontrar lugar numa família. A paróquia, o bar, a discoteca ou a gare Termini, funcionam como pontos de encontro informais, onde se trocam opiniões e conselhos.

Vagões e pórticos

De facto não existe em Itália nenhuma estrutura oficial organizada que ajude os estrangeiros a encontrar um emprego. É essencialmente o grupo nacional a servir de mediador entre os imigrantes e a cidade e que tende por isso mesmo a estabelecer ligações fechadas em relação aos italianos, como em relação a outros imigrantes. Isso não impede que a procura de um emprego e de uma habitação se tornem preocupação obsessivas, ao ponto do segundo estar em via de transformar a economia de alguns bairros. Escolhe-se um sector da cidade — em Roma trata-se das ruas, praças e bares que separam a «piazzina» (praça) Vittorio da «piazzina» Indipendenza — por aí se encontram pensões ou hotéis de baixo preço, mas por seu turno a presença de imigrantes leva à criação, mais ou menos legal, de apartamentos ou de camas para alugar.

Ainda não se chegou ao alugar de um bocado de parede para apoiar a cabeça e repousar, mas a ausência de controlo encoraja estas situações ruins para a saúde e a higiene. Uma cama custa perto de 2500 liras por noite (12.50 F = 156\$00 mais ou menos) para alguém que geralmente não ganha mais de 200 000 liras por mês (1000 F = 12 000\$00 mais ou menos), o encargo é considerável. Alguns que não conseguem chegar a tal soma, não têm outra escolha senão os vagões da estação, os desvãos de qualquer prédio dos arredores, o pórtico de uma igreja ou as pedras da calçada. Os que têm sorte, pernoitam em casa dos patrões, mas a que preço! Os quartos são geralmente minúsculos: uma cama,

uma mesa, uma cadeira, um espaço de armário e todo o espaço está ocupado. Por vezes recorre-se a antecâmara de uma loja ou de uma cozinha de restaurante. Não existe vida privada nestas condições, não só devido a um espaço reduzido, mas também devido às invectivas do patrão que proíbe ao seu empregado receber visitas ou mesmo sair depois do trabalho.

É o caso de um casal de somalis: ele, criado de quarto numa família romana de recursos, ela criada de quarto noutra boa casa. «Sabem, explicam eles, só nos podemos ver às quintas e domingos depois do almoço: ninguém tem já direito a mais de dois meios dias de feriado semanal. E para nos amarmos, temos que ir para uma pensão». Assim já não nos admiramos que a grande maioria dos trabalhadores estrangeiros evitem casar (73,3% são celibatários), o que não impede, com casamento ou não que os problemas das relações sociais e privadas continuem na mesma. Para além disso, a presença do empregado sob o mesmo tecto que o seu patrão, sobretudo quando se trata de trabalho doméstico feminino, conduz quase automaticamente a um aumento das horas de trabalho, sem retribuição suplementar. A instabilidade, a falta de segurança no emprego favorecem todos os tipos de chantagem. Por exemplo, basta que o patrão a isso seja hostil, e o empregado não pode frequentar um curso de línguas. «Eles estão aqui para trabalhar e não para estudar» — é uma resposta que muitas vezes se ouve, ao inquirir da razão de tanta hostilidade. Com toda a razão, o ler e o escrever nunca favorecem muito a exploração...

O problema da instrução, particularmente a dos analfabetos, só foi abordado até agora por associações nacionais que organizavam cursos. A maioria dos cursos de italiano são ministrados por instituições religiosas, que no domínio da assistência aos imigrantes reencontraram um novo vigor.

Um elevado nível de instrução

Entretanto o inquérito trouxe à superfície o elevado nível de instrução da maior parte dos imigrantes, que muitas vezes tem oito anos, ou mais, de escolaridade. Daí um grande desnível

em relação ao trabalho que na verdade exercem. Muitos guarda-livros, enfermeiras, professores primários, podem encontrar-se nos relatórios, exercendo um trabalho doméstico que só muito raramente corresponde (por exemplo, no caso da assistência a um doente), à sua formação profissional, ou mesmo ao trabalho que precedentemente exerciam. Do mesmo modo, muitos são os egípcios ou os norte-africanos, diplomados, que são empregados de mesa num restaurante ou serventes numa garagem.

Prevê-se para os próximos anos um aumento da população imigrante em Itália, devido quer a uma real estagnação demográfica quer a uma provável recuperação económica. Torna-se necessário elaborar uma legislação que tenha como objecto a paridade de direitos entre trabalhadores imigrantes e trabalhadores italianos. As forças políticas tomam consciência, muito lentamente, de um fenómeno que não pode ser abandonado à improvisação e à boa vontade desta ou daquela organização confessional, ou ainda às iniciativas sem escrúpulos dos mercadores de mão-de-obra.

Contrariamente ao que parecem acreditar o governo e a Polícia, nem as leis nem as medidas de ordem pública são suficientes para regular o problema. É necessário criar bases culturais que tendam a integrar na realidade italiana os homens e mulheres que venham trabalhar para Itália. Talvez seja ainda muito cedo para falar de racismo, mesmo se alguns episódios nele já permitam pensar. Os juízos que os imigrantes terão sobre a população romana estão impregnados de boa vontade, e mesmo de simpatia ou amizade sobretudo quando se trata de norte-africanos, egípcios ou somalis. Mas serão suficientes para conjurar o racismo? Como afirma uma jovem cabo-verdiana, doméstica em casa de uma família da burguesia romana, é necessário estar-se alerta, pois verificam-se já manifestações de hostilidade, sobretudo em relação às mulheres. Os italianos ainda não falam dos trabalhadores estrangeiros como ladrões de empregos, mas podemos nos inquietar, por exemplo, com o tom da imprensa quando aborda o problema; os jornais dando prioridade aos «faits divers» que dizem respeito às pessoas de cor e raramente levando a cabo inquéritos sobre as condições sociais e de trabalho dos imigrantes, criam o risco de fazer nascer as dúvidas e a hostilidade.

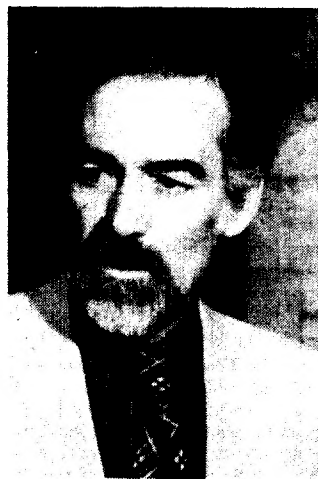
Acontece já que a presença maciça de estrangeiros vindos de África ou do Médio Oriente provoca a desertão dos apartamentos nos bairros por eles habitados, e isto numa Roma paralisada pela crise habitacional. A burguesia prefere vender ou alugar, correndo o risco de não encontrar (ou de encontrar difícilmente) onde habitar. Na região de Reggio-Emilia o patronato emprega 1000 estrangeiros, sobretudo norte-africanos, num local, em que 4000 pessoas estão no desemprego e outras 2000 em desemprego técnico. Aceitam tudo, os que protestam são despedidos... É tão simples não renovar a licença de estadia... A calma aparente, a falta de acontecimentos particularmente importantes, a indiferença muitas vezes divulgada quanto aos trabalhadores estrangeiros não conseguem esconder o facto de que ainda ninguém chamou a si o ensejo de acabar com estes abusos.

(1) Confederazione General Italiana del Lavoro.

ponto a ponto



● O secretário-geral do PCP, **Álvaro Cunhal**, fará a sua primeira intervenção pública depois da greve geral de ontem, em Alcochete, na tarde de amanhã. Cunhal discursará durante a sessão de encerramento da Assembleia de Organização de Alcochete do PCP, com início previsto para as 14.30.



● O tenente-coronel **Vitor Alves**, presidente da Comissão Nacional das Comemorações do dia 10 de Junho, revelou, em São Paulo, que elas ocorrerão nas principais cidades brasileiras por iniciativa de 200 associações dispersas. Reunido com a imprensa, Vitor Alves expôs o programa que será cumprido em Portugal e nos núcleos de emigrantes, no dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas. «O que pretendemos com esta comemoração — disse — é reunir todos os portugueses em torno da ideia nacional e criar espaços de diálogo, valorizando o conceito que nos une e que é o de sermos todos filhos da mesma Pátria».

● O interesse norte-americano por Portugal — considerou rádio Moscovo num primeiro comentário à visita de Alexander Haig a Lisboa — «é ditado exclusivamente pelo desejo egoísta dos estrategistas da NATO de reforçarem o potencial bélico do bloco». A disposição portuguesa de permitir escala nas Lajes às forças de intervenção rápida norte-americana, acrescentou a emissora, poderá vir a envolver Portugal no conflito do Médio Oriente, em caso de agravamento da situação. O comentário — assinado por Alexei Gueorguiev — foi inserido nas emissões daquela estação para Portugal, constituindo a primeira reacção do Kremlin aos resultados da deslocação do secretário de Estado a Lisboa.

● O Primeiro-Ministro **Pinto Balsemão** desloca-se amanhã a Figueiró dos Vinhos acompanhado pelo ministro da Justiça Meneses Pimentel. Balsemão aproveitará a deslocação para inaugurar o novo Palácio de Justiça daquela localidade, empreendimento que, segundo uma nota da Presidência do Conselho, «insere-se na execução do projecto de criação de todos os equipamentos necessários ao eficaz funcionamento dos tribunais e restantes serviços do Ministério da Justiça».

● O secretário-geral do PS, **Mário Soares**, recebeu na sede nacional do partido, em Lisboa, o embaixador de Angola, Adriano Sebastião. Um comunicado do PS indica que «no encontro foram tratados assuntos de alto interesse para os dois países» e que o mesmo «decorreu em espírito de grande cordialidade que confirma a excelente cooperação entre o PS e a RPA». A nota socialista, que não adianta mais pormenores, informa que ao encontro, feito a pedido do diplomata angolano, assistiu o responsável pelas relações internacionais do PS, Rui Mateus.



● O chefe do Estado-Maior do Exército, **general Garcia dos Santos**, parte amanhã para os EUA, a convite do CEME daquele país, general Meyer. Nos EUA contactará com diversas unidades do exército e com os seus responsáveis. Acompanham o CEME, o chefe de gabinete e o chefe de repartição de operações do EME. A visita incidirá sobre unidades especiais sob o ponto de vista operacional e de instrução, e inclui reuniões no Pentágono e visitas a quatro comandos militares instalados em Washington, Geórgia, Virgínia e Florida.



● O Ministério dos Negócios Estrangeiros informa que o secretário de Estado **Leonardo Matias** teve um encontro com o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros para os Assuntos Políticos da Arábia Saudita, com quem abordou questões relativas à situação no Médio Oriente. Foram igualmente estudadas as possibilidades de estreitar as relações políticas e incrementar as relações económicas bilaterais.



Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral

Na margem Sul Trabalhadores e população unidos

A margem Sul, Almada, Cova da Piedade, Seixal, Barreiro, Montijo são zonas de forte contração operária, de grandes tradições de luta e onde mais facilmente poderia reflectir-se o «carácter insurreccional» da greve, como o Governo dizia, se ele de facto existisse. Mas o civismo, a maturidade política e uma consciência muito nítida da razão que lhes assistia, foram também aqui os factores dominantes do cenário que envolveu a primeira greve geral do movimento operário português, após o 25 de Abril.

A paralisação era praticamente total e o nível de adesões foi de tal ordem que houve empresas que pararam pela primeira vez desde o 25 de Abril.

A população contribuiu para tornar visível a expressão da greve através de numerosas concentrações, em diversos locais, designadamente na Cova da Piedade, onde chegaram a juntar-se alguns milhares de pessoas.

Os «transportes alternativos» do Governo andaram às moscas e muita gente preferiu fazer algumas longas caminhadas a pé a utilizá-los.

Em alguns locais foram tentadas provocações, sob pretextos vários, mas esbarraram com uma fleumática indiferença dos grevistas e seus apoiantes.

Toda a margem Sul se encontrava paralisada e o grau de mobilização conseguido pela CGTP-IN deverá ter excedido as previsões, abrangendo desta vez franjas da população que não era habitual ver em manifestações deste tipo.

Muita gente que por razões diversas, por intimidações dentro de pequenas empresas, não se sentiu com coragem ou condições para fazer greve acabaria por participar em concentrações.

O aparelho repressivo montado pelo Governo, que visava muito especialmente esta zona, não teve pretexto para intervenções. Carros da PSP e jipes da GNR limitaram-se, tanto quanto pudemos observar, a circular e a fazer algumas passagens pelos locais onde havia maior aglomeração de pessoas.

A «Insurreição»

Será que o Governo acreditava mesmo que a greve geral de ontem era uma «insurreição»? O Governo terá mesmo confundido uma greve geral com uma «insurreição»? Se acreditou e fez essa confusão é no mínimo inquietante. S. Bento pode passar a ser de novo S. Bento dos anos 50 e os seus novos locatários não tardarão a considerar as liberdades democráticas como tenebrosos actos subversivos.

Mas vamos dar um exemplo que ilustra bem o carácter insurreccional da greve de ontem.

Lisnave, 4 da tarde. Um dos mais fortes baluartes do operariado português. São cerca de oito mil operários que ali trabalham. Ontem nem um parafuso mexeu.

Na entrada principal dois grandes painéis alusivos à greve, um deles caricaturando o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão. Ali as adesões foram praticamente a 100 por cento. Dezenas de operários e elementos dos piquetes de greve concentram-se no local. Entre eles passeia-se, agitado, mas apesar de tudo com um ar paciente, um sujeito bem vestido que, era óbvio, nada tinha a ver com os demais.

Informam-nos que era um director dos estaleiros. Pelo que apurámos não desfrutava de qualquer popularidade entre os operários. No entanto ninguém o molestou. Nem uma palavra desagradável ouvimos. Era pura e simplesmente ignorado.

Pouco depois chegam à portaria, para saírem três fura-greves. Era uma secretária e dois administrativos. Para saírem são obrigados a passar entre o piquete de greve e uma pequena multidão compacta de operários. A sua aproximação abre-se entre eles um espaço livre. Os fura-greves passam, comprometidos, de olhos no chão. Também para eles nem uma simples palavra.

Mas que insurreição está!

Um elemento do piquete de greve fez-nos o ponto da situação.

«Aqui entraram apenas meia dúzia de filiados do SIMA mas a administração mandou-os para o desemprego. Não existiam condições de segurança industrial para trabalharem. O serviço de prevenção de acidentes veio prestar trabalho voluntário mas só para garantir a segurança da empresa não colaborando na laboração normal, o que não permitiu que os fura-greves trabalhassem».

Era a hora de mudança de turnos. Começam a chegar autocarros que a administração havia alugado para transportar os operários que quizessem trabalhar. Vinham todos vazios, o que provocava manifestações de regozijo entre os presentes.

«Vê. Não trazem ninguém. Aqui bem têm tentado esmagar-nos mas nós resistimos sempre».

Uma avestruz

O panorama era idêntico em toda a margem Sul e em vários locais designadamente na Cova da Piedade havia concentrações que decorreram com a maior tranquilidade, apesar de numerosos provocadores que surgiram em variadíssimos locais.

No Barreiro, para além das unidades industriais, o comércio esteve encerrado também na sua grande percentagem, numa solidariedade expressa com os trabalhadores daquele importante centro industrial.

Um pequeno comerciante explica porquê.

«Não pertenço a nenhum sindicato, nem a nenhum partido político, mas mete-se pelos olhos dentro que o meu negócio depende dos trabalhadores desta terra. É com eles que eu vivo».

Se não tiverem poder de compra tenho que fechar a porta. E nos últimos tempos posso dizer-lhe que a situação é bem grave e que as vendas desceram quase para metade. Não há dinheiro».

Mas o comentário mais curioso que captámos surgiu também na outra banda, proveniente de um pequeno grupo que se aglomerava à volta de um indivíduo munido de um transistor.

«Este Governo é uma grande avestruz que mete a cabeça debaixo da areia e não vê o que lhe está à frente dos olhos».

Não se tratava de relato de futebol, porque futebol, pode dar alegria ou tristeza mas não faz rir. Ouviam pura e simplesmente os noticiários da RDP sobre a greve e os comentários oficiais. A maneira como se negava o que estavam a ver nos próprios locais, com os seus próprios olhos, justificava as gargalhadas. Mas neste aspecto a tónica geral era uma profunda indignação.

Augusto Vilela

Lisboa dia doze

Do folclore da Baixa à Marvila dos operários

Ontem Lisboa eram duas cidades. Na «baixa» e nas zonas altas, imperava a AD, com os seus autocolantes a dizer que eram livres, as provocações e a arrogância daqueles que jogavam em casa. Era a Lisboa dos bancos, do comércio, dos serviços. As provocações e a tensão haviam-se iniciado logo pela madrugada, depois do comício da AD no Pavilhão dos Desportos.

Na zona ribeirinha, e, sobretudo, de Santa Apolónia em direcção a Sacavém, outro galo cantava. A excepção do comércio e de uma ou outra pequena oficina ou armazém, era a paralisação quase geral. Crianças, velhos e patetas a subverter a lógica e a dizer que a liberdade é fazer aquilo que o homem, e sobretudo os escravos, sempre foram obrigados a fazer — trabalhar — não se via nem um. Ali, a evidência era demonstrada: os homens e as mulheres livres, que em Abril conquistaram a liberdade, usavam-na e faziam a greve em protesto contra um Governo que não lhes serve.

Na baixa, os adés tentaram demonstrar que dominavam a situação e que a greve não existia. De facto, no Rossio, com a ajuda da coacção exercida pelos patrões sobre muitos trabalhadores do comércio, a situação era quase de normalidade, não fossem o caos do trânsito provocado pela greve dos transportes, a presença massiva e ameaçadora da Polícia de Intervenção e a tensão que se vivia nos passeios.

Provocações começaram de madrugada

Aí, tudo começou pela madrugada. Os adés foram largados do Pavilhão dos Desportos no final de um comício marcado pela histeria colectiva. Espalharam-se pela cidade em caravanas automóveis ensurdecadoras, pouco recomendáveis para quem «trabalha no dia 12». No Rossio, pouco passava da meia-noite, começaram a festa arrancando e queimando faixas de pano alusivas à greve e agredindo miúdos de 12 e 13 anos, que por ali vivem vendendo pensos e usando outros expedientes. Concentraram dezenas de automóveis na placa central, e dali partiram à conquista da praça praticamente deserta. Quem pagou as favas foram os «putos dos pensos», as faixas a apelar a greve e a tranquilidade de quem queria dormir.

Pela manhã recomeçou a fita. Os que queriam trabalhar passeavam-se por toda a baixa mostrando pelos seus autocolantes que andavam a trabalhar. Dezenas de activistas vitoriam

o Governo AD gritavam que «assim se vê a derrota do PC» e aplicavam sem apelo o autocolante dos «livres» na lapela dos transeuntes.

«Livres» à força

Desde crianças de colo a velhinhos, como aquele que dizia «trabalhei 55 anos», tudo servia para pôr autocolantes e dar à baixa o ambiente pretendido. A rua estava por conta deles. Os trabalhadores em greve ficaram-se pelas suas zonas de residência ou de trabalho, sendo poucos os que se deslocaram para o Rossio, onde apenas se viam alguns grevistas do comércio que distribuíam informações sobre a situação nas empresas, em frente do seu sindicato.

Os que se diziam «livres» não poupavam os «piropos» em direcção aos grevistas, sobretudo isolados. «Furar a greve, não obrigado» exibia no peito uma jovem que alguns «livres» provocavam «eu é que a furava toda» («ainda ficas é com os cornos furados ó faxo!», retorquiu a rapariga sem papas na língua). Outros, quando alguém recusava que lhe pusessem o autocolante, berravam excitados: «vai p'ra Rússia ó comuna».

Aliás o refrão da Rússia e da Polónia andava na boca dos adés. Polónia para aqui, Polónia para acolá, mais o «vosso patrão do Cunhal» e, às vezes, só não rebentava estalada por um fio. A Polónia, porém, era de facto o ponto forte das discussões, por vezes correctas, que por ali se geravam. E às vezes, apesar de



Em dia de greve e a fazer piquete também se come

constituir um evidente pretexto para fugir à discussão das razões concretas da greve, era um sapo bem difícil de engolir para muitos que até estão verdadeiramente solidários com os trabalhadores polacos e estavam ontem em greve contra o Governo AD.

Mas a feira do Rossio, o folclore da baixa (e da «alta»), não era Lisboa toda e muito menos Portugal.

Marvila: «os putos fizeram-lhes o manguito»

Nas zonas operárias a música era outra. Do Poço de Bispo em direcção a Sacavém, a greve era quase total. Aquela que em 1975 chamavam a oitava zona manteve a sua tradição de luta. Desde o Porto de Lisboa à construção civil (Amadeu Gaudêncio, nomeadamente), passando por quase todas as empresas fabris da região, a percentagem de adesões à greve rondava frequentemente os 100 por cento.

As próprias escolas pararam em grande número: D. Dinis, escola secundária de Chelas e até escolas primárias. «Ali naquela havia uns professores adés e uns ugêts que vieram, mas os putos fizeram-lhes o manguito».

dizia-nos em Marvila um operário da construção civil.

«Livres» não se viam. Um reformado, explicava-nos porém no Poço do Bispo, «se não fossemos nós e as greves que fizemos e havemos de continuar a fazer, esses finacos iam parar a Caxias se andassem com papéis a dizer que eram livres». Aí os trabalhadores em greve conversavam calmamente às portas das fábricas, nas ruas e nos largos. Em diversos locais havia placards com as percentagens de adesões nas empresas da freguesia. Camionetas com operários e bandeiras vermelhas circulavam por aqui e por ali. Nalguns casos, havia música e canto livre.

Os comunicados com os resultados da paralisação no resto do País eram passados de mão em mão e o clima era de grande confiança, apesar do comércio e algumas pequenas empresas manterem as portas abertas.

«Como vês não somos faxos»

Frente a um placard, em Cabo Ruivo, uma mulher exclamava para outra: «como vês na 'Barros' não somos faxos; 96 por cento. Só pararam os dos contratos». E o miúdo para a mãe: «aldrabões, 100 por cento na EPAL, mas o pai fez greve», e a mulher a explicar a aritmética: «são 100 por cento mas é de adesões à greve, quer dizer que ninguém trabalhou!»

E o estivador, a olhar para o cartaz e a dizer, «os gajos do Governo têm tão pouca vergonha que dizem que está tudo a trabalhar». A lista era a seguinte para Marvila/Cabo Ruivo: Baptista Russo 100 por cento, Carris, 80, Bruno Janz 95, FAPAE 90, C.T. Hospitalar 95, Sorel 75, H.C. Ferreira 95, UTIC 70, Synres 100, ECA 70, Cimpomóvel 70, CIP Colónias 95, Indep (ex-FMBP) 77, Petroquímica 80, Barros 96, Metalúrgica L. Italiana 80, Fósforos 94, Entrepósito 70, EPAL 100, S.N. Sabões 97, Jomotel 99.

Ontem, havia duas Lisboas: a operária e a do comércio e serviços. Na primeira, a greve foi um êxito. Na segunda, a greve foi o caos do trânsito, o folclore do Rossio, as provocações, a violência policial e a coacção sobre alguns trabalhadores que queriam aderir.

Infelizmente, na maior parte dos casos, quem viu uma, não viu a outra.



A Baixa de Lisboa esteve durante todo o dia ocupada por muitos milhares de pessoas

J. A. Cerejo

Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral •



Rossio, minutos depois da carga policial. François Dauteuil, jornalista canadiano, nove pontos na cabeça

Como nos "velhos tempos"

Polícia ataca no Rossio

A meio da tarde de ontem ocorreram no Rossio violentos incidentes entre forças policiais e populares que se encontravam naquela praça do centro da cidade.

Faltavam sete minutos para as quatro quando uma desinteligência provocada, segundo o comando da PSP de Lisboa, pela passagem de um carro da AD, e que envolveu, de acordo com testemunhas oculares um portador de uma máquina fotográfica, deu origem a tumultos. Os agentes da polícia destacados no local iniciaram uma «operação de limpeza» da zona. Pouco depois, um graduado da PSP chamou pela rádio cinco carrinhas do corpo de intervenção estacionadas junto à esquadra do Teatro D. Maria. Chegadas ao Rossio, os agentes da P. I., que se encontravam prontos a intervir desde as sete horas da manhã, desencadearam uma violenta carga globalmente «cega» nos seus objectivos. Um activista sindical da CGTP foi detido e enviado para a esquadra do D. Maria, vindo mais tarde e com a presença de um advogado da Inter, a ser libertado. Cinco feridos recorreram aos serviços do banco de urgência do hospital de S. José, entre os quais Artur Rodrigues, candidato nas listas da APU às últimas eleições legislativas. Também um casal de jovens suíços, há três dias de férias no parque de campismo de Monsanto, que «desembarcaram» no Rossio vindos de uma visita ao Jardim Zoológico, viram-se envolvidos pela acção policial.

Desconhecedores do terreno e da greve do Metro, tentaram refugiar-se numa das «bocas», quando verificaram que a porta gradeada estava encerrada. Facilmente encurralados pelos agentes da Polícia de Intervenção, viriam mais tarde a ser submetidos a tratamento. Jean René Roth manifestou a intenção de apresentar queixa no Consulado da Suíça, visto que a sua companheira se encontra bastante maltratada.

Jornalistas agredidos

Também foram agredidos jornalistas que se encontravam no centro da praça do Rossio, entre os quais correspondentes da BBC e da rádio espanhola. Por outro lado, José Gomes e um seu

companheiro da RTP e os jornalistas do semanário «O Jornal», Carneiro Jacinto e Joaquim Bizarro, foram também atingidos pela carga policial. De acordo com o testemunho de Carneiro Jacinto, o elemento da equipa de reportagem da RTP foi perseguido em diversos pontos do Rossio, tendo sido danificado o material que transportava. Carneiro Jacinto, com a marca do bastão da frente ao olho esquerdo, e o seu camarada Joaquim Bizarro, flagelado nas pernas e nos rins, pelos cassetes policiais, não conformados com a apreensão do seu material fotográfico dirigiram-se à esquadra do D. Maria, para pouco depois protestarem junto do ministro da Administração Interna, e «chefe» de algumas polícias. Segundo apurámos, Ângelo Correia apresentou desculpas pelo sucedido. Por fim, Carneiro Jacinto sublinhou a diferença de comportamento entre a Polícia de Segurança Pública e o Corpo de Intervenção. «Estava deitado no chão e gritei: sou jornalista! Só que o P. I. continuava a bater. Foi o chefe Madeira que aos gritos de **esse não, esse não**, me salvou».

Pedagogia da matraça

Durante o resto da tarde e parte da noite de ontem, o Rossio continuou a ser palco de diversos incidentes, sendo as muitas centenas de pessoas presentes no local (diga-se que com largas tradições na matéria) repetidamente submetidas a autênticas sessões de pedagogia da matraça.

Ilídio Oliveira Rodrigues lembrou-se de dar um «Viva à Greve Geral!». Eram 16.30. Imediatamente lhe caíram em cima vários agentes da ordem. Levado para a esquadra do D. Maria, continuou a ser espancado por 3 agentes da PSP, a murro, pontapé e joelhada, na cabeça e no estômago. Vai a julgamento no dia 15, às 10 horas.

António Zóximo, um pacato cidadão português, quis «ir ver a greve». A PSP fez com que ele talvez nunca mais esqueça este dia 12 de Fevereiro de 1982...

Estava no Rossio quando começaram os incidentes. Viu a Polícia prender uma pessoa e interveio junto das autoridades só para dizer que não havia razão para uma tal atitude. Os agentes da PSP não o quiseram ouvir e levaram-no também para a esquadra. Mal aí entrou começou a

ser espancado (em presença de um comissário) por uma polícia que, de imediato, lhe partiu os óculos.

Quando, depois de quatro horas de espera, foi identificado (identificação que a Polícia escreveu nas «costas» de um boletim do Totobola), António Zóximo queixou-se a um graduado daquela corporação policial de que tinha sido vítima de uma agressão em presença de um comissário. Interrogado pelo seu superior, este afirmou que tal não passava de uma mentira e, para apoiar uma tal afirmação, chamou dois polícias.

Comentário de António Zóximo ao «DL»: «mas e para além do mais a Polícia também pode ser juiz em causa própria?».

Ao princípio da noite, quando começaram a ser conhecidos os primeiros resultados globais da greve, a tensão subiu no Rossio. P. S. P. e P. I. mandaram os seus automóveis e revistaram os (principalmente os que levavam bandeiras da Inter (cujos paus eram imediatamente partidos). Várias pessoas sofreram interpeções do género: «Que livros são esses que leva aí?».

Ângelo Correia condena «agitadores»

Um comunicado do Ministério da Administração Interna, dirigido por Ângelo Correia, ontem à noite, condena «os agitadores já identificados e detidos que «promoveram» os incidentes do Rossio «de que resultaram ferimentos em pessoal da PSP e em cidadãos». Esta versão do MAI sobre o que se passou no Rossio contradiz incredulamente a versão de numerosas testemunhas presenciais dos factos, entre elas agredidos pelos agentes da P. I.

No mesmo comunicado, o MAI lamenta as agressões de que foram alvo jornalistas naquela praça, elogia a PSP e a GNR e descreve como «provocações e ilegalidades à vida colectiva» (o português indica que a redacção deve ser do próprio ministro) telefonemas ameaçando com bombas, pregos atirados para ruas, incêndios em duas escolas, encerramentos de mercados, tentativas de corte de água e luz em várias zonas do País, agressões provocando ferimentos graves em agentes da PSP — como se tudo isto fosse um conjunto de acções articuladas, coerentes.

Governo diz que neutralizou «uma tentativa terrorista»

Em nota oficiosa assinada pela «Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Administração Interna» o Governo diz ter detectado «movimentações minoritárias destinadas a pôr em causa a ordem e a segurança dos cidadãos» que sucederam a «diversas perturbações pontuais da normalidade democrática verificadas ao longo do dia, tais como actos de sabotagem, tentativas de boicote no funcionamento de serviços essenciais e manifestações destinadas a condicionar fisicamente o livre exercício dos direitos fundamentais dos portugueses».

Diz depois o Governo que «numa viatura apreendida foram encontrados documentos que estão a ser analisados, fitas magnéticas contendo proclamações ao país e ainda diverso armamento de guerra» e acrescenta que os indivíduos detidos estão a ser interrogados e serão oportunamente entregues ao poder judicial dentro dos prazos legais.

E a nota acaba assim: «No dia 12 de Fevereiro de 1982 os trabalhadores portugueses derrotaram, de forma esmagadora a tentativa frustrada de greve comu-

nista. No mesmo dia o Governo com o concurso das forças de segurança, neutralizou uma tentativa terrorista destinada a subverter as estruturas do Estado democrático de direito».

A versão policial

Da «tentativa terrorista» citada na nota oficiosa do Governo soube o «DL» alguns curiosos elementos junto da PSP. Assim, na participação policial indica-se que seriam 22 horas quando no Parque Eduardo VII uma patrulha da corporação se abeirou de um automóvel que tinha as portas abertas e estava rodeado por sete indivíduos.

Os polícias terão oferecidos os seus préstimos que foram, no entanto, recusados, por desnecessários. Entretanto, terão visto — através das portas abertas — uma arma de guerra.

Lançaram-se de imediato sobre os referidos indivíduos, detendo três, enquanto os restantes se escapavam.

Os presos — José Ferreira, 42 anos, vendedor de móveis, resi-

dente em Mem Martins; António Batista, 24, professor primário, de Setúbal, e Manuel Ferreira, 23, marceneiro, residente no Cacém — foram então conduzidos ao Governo Civil e posteriormente transferidos para a Judiciária, juntamente com a viatura, um Taunus 17-M de matrícula GF-74-90. O veículo, propriedade de outra pessoa cuja identidade não foi revelada, teria — na versão policial — o seguinte material de guerra: 2 pistolas metralhadoras, 3 carregadores, 2 granadas ofensivas, 2 gravadores, 3 cassetes e dois aparelhos de rádio.

Registe-se que a nota oficiosa indica que «na mesma ocasião (da detenção do veículo) foram registadas interferências sistemáticas de bloqueamento de redes de comunicação oficial» e que no carro havia «documentos que estão a ser analisados, fitas magnéticas contendo proclamação ao País...».

Contrariamente ao noticiado pelo matutino «O Dia» (que fez montagem fotográfica com pistolas-metralhadoras junto de comunicados da CGTP) a PSP não mostrou aos jornalistas qualquer documentação daquela central sindical.

I WILL SELL YOU THE SHEEP VERY CHEAPLY AND I WILL SHIP THEM TO YOU.



Se o seu
PROBLEMA é DOMINAR
uma **LÍNGUA** em pouco tempo
Nós temos a solução!

Inglês, Francês, Alemão, Holandês.
Portuguese for Foreigners.

Um método infalível e garantido
para aprendizagem e domínio de
línguas em pouco tempo



cambridge school

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. — TEL. 884544 - 899801 — 1000 LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 173-1º — TEL. 554780 - 554789 — 1200 LISBOA
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL. 704329 - 703638 — 1500 LISBOA
PRAÇA DO M.F.A., 12-1º — TEL. 2760234 - 2753218 — 2800 ALMADA
RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — TEL. 560380 - 561130 — 4000 PORTO

Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral •

Mesmo sem aderirem à greve

Só 71 deputados estiveram na AR

Os deputados não fizeram greve, mas apenas 71, dos 250 que compoem o Parlamento, compareceram à abertura da sessão de ontem. Do PCP, apenas seis — Veiga de Oliveira, Zita Seabra, Silva Graça, Jorge Lemos, Octávio Teixeira e Lino Lima — e da UDP, o seu único representante, Mário Tomé, esteve ausente durante toda a sessão.

Antes que, rã Ordem do Dia, se iniciasse a discussão de quatro projectos do PCP, os deputados da maioria voltaram a colocar a tónica no tema já desenvolvido na véspera: a greve geral.

Coube a Rui Pena, pouco passava das 10.30, dizer que a paralisação nacional decretada pela CGTP-IN tinha sido um fracasso. Veiga de Oliveira, lembraria que era cedo para conhe-

cer resultados, uma vez que nenhuma entidade sindical havia publicado percentagens de adesão. Mas não convenceu o presidente do grupo parlamentar centrista.

«Ninguém mais se vai lembrar do 12 de Fevereiro de 1982» — diria Rui Pena, sublinhando que «a maioria dos trabalhadores recusou o fim-de-semana prolongado».

Para além de Veiga de Oliveira, também Zita Seabra interviria para recordar que para uma iniciativa fracassada, a cobertura que os órgãos de Informação lhe estavam a dar parecia excessiva... Rui Pena respondeu: «é pelsas «mesmas razões porque isso aconteceu com o Zé do Telhado, com o «capitão» Roby ou acontece com o Toni Silva».

Magalhães Mota (ASDI) reto-

maria depois o tema («a greve não deve substituir-se à democracia representativa»), o mesmo sucedendo com Borges de Carvalho (PPM) («em democracia os governos não caem na rua, esta greve é contra o regime»).

Os quatro projectos do PCP discutidos em seguida — e a votar em próximas sessões — diziam respeito à intervenção dos municípios no controlo do solo urbanizável, à defesa dos direitos de moradores e inquilinos na transmissão de arrendamento, à obrigação de arrendamento de fogos devolutos e ao direito de preferência na alienação onerosa de prédios urbanos.

Razões de uma participação

Em comunicado da sua Sec-

ção de Informação e propaganda (SIP), o Partido Comunista Português refere os motivos pelos quais o grupo parlamentar comunista decidiu comparecer aos trabalhos de ontem na Assembleia da República. Dois motivos fundamentais são apontados no texto da SIP do PCP: estavam previstas para ontem as Jornadas Parlamentares do CDS, cuja realização viria a ser alterada por decisão dos partidos da AD; por outro lado, e tendo em conta os precedentes da prática parlamentar da Aliança Democrática, poderiam ser tomadas no Parlamento decisões lesivas do processo democrático e dos interesses populares. De acordo com estes dois pontos foi decidida a presença e eventual participação de deputados comunistas nos trabalhos parlamentares de ontem.

PS chama a atenção

para o triunfalismo da AD
que «carece de justificação»

A Comissão Permanente do Partido Socialista, reunida ontem para analisar os resultados da greve geral, emitiu um comunicado em que afirma que, «no dia 12 o que foi posto em causa não foi o descontentamento popular face às medidas sociais do Governo — descontentamento que é generalizado em todas as camadas da população — mas sim o sectarismo e o aventurismo da direcção do PCP/Cunhal na sua tentativa fracassada de instrumentalização de parte do movimento sindical, através da CGTP/IN».

O PS afirma que «ao pretender telecomandar os sindicatos, colocando-os não ao serviço de uma luta laboral autêntica mas a reboque de uma estratégia partidária desestabilizadora, o PCP/Cunhal deu um balaço de oxigénio à AD, a qual logo aí viu pretexto para tentar um segundo fôlego do seu desacreditado Governo».

Mais adiante o documento

emitido pelo Partido Socialista diz:

«Razão tinha o PS ao optar pelo recurso a meios institucionais decidindo interpelar o Governo na Assembleia da República e demonstrando desse modo que a AD não serve, que é necessária uma política económica e social diferente e um novo Governo».

Depois de referir que «uma coisa são os protestos legítimos dos trabalhadores contra a política anti-social do Governo Balsemão» e «outra, bem diferente, são os desígnios do PCP/Cunhal», o documento «chama a atenção do País para o triunfalismo da AD, que carece de qualquer justificação» e condena «as tentativas de acção repressiva, venham de onde vierem».

A terminar, o PS afirma que «lutará de forma intransigente para que os direitos económicos e sociais dos portugueses sejam respeitados e para que seja restabelecido e ampliado o seu poder de compra».

«Um assinalável êxito»

Primeira apreciação do PCP sobre a greve geral

Com base nas informações de que dispunha às 18 horas de ontem, o Partido Comunista foi a primeira força política a comentar a Greve Geral de ontem, considerando-a «um assinalável êxito» e «uma das mais poderosas acções do movimento operário português em toda a sua história».

O PCP considera que a Greve Geral «representa um sério golpe na AD, no seu Governo e na sua política», e também nos seus aliados, «com destaque para Mário Soares e a UGT».

Nos principais centros industriais, «os trabalhadores participaram em massa na greve geral», atingindo a adesão, em muitos casos, percentagens superiores a 90 por cento. Sublinhando que o mesmo aconteceu em diversos sectores agrícolas e em portos comerciais e centros piscatórios, o PCP adianta que em numerosas empresas do País se verificaram paralisações totais e que noutras empresas, com percentagens de adesão inferiores, não houve outra alternativa senão o encerramento,

«dado que o número de trabalhadores que furou a greve não foi suficiente para assegurar o seu funcionamento».

Outros estratos sociais são referidos no comunicado do PCP: empregados, Função Pública, professores, sectores intelectuais e quadros técnicos, pequenos e médios agricultores e comerciantes, como tendo-se associado à luta dos trabalhadores, provocando o encerramento de muitos estabelecimentos, escolas e repartições e a «paragem total das actividades económicas em algumas cidades e vilas».

Depois de sublinhar que a greve geral foi realizada pelos trabalhadores «no inteiro respeito pela Constituição e pela legalidade democrática», o PCP afirma que a jornada de ontem «exprimiu claramente a vastíssima indignação e protesto populares contra a política do Governo AD», colocando, «com força redobrada, no centro da vida nacional a reclamação democrática e patriótica da demissão do Governo AD».

A polícia de intervenção gosta de arte

Então foi assim:

Cheguei ao Rossio às quinze horas.

Carrinhas da Polícia de Choque estacionadas defronte da Pastelaria Suíça faziam uma espessa mancha azul-escura. Dentro viam-se, através dos vidros, cabeças que espreitavam. Lá no alto do quartel do Carmo, a silhueta marcial de algo parecido com a G. N. R. recortava o céu.

O Rossio cheio de gente que era convidada a circular constantemente pela PSP em grandes esforços de gentileza.

Vindo da Rua Augusta um automóvel cheio de jovens escancara os sonoros alifalantes contra a greve geral. Prontamente, ouviram-se vigorosos protestos dos que apoiavam a greve geral. Então, a gentileza da PSP deu lugar à violência da Polícia de Choque que varreu o Rossio em várias direcções.

Um operador da Televisão é derrubado e violentamente bastonado.

Correrias, fugas, perseguições, até à Praça da Figueira.

Um senhor alto, forte, bem parecido, estilo relações públicas, de aparelho receptor-transmissor em punho, parece comandar as operações e incita: «Agarrem-me esse gajo!»

Um jovem foge em grande velocidade e some-se para os lados da Casa da Sorte.

Os empregados da Pastelaria Suíça empilham precipitadamente as mesas da esplanada e fecham as portas.

Sente-se um grande nervosismo dentro da calma aparente que pouco a pouco parece voltar. Nas bocas, relatos de pormenores de agressão e comentários entre a angústia, o medo e a revolta contra tanta violência.

No trajecto até aos Restauradores já se notava a movimentação ginástica de homens uniformizados de modo diferente. Boina, fato justo ao corpo estilo 007, tudo azul-escuro. Arma à cinta e longo bastão.

Parece que se chama Polícia de Intervenção. Algumas carrinhas estacionadas a uns trinta metros fazem um pequeno comboio defronte da porta principal dos correios com três polícias no exterior.

Ocorreu-me a ideia de desenhar. Talvez um dia faça um quadro sobre a história desta violência, pensei.

De bloco de apontamentos em punho chego mesmo a esboçar a cabeça assim:



Foi então que um deles se desloca correndo. Aproxima-se rapidamente e arranca-me o bloco das mãos regressando para dentro de uma das carrinhas.

Após alguns momentos de forte desaprovção por parte das pessoas que me rodeiam, um outro polícia aparentemente patente superior aproxima-se e, sem uma palavra devolve-me o bloco de apontamentos mas já sem o meu desenho.

Moral da história:

A Polícia de Intervenção gosta de arte.

Apenas foi esquecido um pormenor que tem a sua importância:

As pessoas têm memória.

O Povo tem memória.

Os desenhadores têm memória, são capazes de repetir um desenho e até são capazes de criar várias versões,

assim:

Ou assim:



António P. Domingues

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal de Loures

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

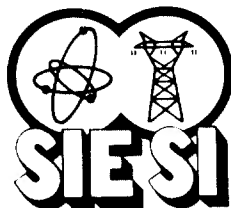
Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 14 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

- Linha 10 KV — Amoreira, Arroja, Quinta dos Ratos.
- Linha 10 KV — Bobadela, S. João da Talha — Santa Iria da Azóia.
- Póvoa de Santo Adrião.
- Catujal.
- Odivelas, Frielas, Santo António dos Cavaleiros.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 10 de Fevereiro de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR DELEGADO
Casimiro Martins Neves Cabaço



Assembleia Geral Eleitoral

CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do art.º 76.º dos Estatutos em vigor e de acordo com o art.º 6.º do Regulamento da Assembleia Geral e art.º 5.º do Regulamento Eleitoral convoco a Assembleia Geral Eleitoral a reunir em sessão ordinária, descentralizada, nos dias 31 de Março e 1 de Abril de 1982, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Único — Eleição da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção para o triénio de 1982/84.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(António Henrique Ferreira Moura Catalão)

Observações: a) De acordo com o n.º 6, art.º 7.º do Regulamento Eleitoral, as listas concorrentes ao acto eleitoral terão de ser entregues até ao dia 1 de Março.
b) Os locais das secções de voto, bem como o respectivo horário de funcionamento, serão anunciados oportunamente.

Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve • Greve

Transportes: a despesa com os alternativos não chegou para substituir os grevistas

«É um Governo de loucos», dizia, na noite de quinta para sexta um comunicado da Federação dos Sindicatos Rodoviários: «Antes, não havia nada para ninguém, e em nome do famigerado tecto salarial o Governo prejudicou repetidamente os trabalhadores e a população. De um dia para o outro, o Governo dá uma volta de 180 graus e já não falta dinheiro». A Federação referia-se a tentativas desesperadas do Governo para «comprar» trabalhadores, como no caso da Transtejo: «A prova acabada de que o Governo apenas pretende furar a Greve Geral é a proposta feita à Comissão Negociadora Sindical da Transtejo de um aumento de 24 por cento na tabela salarial, a troco de um compromisso escrito de não-aderência à Greve Geral». A Transtejo não aceitou, e os transportes por rio estiveram totalmente paralisados ontem.

O Governo tentou e não conseguiu, nomeadamente no sector dos transportes, negociações de última hora que alterassem a declarada adesão à greve. Foi o caso dos maquinistas da CP, muito criticados pela coligação no poder por paralisarem todos os comboios e «darem as mãos à greve do PC», e do Metro, onde uma derradeira «maratona negociadora» não impediu a paralisação completa.

Transportes UGT e táxis alugados

A UGT conseguiu pôr em movimento, a partir da manhã, em Lisboa, perto de 200 autocarros da Carris e uma vintena de eléctricos, que se juntaram aos 400 pesados de empresas privadas trazidos para substituir os transportes na capital (o total nacional de «alugados» deve ter atingido cerca de mil veículos pesados). Ao mesmo tempo, segundo confirmou a ANTRAL ao «DL», foram contratados 450 táxis (300 em Lisboa e 150 no Porto) para, em dois turnos, se juntarem aos «alternativos». Cada táxi recebeu 5000\$00 para ajudar a «furar» a greve, fazendo-se o

acesso a eles mediante apresentação de passe social ou de bilhetes pré-comprados. Fontes não-oficiais afirmaram-nos que cada um destes táxis recebeu, além dos 5000\$00, um suplemento ao quilómetro. Entretanto, cerca de 200 táxis de uma empresa que opera em Lisboa decidiram aderir à paralisação geral.

As autoridades guardam, como nas anteriores greves de transportes, um total sigilo sobre o preço global que pagaram por todos os «alternativos».

Apesar desta «resposta» à greve nos transportes, os acessos a Lisboa processaram-se à custa de atrasos enormes: a ponte 25 de Abril, por exemplo, sem portagem por decisão do Governo, esteve bloqueada por engarrafamentos provocados por carros particulares até tarde na manhã, enquanto numerosos «alternativos» esperavam, no Centro Sul, por passageiros inexistentes.

No Porto, onde a administração do STCP insistiu durante o dia em que a situação era «quase normal», houve autocarros apedrejados e 24 deles apareceram de pneus furados, fios eléctricos cortados ou tanques esvaziados nas estações de reco-

lha da Carreira e da Areosa, de manhã. Nesta última, o pavimento do «parque» apareceu, de manhã, cheio de pregos e de tachas.

Situação peculiar no aeroporto

No Aeroporto de Lisboa, a greve da ANA produziu uma situação peculiar: embora os voos tenham partido e chegado com regularidade, durante o dia de ontem, a ausência de informações aos passageiros via aparelhagem sonora fez com que muitos que se encontravam no aeroporto perdessem os seus aviões, que iam levantando impecavelmente à hora prevista, nas barbas dos seus passageiros ignorantes de que partidas se tratava. Para tentar minorar este efeito da greve da ANA, o pessoal de terra da TAP não-aderentes à greve andou num reboliço horas sem conta, berrando indiscriminadamente aos passageiros que se apresentassem nas respectivas salas de embarque.

Balanços globais totalmente contraditórios

Enquanto a UGT, empenhada em «demonstrar o fracasso profundo» da «greve da Inter» divulgava, desde o meio da manhã de ontem, balanços irrisórios de adesão à escala nacional, as Federações filiadas na CGTP divulgavam de dez em dez minutos para a Vitor Cordon, em Lisboa, números muito mais satisfatórios. Assim, um balanço provisório feito ao meio-dia pela Federação dos Rodoviários e Urbanos era do seguinte teor, no que toca ao sector dos transportes a nível nacional:

«A greve geral registava esta manhã, na Rodoviária Nacional, a seguinte adesão:

«Em Braga, 86 por cento; em Coimbra, 95; Castelo Branco, zero por cento; em São Romão (uma das filiais de Castelo Branco), 100 por cento; em Torres Novas, Abrantes, Alcoentre, Torres Novas, Torres Vedras e Almeirim, 100 por cento; em Leiria e Tomar, zero por cento; e em Queluz de Baixo, 80 por cento; «Na zona norte de Lisboa (áreas suburbanas), 98 por cento; e na margem sul (Laranjeiro, Feijó, etc.) 100 por cento.

«Em Setúbal e praticamente todo o Alentejo, 96 por cento. «Em Faro e todo o Algarve, 99,5 por cento.

«Nas carreiras de turismo da RN, as adesões eram significativas e em volume superior às das anteriores greves.

«Quanto à Carris, no sector de movimento, paralisaram: em Cabo Ruivo, 78 por cento dos trabalhadores; Santo Amaro, 90 por cento; Pontinha, 83 por cento; Musgueira, 52 por cento; e Arco do Cego, 86 por cento.

De acordo com a mesma informação, «de um total de 676 autocarros que deveriam circular à hora de ponta, funcionaram 190, o que dá uma média de adesão de 72 por cento.

«Por outro lado, dos 206 eléctricos da Carris apenas circularam 23, o que corresponde a uma adesão de 89 por cento.

«No que se refere ao sector oficial da Carris, os números obtidos à mesma hora eram os seguintes:

«Em Santos, 100 por cento de adesão; Bica, 85 por cento; Boa Hora, 82 por cento; Cabo Ruivo,

66 por cento; Santo Amaro, 99 por cento; Pontinha, 100 por cento; Musgueira, 80 por cento; Arco do Cego, 100 por cento; e Miraflores, 98 por cento».

Sensivelmente à mesma hora, números fornecidos pela UGT e relativos ao sector dos transportes indicavam uma paralisação de 32 por cento na RN de Lisboa, e de 3 por cento no Porto; Quanto às Regiões Norte, Centro e Sul, a UGT dizia que a RN tinha parado respectivamente a 1, 2 e 18 por cento. A mesma fonte indicava que a paralisação foi, na Carris, de 46 por cento e na TAP de 4 por cento.

As totais discrepâncias nos balanços apresentados ficarão por certo a dever-se, não apenas a insuficiências técnicas da avaliação, mas também a excessos políticos de «propaganda», gritantes no caso da UGT.

Parte da mobilização da UGT foi obtida sob protecção da Polícia de Intervenção: Torres Couto e António Janeiro, protegidos pela PI, actuaram de manhã na Carris em Cabo Amaro, Musgueira e Cabo Ruivo, tentando aumentar a percentagem de «furas». Enquanto isso, a estação da RN de Sacavém era ocupada pela GNR, «sem que nada o justificasse», disse uma fonte da CGTP.

Lisboa, espectáculo «estratégico»

A capital é sempre, para o Governo, um local estratégico para

demonstrar a «ineficiência» das greves de transportes, como demonstram os gigantescos esforços de criação de «alternativos» por parte das gerências da RN, Carris e Metro, apoiadas no Ministério dos Transportes. Uma apreciação objectiva da utilidade dos «alternativos», ontem como nas anteriores greves de transportes, permite porém concluir do falhanço relativo de tão dispendiosa operação: por um lado, é um facto que a maioria dos «desejosos de trabalhar» recorreu, ontem, à «solidariedade» de particulares com transporte próprio. Por outro, a concentração de «alternativos» em elixos meramente dependentes da «Baixa» da cidade, se cria a ilusão de eficácia no centro da cidade, deixa inteiramente sem recurso a maioria das zonas urbanas e residenciais. Assistiu-se assim, novamente, ontem, à concentração inútil, por largos períodos, em zonas como a do Centro Sul, de autocarros fretados que esperavam por passageiros inexistentes, e à circulação de «alternativos» quase vazios. Como pano de fundo de toda esta situação, um grande absentismo, quer a partir das periferias quer a partir de zonas «abandonadas» da própria cidade, e atrasos massivos, que inevitavelmente se repercutiram em todas as empresas, mesmo aquelas — e não foram poucas — onde as administrações pagavam todos os táxis necessários para verem os «seus» trabalhadores acabarem por chegar, fosse a que horas fosse.

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS COMUNICADO

Avisa-se o público consumidor da área da Grande Lisboa e Margem Sul que os preços por quilograma da carne de bovino e suíno praticados nos

SUPERMERCADOS PINGO DOCE SUPERMERCADOS PÃO DE AÇÚCAR E SUPERMERCADOS MODELO

a partir de 9.2.82 são os seguintes:

SUÍNO/KG

Lombo limpo.....	350\$00	Toucinho entremeado.....	108\$00
Carne limpa.....	280\$00	Figado.....	140\$00
Costeletas do lombo.....	270\$00	Cabeça.....	35\$00
Costeletas c/pé.....	260\$00	Chispe.....	55\$00
Costeletas do fundo.....	200\$00	Lingua.....	200\$00
Entrecosto.....	190\$00	Rim.....	200\$00

BOVINO/KG

Lombo.....	560\$00	Rabo.....	180\$00
Vazia.....	520\$00	Lingua e rim.....	280\$00
1.ª categoria s/osso (bife e assar).....	418\$00		
2.ª categoria s/osso.....	330\$00		
3.ª categoria s/osso.....	230\$00		

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1982

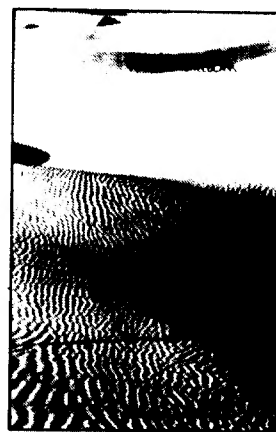
«Seremos o batalhão que luta silenciosamente no deserto, mas a viver para a vida com a cara e o coração virado para os nossos...»

A semente na areia

Volodia Teitelboim

O grande livro de honra, da honra dos Chilenos, - na opinião de Neruda. A luta dramática dos prisioneiros do campo de Piságua transformado em escola de clandestinidade, com os seus martírios, as suas reuniões de alfabetização e as suas fugas.

Obra prima da literatura de um dos mais notáveis escritores chilenos.



Edição 6

o estrada do futuro CAMINHO

Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral •

Maioria dos jornalistas não trabalhou

«A maioria dos jornalistas portugueses respeitou a decisão da Assembleia Geral do seu sindicato de adesão à greve geral, mostrando a sua consciência pela importância dos problemas específicos e gerais que a justificaram» — considera um comunicado do SJ, tornado público ao princípio da madrugada e indicando que, a nível nacional, pouco mais de 40 por cento dos seus associados trabalharam no dia 12.

Os números do sindicato referem-se ao conjunto da imprensa Nacional e Regional, às agências noticiosas à RDP e à RTP. Não foram publicados os jornais «Diário de Notícias», «Diário Popular», «Record», «O Diário», «Diário de Lisboa», «Jornal de Notícias» e «Notícias da Tarde».

Directores e chefes revezaram-se na RDP

No que toca à Rádio, o SJ, que manteve contactos permanentes com as redacções através dos delegados sindicais, assinala o facto de a **Rádio Comercial** ter registado uma adesão à greve de

76,5 por cento dos jornalistas, escalados para o serviço. Dos cinco jornalistas que «furaram», dois eram o director António Ribeiro e o chefe de Redacção Manuel Laje, que se mantiveram em serviço permanente nas 24 horas do dia 12.

Na RDP-1, dos 91 jornalistas escalados para a onda média, Programa-2, Regiões e Onda Curta trabalharam 38. De assinalar a adesão total à paralisação dos jornalistas do «Último Jornal» responsável pela informação das 21 à meia-noite. Neste período os noticiários foram garantidos pelo director e director adjunto, respectivamente José Gabriel Viegas e Manuel Bravo. Tal como os dois responsáveis da RDP-Comercial, atrás citados, também os responsáveis da RDP-1 não produzem ou não trabalham habitualmente nos noticiários, pelo que a sua insólita e inesperada presença aos microfones causou perplexidade e indignação em muitos dos jornalistas da RDP.

Na RTP a maior percentagem de adesões à greve (21 jornalistas) ocorreu no Porto. Nos Açores e Madeira não houve adesões.

Ao nível das agências, os números fornecidos pelo SJ indicam uma adesão total na **France Presse e Novosti**. Na ANOP registaram-se 35 adesões, 28 folgas e baixas e 25 «furas». Na Imprensa diária as adesões maiores verificaram-se no «DL», «Diário», «Jornal de Notícias», «Diário Popular» e «Portugal Hoje». Neste último matutino, que foi para as bancas no dia da greve, 25 jornalistas demarcaram-se publicamente da edição — assegurada pelos directores e mais quatro profissionais.

Salienta a propósito o SJ no seu comunicado que os jornais e noticiários do dia 12 «não obedeceram a critérios mínimos, tanto no plano deontológico como quanto à qualidade e actualidade da informação produzida».

Agressões a jornalistas

As agressões de que foram vítimas, a meio da tarde, no Rossio, três jornalistas (Carneiro Jacinto e Joaquim Bizarro de «O Jornal» e Fernando Lima, da Agência de Informação Moçambicana) e

dois operadores da RTP e que noticiamos à parte, foram motivo ainda da intervenção do sindicato junto do Presidente da República, Primeiro-ministro e ministro da Administração Interna.

A Carneiro Jacinto, já caído por terra durante o início da agressão pela Polícia de Choque, valeu a intervenção de um oficial da PSP que o conhecia pessoalmente. Joaquim Bizarro, repórter-fotográfico, foi além do esparafusamento, espoliado da máquina, devolvida mais tarde já danificada e sem o rolo. Os dois operadores da RTP foram violentamente agredidos e um deles teve de receber tratamento hospitalar.

No seu comunicado, a direcção do SJ comenta que «as razões que justificaram a adesão do Sindicato dos Jornalistas a este greve geral» foram também confirmadas pela «brutalidade da Polícia de intervenção e o seu desrespeito pelos direitos dos jornalistas e que «só pode ter como responsável o Governo».

Violações da lei da greve são ainda assinaladas na ANOP — onde jornalistas não-aderentes efectuaram o trabalho de outros jornalistas de outros serviços que parali-



Jornais murais sobre o andamento da greve substituíram, à sua maneira, a informação que faltava

saram — e na RTP, onde a administração, uma vez mais, colocou Polícia nas entradas, impedindo os piquetes de greve de entrar nas instalações.

No comunicado-balanço da greve, a direcção do SJ para além de «saudar o conjunto dos jornalistas que não desrespeitaram a decisão de participar na greve geral de 12 de Fevereiro, democraticamente assumida em Assembleia Geral», manifesta a «sua confiança de que a classe continuará a lutar pelos seus direitos, pela dignificação profes-

sional e pela liberdade de informação». O SJ denuncia ainda o facto de o Governo «através das administrações que nomeia e dos directores e responsáveis pelos departamentos de informação escolhidos por razões partidárias» utilizar o sector público da Comunicação Social «para sua exclusiva e sistemática propaganda, não tendo observado o mínimo de isenção em todo o processo noticioso que antecedeu e acompanhou a greve geral, como ficou especialmente patenteado no serviço noticioso da RTP».

RTP e RDP: uma banda só

Nunca como ontem a manipulação noticiosa foi tão evidente na RDP e na RTP: a greve geral foi tratada como um facto de somenos importância, sem um mínimo de seriedade, jogando-se com números pontuais de adesão em ambas as estações emissoras. Dir-se-ia que quer para a RTP, quer para a RDP unicamente existia uma fonte informativa: a governamental. Ou, então, a declaração obviamente unilateral das entidades patronais. Nunca se teve o cuidado de ouvir com atenção devida a CGTP-IN, coordenadora da greve, o que proporcionaria uma visão global da paralisação no decorrer das horas. Agiu-se, quase sempre, de uma banda só, proporcionando aos ouvintes e telespectadores a visão da AD sobre a luta dos trabalhadores.

A medida que as horas iam passando, e pelas informações da RDP, ficava-se com a ideia precisa do que o Governo esperava da greve geral. Que ideia...? A transformação da paralisação laboral num acto de insubordinação: o que seria notícia para a RDP, hora a hora no ar, parecia resumir-se no desejo de que os grevistas levantassem os paralelepípedos das ruas, estilhassem as montras, virassem veículos, agredissem pessoas, etc.

Mas a greve geral não era isso, nunca foi pensada como tal, os seus objectivos eram outros. Dentro da mais estrita legalidade, dentro do espírito da Constituição, dentro da dignidade a que todos temos direito, a greve geral era pura e simplesmente a ausência ao trabalho como forma de protesto contra um Executivo desprestigiado, incompetente, servil e reverente do capital desumanizante.

E como os trabalhadores em protesto não quebrassem essa legalidade, não rompessem com o civismo de cidadãos livres, a RDP de manhã e de tarde e à noite a RTP, ambas bem sintonizadas, menosprezaram por completo o tom humano dessa ausência ao trabalho, antes se «divertindo» com pequenos incidentes de percurso

e fornecendo números desligados do contexto da luta democrática travada em todo o País.

Ouvindo certas palavras, observando certas imagens, ouvintes e telespectadores ficavam com a sensação de que a RDP e a RTP tinham da greve geral uma concepção bem singular e bizarra. Qual? A de que a greve geral era um acto para ser observado de uma esquina, assim como uma manifestação, um cortejo, uma procissão... Uma coisa, enfim, que se podia ver passar pelas ruas. Mas, na verdade, a paralisação era uma outra coisa completamente diferente e só deslocando equipas de reportagem aos locais de trabalho, ouvindo e vendo, é que se teria tomado possível dar a visão real do que efectivamente estava a acontecer. Isso, no entanto, não interessou aos órgãos de comunicação audiovisuais. O que lhes interessava, isso sim, eram números pontuais lançados para o ar e imagens não significativas para os olhos. (Excepção feita aqui, e talvez com propósitos intimidatórios, da carga policial ocorrida no Rossio.) Esta, enfim, a informação «objectiva» dos profissionais afectos ao Governo AD.

Informação «objectiva» que culminou, por parte da RTP, e após um Telejornal que, sobre a greve, nega todos os princípios correctos de jornalismo, na apresentação de dois directores de jornais que furaram a decisão da assembleia geral do Sindicato dos Jornalistas: Sousa Tavares, de «A Capital», e João Gomes, do «Portugal Hoje». Num tu cá, tu lá com Adriano Cerqueira, os três vivendo um triunfalismo falso, a avaliação da greve geral, ali feita, foi um autêntico número de má-fé, de calúnias e obscurantismo. Falaram os três sem opositores, na casa «conquistada» da RTP, sem pudor de qualquer espécie, tentando dar ao País uma imagem distorcida da paralisação geral. Sinceramente...

O que o País não ficou a saber, por exemplo, é que, relativamente

ao «Portugal Hoje», e quando dos preparativos da greve, o delegado sindical daquele vespertino forneceu ao Sindicato dos Jornalistas a posição dos seus colegas: a maioria da Redacção apoiava a iniciativa da CGTP. Os números, aliás oportunamente noticiados, indicavam uma maioria confortável. Mas João Gomes, que ali na RTP se referiu canhestamente aos direitos sindicais polacos, desprezou a posição da sua Redacção e, posteriormente, a decisão da assembleia geral do Sindicato dos Jornalistas. Isto é: saiu com o «PH» — e congratulou-se com um «fracasso» que unicamente existe na visão estreita que tem do mundo e do nosso país. Enfim...

A uma da madrugada, e através da RDP, Antena Um, todo esse «triumfalismo» levava a primeira machadada com a leitura, na íntegra dos comunicados de avaliação da greve emitidos pelo PCP e pela CGTP-IN. A paralisação tinha-se concretizado com adesões até ali não difundidas, pois o que interessava à RDP e RTP era um muro de silêncio sobre a luta dos trabalhadores portugueses. O tom digno de quem procedeu à leitura desses comunicados não consentia réplica. Calou fundo em quem o escutou.

E tão fundo que logo o Governo, através de Marcelo Rebelo de Sousa, aproveitou o noticiário da RDP das 2 da madrugada para um comentário de pontos descosidos, tentar atenuar, com lugares comuns e «slogans» vulgares, a verdade inserta nos referidos comunicados. Como se quem o ouvisse fosse parvo, ou menino pequenino, ou de tudo andasse alheado. Esse comentário governamental, no entanto, foi contraproducente. Por precipitado, por desesperado, por soluçado, quem o ouviu imediatamente disse para si e para os outros: «A greve geral triunfou!». E era verdade: mais de um milhão e meio de trabalhadores (números ainda provisórios) tinham dito não à indignidade, a todos os níveis, do Governo AD.

Pedro Alvim

Incêndio na Escola Secundária de S. Julião

Um incêndio na Escola Secundária de S. Julião de Setúbal, foi o incidente mais relevante que ontem ocorreu na área do ensino durante a greve geral.

Cerca das 15 horas deflagrou a partir do sótão daquela escola um incêndio, no momento em que, segundo um comunicado do Conselho Directivo (em greve), apenas se encontravam a trabalhar 9 dos 250 professores do corpo docente, e 4 dos 45 funcionários do pessoal auxiliar de que a escola dispõe. A coragem dos alunos que se encontravam no estabelecimento de ensino, devidamente sublinhada no texto do CD, que durante o

incêndio colaboraram na sua extinção, e a prontidão dos bombeiros terão evitado que o sinistro tomasse maiores proporções, embora os estragos sejam consideráveis.

Segurança e responsabilidade

Este incidente veio na prática confirmar os temores de que se fazia eco em comunicado do dia 9 do corrente, o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. Com efeito, aquela direcção sindical alertava os pais e os encarregados de educação das deficientes condições de segurança em que decorreriam as aulas (paralisação dos transportes, dificuldades no abastecimento de água e electricidade, bem como a previsível adesão dos órgãos directivos competentes à greve geral), apelando, por fim, à não comparência dos alunos nas escolas. Um dia depois, o ministério da tutela exarava um despacho em que se determinava que no caso dos Conselhos Directivos aderirem à paralisação, a direcção da escola passaria a ser assegurada pelo professor efectivo com

mais tempo de ensino.

Com a participação, no caso da escola secundária de S. Julião de Setúbal, de um reduzido número de professores e pessoal auxiliar não estavam de facto garantidas as condições de segurança e estudo necessárias ao normal funcionamento da escola.

Facto semelhante podemos observar no Liceu Sebastião e Silva em Oeiras, onde, apesar do professor Alberti (o docente efectivo com mais tempo de ensino) nos ter garantido que estavam reunidas as condições para o funcionamento das aulas, pudemos entrar no pátio, sem qualquer interposição. Acresce que em virtude de graves incidentes ocorridos naquela escola secundária, o Liceu esteve encerrado desde o passado dia 4 reabrindo apenas para dar cumprimento ao despacho ministerial. Tendo o Conselho Directivo aderido à greve, e

confrontado com o despacho ministerial, apresentou por unanimidade o seu pedido de demissão. Por outro lado, os docentes do Liceu de Oeiras aprovaram uma moção em que «repudiavam vivamente toda a actuação do ministério que se furtou ao diálogo desrespeitando e ignorando os órgãos da escola e eximindo-se das suas responsabilidades».

Ministro em Setúbal

Após o conhecimento do sinistro da escola de S. Julião em Setúbal, deslocou-se a esta cidade o ministro da Educação e Universidades que, de acordo com uma informação recolhida ao fim da tarde de ontem junto da sede do Sindicato dos Professores do Distrito de Setúbal, terá decidido manter a substituição do Conselho Directivo até à «normalização» da vida escolar. O nosso interlocutor não

conseguiu contudo esclarecer o que o dr. Vítor Crespo entendia por «normalização»: se, o fim da greve geral, a reconstrução da parte da escola atingida pelo incêndio, ou qualquer outro facto.

Repúdio dos sindicatos

Em comunicado divulgado pela União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal, aquela estrutura sindical alerta para os possíveis objectivos a atingir através deste acontecimento, atribuindo-se ao desespero pelo êxito da greve geral (adesão de 95,4%). «Denegrir a justa luta dos trabalhadores, desviar as atenções do nosso povo pelos seus reais problemas, procurar apagar o êxito da luta, criando um movimento que pudesse responsabilizar a greve geral por estes banditeiros acontecimentos», prossegue o texto da União

dos Sindicatos de Setúbal, para, por fim, exigir «o rápido apuramento das responsabilidades pelo incêndio da escola e a punição exemplar dos seus responsáveis».

Adesões

A hora do fecho desta edição, ainda não era possível obter percentagens globais da adesão dos professores, da Grande Lisboa à paralisação geral de ontem. Contudo, e para além dos números já apontados para a escola secundária de S. Julião de Setúbal, e da fraca participação dos professores nas aulas que pudemos constatar no Liceu Sebastião e Silva de Oeiras, dados parciais da zona ocidental de Lisboa, apontam para uma forte adesão. Assim, nas escolas Fonseca Benevides, D. João de Castro e Ferreira Borges, as percentagens de adesão à greve eram respectivamente de 89, 96 e 94%.

ve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve

Do Norte a Sul do País

Elevada adesão à greve nos sectores produtivos

Nos sectores produtivos a adesão à greve geral decretada pela CGTP-IN foi elevadíssima de Norte a Sul do país. Enquanto porta-vozes do Governo e da UGT, insistentemente propalados pela rádio e pela televisão, ignorando por completo o que se passava nas fábricas insistiam que «nenhum dos serviços essenciais» havia sido afectado e afirmavam que a adesão à greve havia sido mínima, a CGTP-IN ia divulgando ao longo do dia percentagens de adesões em incontáveis empresas de todos os sectores e regiões.

Logo ao princípio da manhã a CGTP informava que no distrito de Lisboa, em 95 empresas que laboram em turnos contínuos, mais de 90 por cento dos trabalhadores do 1.º turno haviam aderido à greve.

Nomes das mais significativas dessas empresas e percentagens de adesão: Gazina (100%), Sorefame (100%), Fundação de Oeiras (100%), Portalex (84%), Fábrica Portugal (100%), Cabos Ávila (100%), Motra (90%), Cergal (97%), Centralcer (100%), Tofa (92%), Rubia (100%), Resiquímica (88%), Adreta (63%), Sonadel (93%), Bis (80%), Ucal-distribuição (100%), Cerâmica de S. Paulo (35%), Portugal e Colónias (70%), EPAL (100%), ERO (100%), FIMA (90%), IGLO (100%), Trefilaria (99%), MEC (100%), Comelna (99%), Siverson (100%), Tudor (80%), Sociedade Nacional de Sabões (99%).

Nos restantes turnos as percentagens verificadas pouco variaram.

A estas empresas muitas outras se podem juntar em todo o distrito de Lisboa. Exemplos? Comportel (94%), Mármore Condado (98%) (Sintra), Eurofil (97%), Soda Póvoa (25%), Centralcer (55%), Sincoral (96%) Vila Franca de Xira) Caldex (95%), Autosil (93%), Indet (ex-Braço de Prata), 77%, Metalúrgica Luso-Italiana (80%) (Oeiras), Sorefame (94%), Pereira e Brito (88%) Superumol (77%) (Amadora).

Porto

No Porto o ambiente foi semelhante. O 1.º turno da EDP, da Calinorte, e da Derbal paralisou a 100%, enquanto a Siderurgia da Maia, a SEPSA, e a Padaria Pá de Ouro registavam adesões da ordem dos 97 por cento.

As minas do Pejão, a Coats & Clark e Amorim Laje tinha cerca de 90% de grevistas, enquanto a Tabopan chegava aos 60 por cento.

Como aconteceu em Lisboa nos turnos seguintes as percentagens não registaram variações significativas. Ao fim da manhã a CGTP distribuía números referentes às seguintes empresas: Cifa (70%), Malhas Alegria (100%), Guardieiros (75%), Bel-

cor (96%), Negrelos (90%), M.A. Silva (100%), Fiatese (70%), Sitenor (80%), Rio Vizela (20%), Figueiredo e Maia (85%), Corte Inglês (95%), Quintas & Quintas (8%), Matex (100%), Mindelo (10%), Café Imperial (90%), Café Capitólio (100%), Café Orly (100%), Estaleiros Samuel (87%), Taurus (99%), Uniteca (100%), Tribor (100%), Companhia Nacional de Borracha (98%), Quimigal (80%), CPA (87%).

Os exemplos, porém, podiam continuar. Nas estações da CP em Campanhã e Trindade a adesão foi de 100 por cento, enquanto em S. Bento havia 2 trabalhadores. Quanto à EDP: no Amial, na Vila de Ave, em Guimarães, Valeia, Amieira e Matosinhos — 100%.

Setúbal

O panorama em Setúbal foi impressionante. Das muitas empresas de que dispomos de números registamos as seguintes: EPSI-Sines (50%), Setenave, Ormis-Alcochete, Alumínios Portugal, Siderurgia, Oleos Santa Catarina, Ariqueido, Firestone-Alcochete, Pedrogal-Moita, S. P. Explosivos-Seixal, Facopla, Quimigal, Fisipec, Iberagar, Tacor, Parel, Moagem Isidoro, Panificadora Sul Tejo, Mundet, Mufal (todas a 100 por cento), Iola, (70%), Inapa (99%), Secil (90%), Sapac (70%), Portucel (90%), Lisnave (99%).

Alentejo

No Alentejo, como se esperava, o índice de adesão à greve foi muito elevado.

Em Évora, o comércio estava praticamente encerrado, o mesmo acontecendo em Montemor. Em Aljustrel, por exemplo, esteve todo fechado, enquanto em Ferreira do Alentejo funcionava a 50%.

Em Montemor dos 1 400 trabalhadores da Siemens trabalharam 393 (73 dos quais pertencentes aos escritórios e laboratórios); na Melka, de 220 trabalhadores 180 fizeram greve; na Porcel, em 320 trabalhadores apresentaram-se ao serviço 23, na Ford paralisaram 100 e trabalharam 20. Rodoviária Nacional e CP paralisaram a 100%.

Continuando a citar exemplos: no distrito de Beja, as Prites Alentejanas, que contam com 830 trabalhadores, registaram uma adesão de 97% com a curiosidade de 9 dos 33 filiados na UGT terem aderido à greve.

No sector agrícola a percentagem de adesões foi elevadíssima e seria fastidioso estar aqui a enumerar os elementos tornados públicos.

Algarve

Começemos pelas conservas: em Portimão e Vila Real a adesão foi de 100%, enquanto em Olhão-Rita de 46 trabalhadores trabalharam 7. As empresas de Olhão pararam na sua generalidade.

Em Lagos a CAFI (Cortica) paralisou a 100% (tem 220 trabalhadores), enquanto em Silves três empresas do mesmo sector (Barrager, Estrelo e Amovins) se apresentaram ao serviço, respectivamente, 10, 5 e 7 trabalhadores. Ainda nas cortiças: em Faro a empresa Torres Pinto paralisou.

Nas pescas: a adesão verificada na pesca da sardinha foi de 100%, na pesca artesanal 100% e na pesca do arrasto 98%. De registar que junto aos molhos houve grande intimidação, junto dos pescadores, com recurso a marginais inclusivamente.

Os transportes ferroviários e rodoviários paralisaram na sua quase totalidade. A Cimpor, em Loulé, e a Petrogal, em Faro, paralisaram também.

Viana do Castelo

A União dos Sindicatos de Viana do Castelo, por sua vez, emitiu o seguinte comunicado ontem ao fim da tarde:

O Governo mente vergonhosamente ao anunciar na rádio os resultados desta greve.

Chegou ao ponto de dizer que em Viana do Castelo não houve greve quando a adesão à greve geral em Viana do Castelo atingiu números nunca previstos: No sector têxtil — 86% adesões; no sector armazéns — 62%; no sector de metalurgia — 94%; no sector construção civil — 77%; no sector celulose — 85%; no sector

gráficos — 90%; no sector da electricidade — 94%; no sector da Função Pública — 60%; no sector das madeiras — 75%; no sector dos vestuários — 78%.

Braga, Aveiro e Coimbra

Em Braga os transportes paralisaram por completo. No sector têxtil eis alguns números: Sampaio Ferreira, 90%, Bairro, 70%, Elétrica, 90%, Ribeirão, 90%, Oliveira e Ferreira, 20%, Lousado, 100%, Cavalinho, 70%, Joaquim Coelho Lima, 40%, João Ribeiro Cunha, 90%, António Ribeiro Cunha 70%, Tarce, 40%, Lopes Correia, 100%, Coelima, 70%, Montagut, 100%.

Nos químicos a Xavier registou adesões de 75% e a Pátria de 100%, enquanto no calçado a Campeão Português paralisava a 100%. Na EDP em Ruviões, Guimarães, Ermal, Ponte de Barca e Braga a adesão atingiu os 100%.

No distrito de Aveiro e Masa I, Masa II, Jovai e Lãs Arrancadas (todas de Águeda) registaram percentagens de 50, 60, 90 e 90 por cento, respectivamente. Em Espinho a Fontes teve 80 por cento de adesões, as obras do Casino pararam, os varredores da câmara aderiram em 90%, a Detapa registou 70 por cento de adesões. Em Ovar, a Lusotufo parou a 100%, a Rabor a 70%, e a Philips a 60%. Em São João da Madeira, a Molaflex atingiu os 50% e a Record 90%.

Ainda no distrito de Aveiro a Papéis Vouga teve 85% de adesões, a A. Pereira Vidal, 75%, a Quimigal 100% na produção e 90% nos serviços, e os Estaleiros de São Jacinto 87%.

Já em Coimbra: Papel Prado (Lousã), 100%, Cimpor (Souesilas), 100%, Cimpor (Cabo Mondego), 75%, Fábrica Triunfo, 100%, Sifaf — Aglomerados de Madeira, 100%. Em todas as estações da EDP do distrito a adesão foi de 100 por cento, com excepção de uma onde foi montado um forte dispositivo policial.

Leiria e Santarém

No distrito de Leiria nas empresas que laboram por turnos

verificou-se uma adesão que se cifrou em mais de 90 por cento.

Nas empresas de maior significado no sector produtivo verificou-se o seguinte nível de adesões: Cimpor-Pataias, 90%, Secia-Caldas da Rainha, 100%, Iberoplaz, 80%, Barbosa e Barbosa, 100%, Grandart, 55%, Valverde (1.ª fábrica), 57%, Socor-Pombal, 100%, INA, 69%, Boavista, 100%, Santos Barbosa, 100%, Ricardo Gallo, 100%, Morais Matias, 100%, Crisal-Automática, 100%, Crisal-Alcobaça, 60%, Produtora, 100%, Plactex, 34%, Panificadora Marinha Grande, 86%, Pescadores-Peniche, 100%.

No distrito de Santarém temos os seguintes números: em Torres Novas: RN (movimento), 70%, RN (Oficinas), 80%, Mely, 90%, Dopovo, 100%, Madeiarte, 100%, Metalnova, 100%, Companhia Nacional de Fiação, 70%, AIA, 100%, Unital, 80%, CP (Entroncamento), 100%, em 3000 trabalhadores.

Em Almeirim: Compal, 90% (em 500 trabalhadores). Na câmara municipal paralisaram 90 por cento. No sector agrícola, 100 por cento. O mesmo aconteceu em Alpiarça, onde se registou também uma adesão muito alta no comércio.

Em Tomar a Prado paralisou a 100 por cento, enquanto a Matrena atingiu os 90 por cento.

Castelo Branco

A adesão dos trabalhadores à greve geral na zona industrial da Covilhã foi, em algumas das empresas mais significativas, a seguinte: Campos Melo, 100%, Nova Penteação, 99%, Empresa Transformadora, 100%, Ninacil, 100%, Laneira, 100%, Têxtil Cravinos, 100%, Sapsua Hermanos, 100%, Cepal, 95%.

Na Sopico (Construção Civil) a adesão foi de 100 por cento, enquanto a Portucel, em Vila Velha de Ródão, paralisava a 90 por cento. O comércio na Covilhã registou elevada percentagem de adesão (cerca de 90 por cento), enquanto no Fundão atingia 40 por cento.

Na Madeira

Também na Madeira, apesar do clima de intimidações e provocações montado pelo Governo

Regional a greve geral se fez sentir. Algumas empresas onde se registou um nível elevado de adesão: Batifor, 100%, J. Cardoso, 100%, Dias & Companhia, 100%, Hotel Matur, 80%, Hotel Atlantis, 40%, Sheraton, 30%, V. Ramos, 20%, Café Funchal e Cervejaria Coral, 100%, Leitão Fernandes, 100%, Madeira Superbia, 75%, João Eduardo Sousa, 75%, G. A. Pereira, 60%, Comércio do Funchal, 100%, Tipografia Andrade, 100%, Rinhau-Hau, 100%, Unigel, 60%.

Ministério da Indústria:

«Situação quase normal»

Os exemplos de paralisações em empresas em todo o País poderiam multiplicar-se, tal foi a adesão verificada. No fim da tarde, porém, a Direcção-Geral da Informação fazia chegar às redacções o seguinte telex intitulado «Situação quase normal nas actividades industriais»:

«Um porta-voz autorizado do Ministério da Indústria, Energia e Exportação declarou que «toda a indústria a nível do País está a funcionar, com excepção de algumas, mas raras, unidades na cintura de Lisboa».

Segundo a mesma fonte, «estão garantidos os abastecimentos essenciais, como os de energia eléctrica, água e gás, sendo normal a actividade nos respectivos sectores».

Referindo os poucos casos de paralisação verificados, citam-se, especialmente, os da Quimigal e da Siderurgia. Na Setenave registou-se relativamente elevada adesão à greve. A Portucel e a Cimpor estão a produzir, à excepção da Portucel-Setúbal.

De qualquer maneira, acentuou o informador do MIEE, «a situação é largamente positiva», numa das áreas de trabalho mais significativas do País.

Espectáculos a meia-luz

Parte das salas de espectáculos da capital encerraram também as suas portas: estão neste caso os cinemas «Império», «Estúdio», «Castil» e duas das quatro salas do «Quarteto», e a maioria dos teatros, incluindo o D. Maria. Só no Parque Mayer a rega de greve foi furada.

USL vai proceder criminalmente contra o Governo Civil

A União dos Sindicatos de Lisboa protestou ontem contra a proibição, pelo Governo Civil, da realização de piquetes de greve e de concentrações em nove pontos da cidade, durante a Greve Geral.

O Governo Civil proibiu de facto tais concentrações e piquetes, pretextando que as autorizações tinham sido pedidas em fotocópias e não em originais. A USL garante que as autorizações foram pedidas como a lei o exige, e que quem teve um comportamento ilegal foi o governador civil, que não respeitou as 24 horas durante as quais poderia ter levantado, legalmente, obstáculos aos pedidos.

«O Movimento Sindical — diz a

USL — irá proceder criminalmente contra o responsável por mais este arbitrio, pelo crime previsto e punível pelo artigo 15.º, n.º 1, do Decreto-Lei n.º 406/74 (pena de três meses a dois anos)».

A USL salienta que «só por excesso de zelo e no sentido de prevenir eventuais intervenções precipitadas e ilícitas das forças policiais se efectuaram as comunicações referentes a possíveis concentrações de piquetes de greve, porque a acção destes piquetes será sempre lícita visando persuadir os trabalhadores a aderirem à greve, por meios pacíficos, nos termos do artigo 4.º da Lei da Greve».



Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve Geral • Greve

Kalidás Barreto ao "DL"

Futuro da UGT depende do auxílio financeiro que tiver do estrangeiro

Cerca das 23 horas de ontem, o «DL» obteve de Kalidás Barreto, da CGTP, uma pequena entrevista — balanço-geral que publicamos a seguir:

«DL» — A greve geral está a terminar. Que conclusões retira da sua realização?

Kalidás Barreto — Em primeiro lugar devo dizer-lhe que, a nível pessoal foi uma experiência riquíssima. Demonstrou que a classe operária tem uma grande maturidade e determinação e, contrariamente ao que o Governo pretende fazer crer através da grande máquina de informação que tem ao seu dispor, saldou-se por um grande êxito.

«DL» — Como comenta as posições adoptadas pelo dr. Mário Soares em relação à convocação desta paralisação geral pe a CGTP?

K.B. — Com posições destas o dr. Mário Soares vai ficando cada vez mais distante dos trabalhadores socialistas, muito especialmente daqueles que estão ligados aos sectores de produção e que verdadeiramente sentem na carne a política desastrosa deste Governo. Ou ele realmente acorda a tempo de um sonho onde alguns o querem envolver, ou lançará o PS num beco sem saída a muito curto espaço de tempo.

«DL» — Quando fala em «sonho» refere-se à sua eventual candidatura a Presidente da República?

K.B. — Realmente, não gostaria de me pronunciar sobre esse assunto.

«DL» — A UGT manifestou-se frontalmente contra a greve...

K.B. — A UGT demonstrou mais uma vez que não está ao serviço dos interesses dos trabalhadores e que está perfeitamente controlada pelos partidos da coligação governamental.

«DL» — Alguns dirigentes da UGT apresentaram-se junto a Carris, na noite de quinta-feira e, protegidos pela Polícia, incitavam os trabalhadores a furarem a greve. Como comenta?

K.B. — A actuação de dirigentes dessa organização, nomeadamente António Janeiro e Torres Couto, demonstrou uma ausência total de consciência de classe e uma absoluta falta de ética sindical. Na realidade, é inconcebível em qualquer parte do mundo que um dirigente sindical ande a tentar furar greves. O mínimo que se pede a estes dirigentes sindicais é que falem

menos em democracia e a pratiquem mais.

«DL» — Que futuro então para a UGT?

K.B. — Depende muito do auxílio financeiro que tiverem do estrangeiro, porque quanto a conteúdo sindical cada vez o vão perdendo mais.

«DL» — O Governo e a AD afirmam que a greve não foi geral porque não paralisou todos os sectores de actividade...

K.B. — A greve foi geral porque além de ter sido seguida pela totalidade dos sectores fundamentais de produção contou também com elevadas adesões dos sectores de serviços. Em suma: todos os aspectos da vida nacional foram afectados pela realização desta grande jornada de luta.

Na globalidade

Foi significativa a adesão no comércio e na Função Pública

Segundo a CGTP, um dos principais objectivos da «manobra propagandística» do Governo é procurar «iludir que uma greve geral visa sobretudo a produção nacional» procurando para tal fazer centrar as atenções sobre os serviços a fim de insinuar «o pretenso inêxito do movimento».

Terá mesmo sido fraca a adesão deste sector à greve? Para os dirigentes sindicais certas características específicas e a «acção conjugada dos patrões e dos fura-greves da chamada UGT» tiveram alguma influência sobre os trabalhadores do sector.

Assim, e em relação ao comércio, por exemplo, é de notar que 85,8% de todos os estabelecimentos comerciais e de serviços têm de um a quatro «activos», englobando-se neste número, muitas vezes, o patrão e familiares. Por isso há uma grande vulnerabilidade destes trabalhadores a pressões e à repressão patronal.

As cerca de 108 mil lojas dispersas pelo País tornam ainda «muito difícil fazer uma apreciação global» da adesão no sector, adiantou ao «DL» Pedro Azevedo Peres, do Secretariado da Federação do Comércio. No entanto, acrescentou aquele dirigente sindical há dois aspectos que convém, desde já salientar: «Se por um lado, a nível das empresas comerciais com grande número de trabalhadores a adesão foi muito grande, havendo mesmo muitas que paralisaram a 100%, por outro é altamente positivo que esta movimentação se tenha traduzido numa grande campanha de sindicalização de trabalhadores que transferiram a sua filiação sindical do SITESE (UGT), para a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços (CGTP)».

Alguns números importantes foram, em relação ao sector do comércio, já divulgados pela Inter. Na zona de Lisboa: Sida Sueca — 60%; Olivetti — 100%; IBM — 15%; Dinfer — 85%; Jo-frama — 92%; Pio Barral — 75%; Lourenço e Santos — 100%; Langanço — 83%; Monteiro — 95%; Polux — 35%; Adão — 80%; Expresso — 100%; Papalaria António Vieira — 80%; Lopes e Lopes — 100%; Rodrigues e Rodrigues — 100%; CDL — 100%; Francisco José Simões — 50%; Brás e Brás — 90%; Papalaria Fernandes — 75%; Unilac — 20%; EPAC — 50% (sede), 70% (silo), 100% (sul). No Algarve, o comércio esteve praticamente todo aberto, enquanto em Castelo Branco as adesões dos trabalhadores atingiram 50%. Em Setúbal 90% de portas abertas com 50% trabalhadores em greve. De registar que, neste distrito, todos os mercados estiveram encerrados. Na margem sul, a adesão é desigual. Enquanto em Almada não ultrapassava os 30%, sendo até considerada fraca no Montijo, o mesmo não se passou em Alcochete, Lavradio, Barreiro, Baixa da Banheira, etc., onde se registou percentagens de 80 a

90% de participação na greve.

Na DR Construção Hóspitais: de 46,6% no LNEC; de 44,7 na DG dos Edifícios e Monumentos; e de 25%, nos administrativos. Relativamente aos serviços dependentes do Ministério da Agricultura, Comércio e Pesca, a adesão situou-se entre os 27,8% e os 87,8% tendo este número sido atingido no Mataral. Na DSFP e no Centro n.º 1 (ambos dependentes do Ministério do Trabalho) as adesões foram de 30 e 25% respectivamente. E no que se refere à Misericórdia (dependente do Ministério dos Assuntos Sociais) as percentagens foram de 50% nas lotarias, 80% nas creches e de 100% nos restantes serviços.

Função pública

Apesar das atitudes repressivas exercidas por vários departamentos governamentais (há a indicação de que alguns directores-gerais obrigaram os trabalhadores a assinar papéis, declarando que não iam trabalhar, com o intuito de os intimidar) a adesão à greve na função pública, na globalidade, foi considerável.

Assim, e citando ainda números fornecidos pela CGTP, na Direcção-Geral de Transportes Terrestres, 47 por cento dos trabalhadores aderiram à greve. No Instituto Nacional de Jeteologia e Geofísica, nos Serviços Centrais, 58,8%, na Previsão, 33,3%. Na JNV, 35,5%, na Al-fândega da Matinha, 25%, na Faculdade de Economia, 100%, na de Ciências Sociais, 60%, no ISEF, fecharam todas as secções, na Direcção-Geral do Ensino Superior, 34,4%, na Direcção-Geral de Equipamentos Escolares, 55,2%. Quanto aos Serviços Sociais Universitários, as cantinas da Faculdade de Ciências e do Lumiar, aderiram a 100%, as residências de Monte Olivetti, António Eleixo e D. Dinis, igualmente a 100%, e a Egas Moniz e Ribeiro Santos, 40 e 85%, respectivamente.

Nos serviços dependentes do Ministério da Indústria e Energia, as percentagens de adesão foram as seguintes: GEP, 73%, INIL, 33,3%, LNETI, 30%, no Poço do Bispo e 70% em Sacavém, DGI Electrónica, 33,3%, DGI Química e Metalomecânica, 20% e DGI Transportes Ligeiros, 37%. Na Secretaria de Estado de Cultura houve uma adesão de 25%. No Ministério da Habitação e Obras Públicas, a adesão foi de 100% na Biblioteca e nos Serviços Técnicos, de 67%.

No sector da hotelaria também se registaram significativas percentagens de adesão:

No hotel da Torralta (Tróia), de 85 a 90%; Hotel Ritz, 70%; Penta/Tivoli, 50%; Sheraton, 40%; Maquiot, 79%; SAAL, 50%; e Catering Costa Campos, 75%.

No Algarve a adesão média das unidades grandes e médias foi superior a 55 por cento, enquanto que na Madeira, nos principais restaurantes e outros estabelecimentos do centro do Funchal foi próxima dos 100%, sendo de sublinhar, na Matur, uma paralisação a 90%.

José Luís Judas a meio da tarde de ontem:

Violento ataque a Mário Soares

«O Movimento Sindical constata que, talvez uma das partes mais dramáticas da convocação desta greve, foi a posição que o dr. Mário Soares adoptou em relação a ela. Cremos até geral que nenhum líder social-democrata de Europa assumiria a posição de estar contra os trabalhadores», declarou José Luís Judas ao «DL».

«É possível - adiantou - que ele esteja a tentar, com semelhantes atitudes, arranjar votos e apoios para vir a ser um dia Presidente da República. Mas en-

gana-se, pois jamais terá os votos da classe operária e dos trabalhadores».

Em relação ao pouco impacto que a greve geral poderia evidenciar, sobretudo devido ao funcionamento do sector do comércio e serviços, aquele dirigente sindical sublinhou: «O Governo pretendeu montar uma grande encenação na «Baixa» de Lisboa e quis transformar o Rossio no centro industrial do País».

Nesse sentido, aliás, terá sido criada pelo Governo a imagem

de que havendo luz e estando assegurados os serviços essenciais não havia greve. «Ora nós não estávamos interessados em fazer uma greve-sabotagem.

Os dados aí estão, estamos a publicá-los empresa a empresa, podem ser facilmente comprovados por qualquer pessoa».

Depois de referir que a importância e a dimensão da paralisação reside sobretudo na adesão «completa dos sectores e empresas em que assenta o essencial da produção nacional e da criação de riqueza no nosso

País», José Luís Judas sublinhou ainda o facto de a participação dos trabalhadores se dever não a motivos específicos e sectoriais, mas como forma de protesto contra a política governamental «lesiva dos seus interesses e direitos».

Outro mérito da convocação desta greve geral terá sido, na perspectiva do dirigente da CGTP, o ter provocado um «amplo debate político em torno das grandes questões nacionais praticamente sem precedentes desde as eleições presidenciais de 1980».

Motorista de Balsemão procura-se

“O senhor Nunes baldou-se”

Pede-se ao motorista do Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro que se dirija à porta principal, gritava a voz esgançada da menina pelos altifalantes do «mini» branco, frente ao Pavilhão dos Desportos. Eram 23h 45 de quinta-feira e a histeria dos membros da «AD» que tinham enchido o pavilhão envolvia o edifício e começava a espalhar-se pela cidade num banzé infernal.

A menina da voz esgançada desesperava, o motorista não aparecia. Os minutos passavam e a angústia invadia a multidão compadecida pela sorte daquele a que, enlevadamente, chamam o «Chico».

No espaço de dez minutos,

o apelo foi repetido meia dúzia de vezes, todos procuravam o «desejado».

É meia-noite e muda o mote: **Pede-se ao motorista do «Mercedes» cinzento HI-51-08 que se dirija à porta principal.** Agora a voz já não é esgançada, e a menina aclama-se recostada no banco traseiro. O jovem que de voz serena vai repetir o chamamento por duas ou três vezes, recebera instruções de um senhor com ar circunspecto, «dossier» debaixo do braço e ar de «adjunto de...»

Entretanto, a «malta» mobiliza-se para o Rossio e os automóveis buzina sem parar em torno do Parque Eduardo VII. Em desespero de causa, já passam cinco minutos da meia-noite, o jovem de

voz serena faz-se ouvir de novo: **Pede-se ao sr. Nunes, motorista da mãe do Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro que se dirija à porta principal.** O Nunes baldou-se, já se diz em voz alta.

Encostadas a uma carrinha Bedford, junto ao «mini», duas senhoras idosas, casaco de peles fofinho, «Eu trabalho, sou livre» a sujar de cola a lapela, muito pó de arroz à contrastar com ainda mais «rouge», a cara encovada, mas sem rugas, um ar extremamente cansado, muitas meninas solícitas a levantar a moral, e a garantir que o sr. Nunes há-de voltar, e um desabafo das senhoras: «Pois é, mas isto não se faz».

De repente, no meio da bal-

búrdia, renasce a esperança: «Vem aí, vem aí!», «abram alas, abram alas».

De facto, o Nunes aí estava mal-lo, «Mercedes» cinzento. Rápidos os meninos abriram as portas, ajudaram as velhinhas (e o assessor de...) e estas despediram-se, reconfortadas no calor das almofadas do banco de trás: «Foi um êxito meninos».

Alguns, mais expeditos, lançavam: «então baldas-te o Nunes...» O pobre do Nunes, esfalfado, virá-se grego para furar os engarrafamentos provocados pelos ad's, e estava vermelho que nem um tomate.

Só não percebi uma coisa. De quem é que o sr. Nunes era motorista!

J.A.C.

NÃO PERCA HOJE NA RTP.
A GRANDE NOTÍCIA

de ontem para hoje

Ervas Tenras, outra água

A população de Ervas Tenras solicitou na quinta-feira à Assembleia Municipal de Pinhel a anulação de uma decisão camarária relativa ao abastecimento de água.

Em abaixo-assinado, a população considera que o abastecimento de água à freguesia através de um poço localizado na Quinta dos Maes Caetanos, como foi deliberado na última reunião da Câmara Municipal de Pinhel, não resolve o problema. A água, além de imprópria, é insuficiente — diz-se no documento.

É também apresentada como alternativa a exploração da água através do rio Massueime, que dista 1500 metros do local indicado pelo executivo camarário.

A petição, entregue ao presidente da Assembleia Municipal, é subscrita por 95 habitantes, dos poucos mais de 100 inscritos nos cadernos eleitorais.

Régua diálogo chega às casas

O secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, propôs-se a analisar o problema das habitações sociais na Régua juntamente com o presidente da Câmara Municipal — soube a ANOP.

O problema das habitações sociais no concelho da Régua arrasta-se há mais de três anos e está na origem da tomada de posição do presidente da Câmara que recentemente colocou o seu lugar à disposição. O presidente da Câmara da vila duriense referiu à ANOP que a atitude do secretário de Estado é um reflexo da sua tomada de posição e revela «o despertar do Governo para um problema justo».

Pedido de abolição de prazos de geadas

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) reclamou em Coimbra a abolição dos prazos para as geadas no seguro agrícola.

Em comunicado, a CNA afirma que «devido ao calor que se faz sentir, os pomares e vinhas podem vir a ser afectados pelas eventuais geadas de Março».

Santuário dos Remédios seis mil contos de granito

A mesa da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios despendeu cerca de seis mil contos na pavimentação, a granito, do adro do Santuário dos Remédios, em Lamego.

Outras obras, também urgentes, como as que se prendem com a vedação do parque e a captação de água, «de elevado custo», serão realizadas «a médio prazo».

Carapito e Peravelha vão ter estrada

Carapito e Peravelha, no concelho de Moimenta da Beira, vão ter ligação por estrada — revelou na quarta-feira uma fonte camarária.

A Câmara de Moimenta vai dispensar cerca de sete milhões de escudos na abertura da estrada que ligará aquelas duas localidades.

Vila Real: eis a Araucária

O presidente da Câmara de Vila Real afirmou na quinta-feira que o Bairro da Araucária, pronto em Maio deste ano, permitirá alojar mais de duas mil pessoas.

O complexo da Araucária dispõe de 448 habitações, arruamentos, espaços verdes e equipamento colectivo com escola primária, com oito salas, centro comercial, equipamento desportivo e zonas de lazer. A primeira fase, com 220 habitações já construídas, foi terminada em Dezembro com a posterior entrega das residências aos seus moradores.

Armando Moreira, presidente da edilidade, salientou todavia que «a Araucária passou por várias vicissitudes, na medida em que a primeira fase foi lançada em 1977 e as obras estiveram paradas

quase dois anos e só em 1980 foram readjudicadas».

O presidente do executivo vila-realense disse ainda que a Câmara «vai proceder a reservas para determinados casos de harmonia com o que a lei consigna».

Mortos e feridos

Dois mortos e 30 feridos é o balanço dos 33 acidentes de viação registados nas estradas do continente pela Brigada de Trânsito da GNR, entre as 12 horas de quarta-feira e o meio-dia de quinta. Dos feridos, 18 encontram-se em estado grave, informou a GNR.

Portel insiste no Alqueva

A Assembleia Municipal de Portel, distrito de Évora, reclamou o prosseguimento da construção da barragem do Alqueva, neste concelho. Em comunicado, reclama igualmente que seja assinado o protocolo entre a EDP e o Estado com vista a assegurar o financiamento da obra.

Depois de recordar que «foi tomada há mais de um ano a resolução pelo Conselho de Ministros de retomar a construção da barragem», o documento afirma que «até agora não se viu qualquer medida de concretização àquela resolução».

Mármore premiados

Mármore portugueses transformados foram distinguidos com o «óscar» europeu de Grosseto, Itália.

Instituído pelo Centro Italiano e Mundial de Grosseto, o prémio distinguiu a empresa portuguesa Silvério Possante de Almeida de Lisboa. Este prémio destina-se a distinguir as empresas que pela sua seriedade comercial, espírito e empenhamento operacional se distinguem a nível internacional. A empresa portuguesa, que conta com 100 trabalhadores distribuídos por pedreiras, fábrica e escritórios efectua extracção e exportação própria para o mercado internacional.

Cruz Vermelha 111 anos em sessão

O secretário de Estado da Defesa, Carlos Pardal, presidiu na Câmara Municipal da Figueira da Foz à sessão solene comemorativa do centésimo décimo primeiro aniversário da Cruz Vermelha Portuguesa.

Na sessão, e depois da entrega de condecorações e medalhas a pessoas e entidades que auxiliaram a Cruz Vermelha pelo presidente nacional Raul Cabarrão, a directora das Relações Públicas, Clementina Vasconcelos, fez um historial da organização e dos seus objectivos.

Matosinhos adjudica pavilhão ginnodesportivo

A Câmara de Matosinhos deliberou abrir concurso para a construção de um pavilhão ginnodesportivo, localizado no parque municipal de Vila Lia, em Santa Cruz do Bispo.

Com Coelho Magalhães isolado

AD de cabeça perdida na Câmara do Porto

A AD anda de cabeça perdida no Município do Porto e só é unânime praticamente numa coisa: este presidente não serve. Mas é assim como que um «cadáver» que vai passando de mão em mão e que ninguém quer deixar cair. A última Assembleia Municipal foi disso exemplo. A AD atacou o Plano de Actividades e Orçamento para 82, aprovou coisas que meses atrás tinha rejeitado, criticou a acção do presidente e, por fim, votou contra a rejeição do plano. Só que a Oposição estava em maioria e a AD perdeu: 27 contra 31. O executivo de Coelho Magalhães tem mesmo que reapreciar o Plano e fazê-lo voltar à Assembleia.

Em causa estava uma deliberação tomada em Setembro do ano passado, pela AM, a qual não foi considerada na elaboração do plano. Concretamente: a AM decidira que a totalidade da derrama lançada sobre alguns impostos cobrados na cidade, num valor estimado em 270 contos, seria repartida pelas quinze freguesias citadinas. O Executivo não quis saber e reduziu tal verba para cem contos.

Sobranceiro e autoritário,

surgira o presidente Coelho Magalhães, a justificar: «A decisão da AM, tinha sido perfeitamente ilegal, nula e sem efeito». De arquitecto virara juiz, sem qualquer chancela judicial. Os risos e os protestos animaram a sessão, mesmo depois de o presidente ler um parecer dos serviços jurídicos camarários. Da bancada do CDS (Leite Faria) foi lançada a mais categórica reprovação: é absurdo vir o presidente a armarse em juiz. Por um lado, os pareceres não pareciam e, por outro, não tinha havido qualquer impugnação judicial daquela decisão. Ademais, os deputados da AD tinham assumido o compromisso político de rejeitar o plano se não contemplasse a deliberação tomada sobre a derrama.

Coelho Magalhães sabia-o, fora-lhe comunicado em devido tempo, mas era como se nada fosse.

Ele pensa: quero, posso e mando. Mas perdeu e foi mandado alterar o plano. Com a garantia dos deputados da AD que se o não fizer votará contra. De resto, os ataques ao Plano chocaram de todas as bancadas.

Mais contundente foi a Oposição, mas se do campo da AD não houve armas pesadas, pelo menos flechas houve... «Demagógico», «irrealista», «extenso metagal de promessas», «plano de contradições», «um deserto de soluções políticas» — foram alguns dos atributos com que fora mimoseado o documento do executivo.

Mas se a AD reprovou a reapreciação do plano que combateria, também aprovou uma moção que havia recusado em Novembro, proposta, como então, pelo deputado da UDP. Condenou o aumento dos transportes públicos da cidade com base nos princípios constitucionais da autonomia autárquica e da descentralização administrativa: os órgãos de Poder Local não tinham sido consultados. Com a AD a favor, houve voto unânime da Assembleia. De Novembro até agora a AD perdeu a cabeça ou recuperou-a? Quanto ao executivo, já ninguém acredita nele. Nem talvez Coelho Magalhães. Apesar disso continua, moribundo, mas de pé.

LHM

Crimes contra

saúde pública

Multados donos do «Portuense»

PORTO, 13 — Acusados da prática de crimes contra a saúde pública foram condenados no 2.º Juízo Correccional desta cidade, o comerciante José Alves da Fonseca, de 55 anos, e sua mulher Emília dos Anjos Ferreira, de 52 anos, proprietários do restaurante «Portuense», situado na Praça D. Filipa de Lencastre, 162.

Cada um dos réus foi condenado em 90 dias de prisão, 150 contos de multa ou, em alternativa, dois anos de cadeia, e ainda 20 contos de indemnização a favor do lesado.

No concernente, porém, aos 90 dias de prisão, foram os mesmos anulados, visto os factos terem ocorrido em data anterior à saída da «Lei da Amnistia».

Aquele casal foi detido em 30 de Agosto do ano passado, após uma brigada da DGFE ter detectado, na cozinha do estabelecimento de que são donos, vários quilos de carne e arroz impróprios para consumo e «susceptíveis de prejudicarem a saúde de eventuais consumidores» conforme na altura afirmou o médico veterinário.

Se houver acordo em Faro

Portugal terá sal puro para consumir e exportar

FARO, 13 — A empresa que explora as minas de sal-gema de Loulé apresentou um projecto para purificação daquele tipo de sal que prevê a «monopolização» de mil hectares da ria de Faro, integrada na reserva natural da ria Formosa. Se o projecto vier a ser aprovado pela respectiva comissão instaladora da reserva, o sal-gema que apresenta um grau de pureza rondando os 92 por cento (ao passo que o sal marítimo tem uma percentagem

de 98, aumentará em 225 mil toneladas a produção de sal puro.

O projecto envolve centenas de milhões de escudos a investir na região lagunar algarvia, situada entre a ilha de Faro e a do Farol, e prevê que os mil hectares referidos da ria de Faro formem uma bacia de recristalização para a purificação do sal-gema. Com mais 225 mil toneladas de sal puro, Portugal não precisaria de importar e passaria mesmo a país exportador.

O único problema reside na possibilidade do bloqueamento daqueles mil hectares daquela reserva lagunar vir a causar uma alteração dos ecossistemas naquela ria, transformando a zona agora húmida numa de sapal (seca). A região abrangida pelas instalações da bacia de recristalização inclui não só diversos viveiros de moluscos bivalves — os quais desapareceriam, caso se venha a concretizar o projecto — como confina com o Mar Santo,

santuário e centro de reprodução e desenvolvimento de várias espécies que eventualmente deixarão de aí ocorrer.

A instalação da bacia de recristalização e a purificação de 225 mil toneladas de sal implicarão algumas transformações no porto de Faro, que neste momento não dispõe de meios nem condições para a escoar, caso o projecto da «Clona» venha a ser aprovado.

Seguindo a tradicional reputação da Telemec

MECÆL

está ao seu serviço como distribuidor da aparelhagem eléctrica

Telemecanique

ESCRITÓRIO: Rua D. Estefânia, n.º 92-A — 1000 LISBOA
Telef: 55 14 77 --53 73 29 --54 21 76 --57 13 99

ARMAZÉM: Rua Conselheiro Mariano de Carvalho, n.º 45 Arm. G — Olivais — 1800 LISBOA
Telef.: 31 30 25 --33 00 73 --33 00 74

Expressamente confidencial

• Embora a nossa reportagem não tenha acompanhado, como habitualmente fazemos, a vida e ocupações do Primeiro-Ministro, recebemos, de meios muito próximos de São Bento e indirectamente da Quinta da Marinha, a informação de que o Dr. Francisco Balsemão não aderiu à greve geral. Não só compareceu no seu gabinete, como trabalhou.

• O Doutor Freitas do Amaral ficou decepcionado com o comício da AD, no Pavilhão dos Desportos. Contra as previsões dos serviços de sondagem do CDS, o Dr. Balsemão foi o mais aplaudido dos líderes da AD.

• Desmentimos, de acordo com informações reputadas muito seguras, que os jornalistas da redacção do semanário «Povo Livre» tenham aderido à greve geral nacional organizada pela CGTP-Inter.

• Também não se confirma que o Eng. Ângelo Correia tenha feito visitas de inspecção à LISNAVE e à SETE-NAVE, para testar a eficiência dos dispositivos de segurança. Nem parece ter fundamento a notícia, que chegou a correr ontem à tarde, de que comissões de operários iriam agradecer ao Eng. Ângelo Correia o empenho com que se esforçou por garantir a liberdade de fazer greve e a segurança dos trabalhadores grevistas.

• Não se confirma que o general Firmino Miguel tenha feito depender de uma consulta ao ministro da Defesa Nacional, a aceitação ou recusa do convite para ocupar um alto cargo no Estado-Maior do Exército.

• Os deputados da Assembleia Nacional não fizeram greve; falaram da greve.

• A nomeação do Comandante Pinto Machado para a Anop, não significará, garante-se nos meios bem informados, a militarização da Agência Noticiosa Portuguesa. Nem foi imposta pelo Conselho da Revolução, desejoso, segundo se diz, de controlar a sociedade civil.

• O Dr. Francisco Pinto Balsemão não pedirá a sua demissão — do lugar de Primeiro-Ministro — antes do regresso do Dr. Mário Soares da sua próxima viagem à América Latina.

• O Professor André Gonçalves Pereira adiou o seu pedido de demissão. Está à espera de uma vaga num organismo internacional. Os diplomatas que representam Portugal em várias capitais e na ONU estão atentos a qualquer vaga que se venha a abrir e têm instruções para alertar as Necessidades.

Nem Primeiro-Ministro, nem Presidente

João Salgueiro e Mota Amaral desmentem 'ambições políticas'

João Salgueiro e Mota Amaral desmentiram nos últimos dias, quase em simultâneo, que tivessem ambições políticas transcendendo as funções que actualmente desempenham: ministro das Finanças do Governo AD e chefe do Governo Regional dos Açores.

Os desmentidos surgiram depois destes dois nomes terem sido apontados com alguma insistência como alternativas potenciais a Pinto Balsemão (João Salgueiro) e a Ramalho Eanes (Mota Amaral) caso o Primeiro-Ministro venha a abandonar o seu cargo na sequência de uma eventual queda do actual Governo e o Presidente da República concretize a sua demissão após a Revisão Constitucional.

Falando para o jornal espanhol «ABC», João Salgueiro disse que aceitou a pasta das Finanças «por responsabilidade», embora creia que a sua «aventura política terminará aqui». Acrescentou não ter interesse «absolutamente nenhum» em ser Primeiro-Ministro e que Pinto Balsemão «sabe muito bem» que não tem «nenhuma ambição política» e que entrou no Governo «depois de muitas dúvidas e hesitações».

Quanto a Mota Amaral, em declarações proferidas em Angra do Heroísmo, desmentiu o jornal «Expresso» que na sua penúltima edição o citava como tendo-se declarado disposto a ocupar «um lugar de destaque na vida política nacional», lugar esse que aquele semanário identificava como podendo ser o de Presidente da República. Segundo Mota Amaral, nunca admitiu tal hipótese tendo havido

um erro jornalístico na transcrição das suas palavras. «Quando me perguntaram se eu encarava a hipótese de vir a ocupar um lugar de destaque na vida política nacional, afirmei: não excludo nem admito» — sublinhou

agora o chefe do executivo açoreano acrescentando que tem compromissos com a Região Autónoma dos Açores até 1984 pelo que «só uma alteração dessas condições me levaria a revê-los».



Mota Amaral e João Salgueiro

Paulo Jorge, ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, rejeitou intermediações em qualquer reaproximação entre o seu país e os Estados Unidos. O ministro angolano fez estas declarações em Brasília ao comentar a recusa de visita a Portugal de Alexander Haig e o papel português como ponte entre Washington e Luanda.

«Não precisamos de intermediações para criar factos que conduzam a uma futura normalização de relações porque defendemos negociações directas» — disse Paulo Jorge durante uma conferência de imprensa inserida no programa da sua visita oficial ao Brasil.

O ministro angolano recordou que a eventual normalização de relações entre os dois países havia já sido abordada directamente por si, aquando de um encontro com o próprio Haig realizado durante a sua última visita a Nova Iorque. Referindo as actuais movi-

Incidente Soares-URSS

MNE não considera o assunto encerrado

O Governo ainda não decidiu que posição tomar sobre o incidente que envolveu a Embaixada da URSS em Lisboa e o secretário-geral do PS, Mário Soares. Ontem mesmo foi comunicado ao embaixador Kalinine que o Governo não considerava o assunto encerrado a menos que a Assembleia da República considerasse aceitável o pedido de desculpa que aguarda, depois de na quinta-feira ter aprovado uma moção de protesto apresentada pelo PS.

A entrega formal desta moção ao representante diplomático da URSS foi feita durante uma audiência no Palácio das Necessidades, solicitada pelo embaixador Kalinine.

Para além da entrega do documento, o Governo, através do Ministério dos Negócios Estran-

geiros, terá reiterado a sua reprovação pelas afirmações de um porta-voz da embaixada e, perante a disposição da embaixada soviética em responder ao protesto parlamentar, terá insistido na necessidade de um novo pedido de desculpa, desta vez endereçado à Assembleia da República. Anteriormente, a embaixada soviética já emitira duas outras notas, a primeira corrigindo as declarações iniciais do seu porta-voz e a segunda a pedido formalmente de desculpa a Mário Soares.

Segundo o MNE, só o novo pedido de desculpa soviético determinará se o incidente terá outras consequências.

Aguarda-se que esta semana ainda seja anunciada nova reunião no MNE para exame da situação.

Durante esta próxima audiência, assim como na que se realizou ontem, terá sido igualmente examinada a questão da expulsão de mais funcionários da embaixada da URSS de acordo com intenção tornada pública pelo ministro Gonçalves Pereira. Segundo uma fonte diplomática, o Governo estará a pensar em fazer recair sobre correspondentes de órgãos de informação soviéticos as novas medidas de retaliação face ao caso polaco.

A questão das relações de Portugal com a URSS foi um dos temas em destaque nas conversações que esta semana o secretário de Estado dos EUA, Alexander Haig, teve em Lisboa com o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira. Haig enalteceu por duas

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA COMUNICADO

Em reunião dos Presidentes ou representantes de todas as Câmaras Municipais do Distrito de Beja, realizada no dia 29 de Janeiro findo, foi decidido solicitar a convocação de uma sessão extraordinária da Assembleia Distrital, nos termos do n.º 2 do art.º 84.º da Lei N.º 79/77, com a seguinte ordem de trabalhos:

I — ANTES DA ORDEM DO DIA:

Duração de 60 minutos.

II — ORDEM DO DIA:

1. — Plano de Combate ao Desemprego;
2. — Segurança Social no Distrito (Situação);
3. — Serviços Médicos à Periferia (Situação);
4. — Outros assuntos de interesse distrital;
5. — Diversos assuntos de expediente relativos à Autarquia.

Tal pedido foi apresentado ao Governador Civil de Beja, na qualidade de Presidente da Assembleia, tendo-se sugerido o dia 9 de Fevereiro para tal fim.

Não respeitando o prazo de 10 dias para a sua realização, são os Presidentes das Câmaras surpreendidos com a marcação da sessão para o dia 12 de Fevereiro.

Em face da convocatória recebida para o indicado dia 12, os Presidentes das Câmaras de ALJUSTREL, ALMODÓVAR, ALVITO, BEJA, CASTRO VERDE, CUBA, FERREIRA DO ALENTEJO, MÉRTOLA, MOURA, ODEMIRA, SERPA e VIDIGUEIRA, reunidos nesta data na Câmara Municipal de Beja decidiram:

- 1.º — Denunciar a falta de cumprimento da Lei e do próprio Regimento da Assembleia por parte do Governador Civil;
- 2.º — Denunciar o adiamento da discussão dos graves problemas que constam na ordem dos trabalhos, o que vem confirmar a falta de interesse que o Governador Civil tem manifestado em anteriores reuniões da Assembleia Distrital pelos problemas do distrito, em especial no que se refere ao desemprego;
- 3.º — Os Presidentes das Câmaras repudiam a marcação da sessão para o dia 12 de Fevereiro, considerando esta atitude do Governador Civil uma torpe provocação e a mais elementar falta de respeito e decore para com os legítimos sentimentos da esmagadora maioria da população do distrito de Beja.

Beja, 9 de Fevereiro de 1982.

Falso voto propõe na AR:

“Soares simpatizante honor da AD”

Uma onda de bom humor na esquerda do hemiciclo e outra de confusão na direita varreram quinta-feira o Parlamento quando apareceu a circular um voto de homenagem a Mário Soares pela forma como correspondeu «ao apelo patriótico e nacional do deputado Sousa Tavares (PSD) que, citando Nelson, disse esperar que cada português soubesse cumprir o seu dever». O voto, que se provou ser falso, tinha apostas assinaturas de Dinah Alhandra, cronista do semanário «Tempo» e ex-deputada

do PSD, de Oliveira Dias, presidente da Assembleia da República e deputado do CDS de um deputado do PPM cujo nome se encontrava ilegível. As assinaturas, evidentemente, eram também falsas.

Sob o ar divertido das bancadas à esquerda do PS — e mesmo de um ou outro socialista que destoava da indignação que grassava na sua bancada — o falso voto atraía as atenções quando, por baixo do timbre da Assembleia da República, se lia: «O futuro da

Pátria está em causa, o perigo vermelho avoluma-se.»

Depois desta «introdução» e do já citado apelo do deputado Sousa Tavares, o documento acrescentava que o líder do PS «correspondendo ao apelo desinteressado do general Haig em defesa da civilização ocidental, não êxito em colocar acima dos estreitos interesses de um partido dos trabalhadores os superiores interesses da NATO, baluarte de interesses mais vastos, porque interna-

Lisboa é ponte Washington-Luanda?

Não precisamos de intermediários

— diz Paulo Jorge

mentações diplomáticas entre Luanda e Washington, Paulo Jorge recordou que elas se processam ao abrigo da política delineada pelo próprio presidente José Eduardo dos Santos. «O presidente José Eduardo dos Santos disse em Dezembro que o Governo angolano está disposto a iniciar conversações directas com os Estados Unidos» - lembrou aos jornalistas.

O chefe da diplomacia angolana fez estas afirmações ao ser confrontado com a declaração de Haig, em Lisboa, segundo a qual os Estados Unidos poderiam aproveitar a experiência de Portugal na África Austral. Na mesma altura Haig precisou contudo que a normalização das relações com Luanda, que terão de passar pelo reconhecimento do actual Governo angolano por parte dos Estados Unidos, está dependente da retirada das tropas cubanas e da afirmação de independên-

cia de Angola face à União Soviética.

Nos últimos tempos, a par de alguns sinais de desanuviamiento nas relações entre os dois Estados, o Governo norte-americano desenvolveu uma política de abertura à UNITA, sem precedentes nas anteriores administrações norte-americanas. Em círculos diplomáticos ocidentais tem-se especulado em torno do desenvolvimento, em paralelo com esta política norte-americana, de iniciativas de aproximação entre o MPLA e a UNITA.

Portugal vem sendo apontado, também aqui, como intermediário, mas o Governo de Lisboa tem rejeitado categoricamente todas as notícias referindo qualquer acção nesse sentido. A mais recente destas informações - oficialmente negada - dizia respeito a contactos que teriam sido mantidos pelo secretário de Estado Leonardo Matias.

Da parte angolana não tem

Aumentos nas Forças Armadas maiores que na Função Pública

O Conselho da Revolução aprovou na passada quarta-feira os novos vencimentos para os militares dos quadros permanente e do complemento, que passam a variar entre sessenta contos, para os generais de quatro estrelas e dez contos e trezentos para os soldados do contingente.

Os aumentos, globalmente considerados, cifram-se numa percentagem de 15,8 e foram conseguidos depois de vários debates entre os chefes de Estado-Maior e o ministro da Defesa, Freitas do Amaral, devendo entrar em vigor no próximo mês, mas com efeitos retroactivos a 1 de Janeiro deste ano.

Ainda está por decidir no Conselho da Revolução se os militares deverão pagar, já este ano, os impostos que serão também devidos pelos trabalhadores da função pública.

Para que o ordenado base não ultrapassasse os limites estabelecidos para a função pública, foram aumentados os suplementos da condição militar.

São os seguintes os novos vencimentos de militares: general de quatro estrelas: 66 contos; general de três estrelas: 55,5; brigadeiro: 52; coronel: 49,3; tenente-coronel: 44,1; major: 41,6; capitão: 37,8; sargento-mor: 33,3; sargento-chefe: 31,5; tenete: 31,4; alferes: 28,8; sargento-ajudante: 26,3; primeiro-sargento: 24; segundo-sargento: 21,8; furriel: 20,2; 1.º cabo readmitido: 17,4; 2.º cabo read.: 14,4; soldado read.: 13,6; aspirante a oficial: 12,2; 1.º cabo cont.: 10,5; 2.º cabo cont.: 10,4 e soldado: 10,3.

Os suplementos, que já estão incluídos nestes números, variam entre 8,4 contos, para os primeiros-cabos readmitidos.



Paulo Jorge

havido comentários a estas informações. Ontem, contudo, poucos dias após o desmentido dos contactos que teriam sido desenvolvidos por Leonardo Matias, o embaixador angolano em Lisboa, Adriano Sebastião, esteve com o Primeiro-Ministro português, Pinto Balsemão. A audiência efectuou-se a pedido do embaixador angolano não tendo sido revelados os temas discutidos durante o encontro.

Comício AD: o anticomunismo une-os

Amaral: "em forma" Balsemão: sem "discurso"

Só o PCP os une... - comentava alguém no Pavilhão dos Desportos completamente cheio. Ambiente eleitoral, com o Governo - ao menos ali - alinhado atrás dos líderes da AD. Estávamos a duas horas do início da Greve Geral decretada pela CGTP-IN. Helena Roseta dirigia o comício. As palavras de ordem eram as mesmas: **Cunhal para a Sibéria, Morte ao Cunhal**, pateadas ao Conselho da Revolução, serpentinadas, bandeiras. Apenas um slogan novo: **O povo registou: Eanes não falou**. A AD pretendia que o Presidente da República viesse a público intervir, discursar. A AD acusa o PCP de pressionar o Presidente a intervir na vida política. A AD não queria também o mesmo?

E chegaram os líderes. Ribeiro Telles (PPM) continua no mesmo tom da campanha eleitoral: fala muito, tempo infinito (Freitas do Amaral ria com Balsemão e olhava para o relógio). Diz coisas deste género: **O dia 12 em vez de ser uma Festa do «Avante» vai, ao contrário, ser uma afirmação de patriotismo ou Não vamos enviar os comunistas para a Sibéria, mas ensiná-los a viver em democracia...**

Seguiu-se o prof. Diogo Freitas do Amaral (CDS). Fez, ali, no Pavilhão dos Desportos, na quinta-feira, o melhor discurso que lhe ouvimos ao longo de duas campanhas eleitorais. Nos dois comícios a que assistimos - com Balsemão no Governo - Diogo Freitas do Amaral assume a liderança: faz discurso. O presidente do CDS caminha para a chefia da Direita portuguesa. Uma intervenção cuidada, de presidente de partido e de membro do Governo. Um discurso cada vez mais à direita? Sem dúvida. Mas tem um discurso. **Sempre que a Minoria vier para a rua, será na rua que a Maioria responderá.**

Falou nos objectivos do PCP para esta greve e - disse Freitas do Amaral - o PCP tenta criar um ambiente que leve a um regime de excepção e que Sa Carneiro tinha razão (aqui houve uma enorme ovação, com muitas fotografias do líder do PSD desaparecido, espalhadas pela sala) a vitória presidencial do candidato apoiado pelo PCP, desestabilizaria o País. Freitas do Amaral também falou como ministro. Desculpou-se com as dificuldades económicas, o não cumprimento das

promessas da AD. Continua a acenar com essas mesmas promessas. **A revisão constitucional vai fazer-se. A AD vai continuar** - concluiu Freitas do Amaral.

Finalmente, e a terminar, falou Pinto Balsemão. O presidente do PSD não fez qualquer discurso. Porque a multidão não deixou? Não. Os milhares de pessoas ali presentes apenas têm um slogan para o líder do PSD: **Força Balsemão** e repetiram-no insistentemente. A confirmação, pelo eleitorado AD, da sua fraqueza? Um incentivo ou um apelo? Santana Lopes, o jovem PSD da direita, a seu lado, dá-lhe instruções. Pinto Balsemão repete. Dirige o coro do eleitorado, acompanha o ritmo com o pé. Espera-se o discurso. Balsemão dá, como exemplo da pujança da AD, a vitória recente na Faculdade de Medicina de Lisboa para a Associação de Estudantes. Fica-se pelas palavras de ordem: **A greve vai falhar, Portugal vai trabalhar**. Enorme vazio, para terminar um comício. Freitas do Amaral, a certa altura, diria, a «Maioria fala, a Maioria anda...».

Só que, e isso não disse a Maioria não governa.

Fernanda Mestrinho

AD já tem protocolo para as autárquicas

«Sempre que as listas da AD se afigurem insuficientes para democratizar a gestão autárquica e derrotar o PCP/APU, os partidos signatários admitem, por consenso, negociar oportunamente com outras forças democráticas...» - consta do protocolo que Pinto Balsemão, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles assinaram ontem, com vista às eleições autárquicas deste ano.

Partindo dos pressupostos de que «as próximas eleições

autárquicas contribuem para a coesão da AD, do seu Governo e do projecto que viabilizam e assumem» e «as melhores soluções neste campo têm sempre, por definição, de ter em conta as especificidades e os interesses locais», o protocolo, que inclui doze pontos, destaca:

Nas autarquias em que no antecedente se apresentaram listas conjuntas e naquelas em que esta modalidade seja considerada necessária para obter a vitória eleitoral, é

desejável a coligação entre os três partidos;

Sempre que a vitória de um dos três partidos da AD não se afigure provável, deverá evitar-se a apresentação de listas próprias.

Sempre que as listas da AD se afigurem insuficientes para democratizar a gestão autárquica e derrotar o PCP/APU, os partidos signatários admitem, por consenso, negociar oportunamente com outras forças democráticas acordos eleitorais susceptíveis de assegurar aquele objectivo



Arnold Kalliline

vezes a posição portuguesa que se tem caracterizado como uma das mais duras no quadro dos países da Aliança Atlântica e, sem dúvida, a mais próxima de Washington.

Negócios. Viagem urgente ao estrangeiro. Poupe tempo. Voe na KLM.

Vá e volte no mesmo dia

Negócios na Europa? Sabia que com a KLM pode viajar, discutir negócios no estrangeiro e voltar a Lisboa - tudo no mesmo dia?

Quer um exemplo? Parta de Lisboa às 7.55h. da manhã. Esteja em Copenhague às 14.00h. Trate dos seus negócios - tem mais de 6 horas à sua disposição. E deixe que a KLM o traga de volta a Lisboa antes da uma da madrugada.

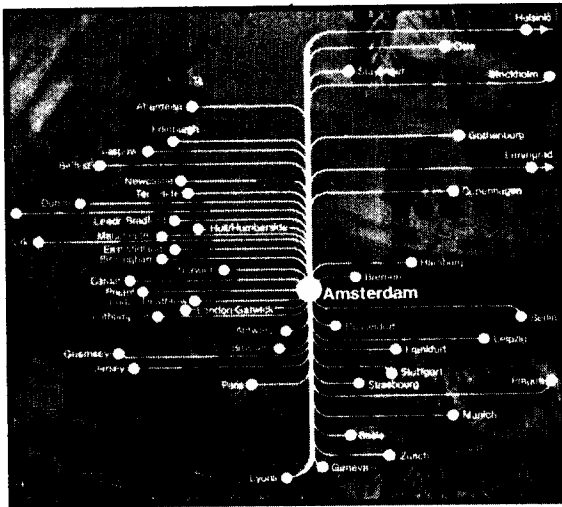
Eficiência KLM! Alargue o seu raio de acção a toda a Europa. E volte para o seu escritório - rapidamente.

Excelentes ligações

A KLM oferece-lhe, em Amsterdam, um sem número de ligações com todos os grandes centros da Europa - incluindo o Norte da Alemanha, a Escandinávia e nada menos do que 19 destinos no Reino Unido.

"Tax free"

O Aeroporto de Amsterdam tem o maior centro "tax-free" de todo o Mundo. Nada menos do que 51 lojas, "boutiques" e supermercados. Faça as suas compras sem perder tempo - mesmo se estiver em trânsito.



"Royal Class"

KLM quer dizer Companhia REAL Holandesa de Aviação. Por isso mesmo criámos a bordo um serviço altamente luxuoso que faz honra ao nosso nome.

A "ROYAL CLASS". Com um nível que é demasiado requintado para que se lhe possa chamar simplesmente Primeira Classe. Tranquilidade. Espaço. Pense e trabalhe calmamente. Prepare a sua visita de negócios, tome as suas notas ou faça o seu relatório num ambiente de conforto e isolamento.

Com uma soberba variedade de refeições e bebidas à sua disposição.

Informações complementares

O seu Agente de Viagens dar-lhe-á todas as informações sobre a rede de serviços da KLM.

E também sobre os nossos excelentes voos de ligação.

Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 4-A - 1298 Lisboa Codex. Tel: 57 91 10; Telex: 18511



Companhia Real Holandesa de Aviação

orário

cionais, os interesses dos empreendedores».

«Por tudo isto e por tudo quanto o País e o mundo não ignoram e por isso não vale a pena recordar - prosseguia o falso voto - os grupos parlamentares da AD decidiram atribuir a Soares o título de simpaticante honorário.»

Oliveira Dias, cuja assinatura, em «fac-símile», figurava no «voto», anunciou que vai ser instaurado um inquérito para averiguar a origem do falso documento.

a semana

Colorau e direitos humanos

Uma vez mais, a Polónia é pretexto para que os inimigos do desanuiamento tentem criar obstáculos artificiais ao diálogo Leste-Oeste, sabotando a conferência de segurança e cooperação europeias em Madrid. Sobre a questão polaca muito haveria a dizer, mas aproveitamos esta oportunidade que a semana em curso nos dá para nos referirmos a um problema específico: o dos direitos humanos. Porquê? Porque a reacção e a semi-reacção internacionais fazem uma gritaria histórica em torno desta questão.

Que se passa, afinal, na Polónia em matéria de direitos humanos, após o 13 de Dezembro, data da instauração da lei marcial? Uma primeira constatação: os ingerentes profissionais na política interna de terceiros países atrevem-se a exigir das autoridades polacas que seja «reposta a legalidade». Acontece, porém, que o recurso à lei marcial e os meios por esta postos em acção para pôr termo às manobras contra-revolucionárias são absolutamente legais, absolutamente constitucionais. Quem tomou a decisão foram as legítimas autoridades polacas, tendo à cabeça o primeiro-ministro, ministro da Defesa e secretário-geral do POUN, Jaruzelski. A acrescida importância conferida, nos termos da lei marcial, às Forças Armadas é, ela também, legal e normal. Separar as Forças Armadas polacas do seu partido dirigente é encarar a situação no interior dum país socialista com olhos que só sabem ver os aspectos formais das realidades dos países burgueses. Porque, com efeito, as Forças Armadas num país socialista são, se assim o poderemos dizer, o «braço armado» do Estado, da nação, do povo. Prova disso? Oitenta por cento dos oficiais polacos pertencem ao POUN.

Vejamos então agora o caso dos tão propalados «direitos humanos». Que se passou na Polónia após o 13 de Dezembro? A operação desencadeada pelo POUN saldou-se por oito mortos, cinco a seis mil presos e a suspensão temporária de alguns direitos e garantias individuais. Porquê então tanto histerismo à volta dos «sofrimentos» do povo polaco, do «espezinhamento» dos seus direitos humanos?

Diga-se, para já, que subjacente a esta campanha, há uma ideia espalhada entre os inimigos do socialismo e que é realmente acertada — aquilo que no mundo ocidental é considerado (os mortos em confronto com as forças da ordem, a corrupção dos direitos e garantias individuais) só em casos excepcionais — simos se verifica nos países socialistas.

Mais ainda: se o recurso legal à lei marcial tanto os escandaliza na Polónia, é porque sentem que, em regime socialista, as situações de excepção, ainda que constitucionais, são raras, ao contrário do que acontece em regime capitalista, onde o atropelo às leis fundamentais do Estado é moeda corrente, onde o desrespeito pelos direitos e garantias dos cidadãos são uma constante do dia a dia.

Que são os «direitos humanos»?

Como se sabe, os «direitos humanos» são aquele conjunto de 30 princípios básicos que, na Declaração Universal, foram aprovados a 10 de Dezembro de 1948 pela Assembleia Geral da ONU como «o ideal a atingir por todos os povos e por todas as nações». Que fazem os propagandistas burgueses? Ocultam pormenores essenciais para a abordagem desta questão, para mais facilmente manipularem as consciências. Assim, citam apenas os direitos cívicos e políticos, colocando no total esquecimento os direitos económico-sociais e culturais, que também constam da Declaração (cujos pactos só foram, aliás, assinados pelos EUA em 1977). Porquê? A razão é fácil. Como provar que os direitos humanos são respeitados no Ocidente, onde o desemprego abrange, só na área da CEE, 10 milhões de pessoas, e nos EUA, nove por cento da mão-de-obra? Como provar que qualquer cidadão dos países capitalistas tem direito a salário igual por trabalho igual, ao repouso, ao lazer, à alimentação, à educação, à saúde, ao alojamento? Como dizer às populações dos países capitalistas que todos esses direitos humanos aprovados na ONU lhes são garantidos pelo regime quando elas conhecem bem as duras realidades da existência em todos esses planos da vida?

Antigamente, quando as feridas da guerra eram profundas na URSS e quando o socialismo começava a erigir-se noutros países europeus sobre os escombros da grande catástrofe, em plena «guerra fria», a propaganda capitalista tecia-se à volta da miséria reinante nos países socialistas. Mas à medida que o socialismo foi demonstrando a sua capacidade para arrancar os povos ao atraso e ao subdesenvolvimento, à medida que os novos países socialistas europeus se foram firmando entre as nações economicamente mais avançadas do mundo, a campanha mudou de objectivo. Chega-se agora ao ponto de dizer que o socialismo garante a satisfação das necessidades básicas, mas com sacrifício das liberdades... No fundo, com esta campanha, o que se pretende é demonstrar que os direitos cívicos e políticos só são aqueles que caracterizam um único regime político: o das chamadas democracias parlamentares ocidentais. Qualquer outra forma de participação dos cidadãos nos negócios públicos é considerada «violação dos direitos humanos», muito embora a própria Declaração Universal aprovada pela ONU preveja expressamente que essa participação pode alcançar-se por diferentes meios e não necessariamente pelos que caracterizam as nações democráticas burguesas.

Mas se os ideólogos burgueses pretendem discutir os direitos humanos, apenas neste limitado terreno, também aí temos conversado.

Aqui na Europa

Ninguém se deixa iludir sobre as verdadeiras motivações das históricas e hipócritas vociferações de apoio aos «trabalhadores polacos», «vítimas de violações dos direitos humanos». Nenhum de nós. E muito menos aqueles que nessa campanha gostosamente se enredam. Basta que passemos uma vista de olhos por cinco países do mundo capitalista, escolhidos não por acaso mas por razões que adiante se apontam, para vermos quão gigantesco seria que ser o consumo de velinhas se os propagandistas burgueses e eclesiásticos se preocupassem realmente com os direitos humanos.

Só por escárnio o programa televisivo de início do sr. Ronald Reagan poderia ter como vedeta — como uma das vedetas — o primeiro-ministro turco, perorando sobre os «direitos humanos» do povo polaco. A sua intervenção nesse programa é um símbolo, uma prova do impudor com que estas campanhas são orquestradas e da pouca consideração com que os recipientes de tais campanhas são tidos pelas contras que as organizam.

Vejamos então o que se passou e se passa na Turquia, país europeu, membro da NATO, com aspirações a integrar-se no «espaço democrático da CEE», e que recebe 400 milhões de dólares por ano de auxílio militar dos EUA. O argumento que o secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, invocou para justificar o golpe na Turquia e dar a sua bênção ao regime de Istambul foi o de que os militares intervieram para pôr cobro ao terrorismo que causava dezenas de vítimas por dia. É um facto: havia terrorismo. Mas que terrorismo? O da extrema-direita que vitimava sobretudo militantes de esquerda e sindicalistas e que visava criar as condições para o desencadear de um golpe por parte de elementos ainda mais ultras que os actuais ocupantes do poder. A esse terrorismo respondia, por defesa, o contra-terrorismo de elementos da extrema-esquerda. Mas a espiral da violência, na Turquia, como em todo o lado, foi desencadeada pelos fascistas.

O golpe dos militares turcos teve por principal objectivo criar as condições sociais susceptíveis de permitir «em paz» a aplicação das imposições do Fundo Monetário Internacional e de outras instâncias financeiras controladas pelo Ocidente, que acorreram em auxílio da Turquia, país cuja importância estratégica se viu, de repente, acrescida após a queda do xá do Irão.

Um estudo confidencial do FMI, revelado pela revista «Afrique-Asie», em Setembro de 1980 (ainda antes do golpe) mostrava como o governo direita de Demirel era louvado pelos «peritos», os quais estremeciam à ideia da repetição da experiência (aliás, moderadíssima) do governo de esquerda de Bulent Ecevit. No estudo recomendava-se o desmantelamento do sector público e considerava-se que havia que criar condições para garantir a prossecução da política económica de Demirel. Que política era essa? Aumentar os lucros dos grandes trusts, abrir às escancaras as portas do país aos investidores de Londres, Paris, Nova Iorque e fazer recair sobre as grandes massas todo o peso da «austeridade». O FMI dispunha-se a emprestar 1,6 mil milhões de dólares por três anos, a OCDE, 1,16 mil milhões, para o ano de 1980, a CEE, 800 milhões por 5 anos, e o Banco Mundial, 600 milhões. A única coisa necessária era que Demirel tivesse mãos livres para aplicar a sua política. Contudo, a classe operária e os sindicatos turcos mostravam-se cada vez mais «rebeldes», «dinâmicos», a agitação popular alastrava, as províncias asiáticas pareciam prestes a explodir em erupções «khoménistas». Que fazer? Um golpe militar para que a direita turca, aliada ao grande capital internacional, assegurasse a existência de condições «estáveis» e fundasse um novo regime, assente numa Constituição menos «liberal» que a de 1960. O golpe militar de 12 de Setembro de 1980 ocorreu no preciso momento em que se iniciavam as grandes manobras da NATO na Trácia e logo que o chefe do Estado-Maior da Força Aérea turca, Tahsin Sahinkaya, regressou dos EUA. O papel dos EUA no golpe é inquestionável e a irritação do senhor Haig, quando os jornalistas lhe falam no caso turco, é a esse respeito bem sintomática.

Que resultou do golpe? A repressão selvática sobre os trabalhadores turcos, as primeiras execuções desde 1972, o desmantelamento dos partidos e dos sindicatos, os julgamentos em massa de milhares de pessoas (sobretudo de esquerda), as condenações à morte, a violência do Estado sobre as massas.

Quantas velas será preciso acender? Ou será que os turcos, não cristãos, não se encontram no âmbito das preocupações da cristã Europa Ocidental?

Se é isso, vejamos então o que se passa na Irlanda do Norte. Com católicos da mais pura cepa. Com os herdeiros directos desses irlandeses que há oito séculos lutam em vão pela independência. Como se sabe, nunca o povo irlandês se vergou ao jugo colonial britânico. Toda a luta se agrava depois da campanha de Cromwell, depois da vitória de Guilherme de Orange e da consequente imposição da religião protestante a um país católico, acompanhada da introdução maciça de presbíteros e protestantes no país para «afogarem» as populações católicas autóctones. O extermínio pela espada, a fome pelo «excesso da população», a introdução forçada de colonos, tudo foi utilizado contra o povo irlandês. E quando este, na sequência de uma insurreição vitoriosa nos anos 20, conseguiu, finalmente, a independência, ela foi arrancada das mãos dos católicos dos condados do Norte. Que se passa ainda hoje na Irlanda? Que se passou em 1980? Dez patriotas irlandeses foram deixados morrer friamente na prisão, em greve da fome, só porque exigiam o reconhecimento de um estatuto de que, já haviam usufruído — o de presos políticos. As razões por que na sua maioria estavam presos, as irregularidades dos seus julgamentos, a brutalidade desproporcional das penas, a imposição de condições penitenciárias humilhantes e vexatórias — tudo isso prova como a «democrática» Grã-Bretanha está disposta a levar às últimas consequências a sua luta contra os independentistas da última colónia que lhe resta. O primeiro a morrer foi Bobby Sands, deputado eleito com todas as normas para o símbolo mesmo da democracia à ocidental — o parlamento britânico. E que fez o Papa? Que fizeram os veladores da Polónia? Nada. E que fez a Igreja local? Sabotou a luta. Os mortos da Irlanda, os de ontem, os de hoje, os de amanhã são para esquecer. São católicos, são europeus, mas são realmente oprimidos, explorados. Não valem as atenções dos valores profissionais. Se valessem, quantas missas mereceria a alma de Bobby Sands e dos seus companheiros? Quantas orações públicas exigiriam eles na Praça de São Pedro? Quantos espectáculos televisivos os EUA lhes consagriam?

E já que de católicos se trata, repare-se na suprema hipocrisia deste mundo cristão que, consente, impávido e sereno, que um dos seus hierarcas — um arcebispo — seja friamente assassinado quando rezava missa, no altar da sua própria igreja, no dia 25 de Março de 1979 em São Salvador. Referimo-nos a monsenhor Óscar Romero. Mas ele foi apenas uma das 35 mil pessoas assassinadas nos últimos dois anos, que se somam às 30 mil assassinadas há 50 anos, aos milhares ignorados que durante meio século têm vindo a morrer à sombra do poder terrorista das chamadas «14 famílias» e dos seus bandos. Ora, a luta contra o povo salvadoreño está a ser feita por um partido denominado de democracia cristã, com 10% dos comandos militares idos expressamente dos EUA e com auxílio maciço e cada vez maior de Washington. Que se faz então por estes seres humanos assassinados em massa? Que se faz pelos padres e freiras diariamente assassinados em El Salvador? Que se faz por Jesus? Por Jesus Chacón? Que se faz pelos bebés católicos que os soldados salvadoreños atiram ao

ar e espelam nas baionetas? Que se faz pelos presos políticos assassinados nos matadouros humanos em El Salvador e na Guatemala, segundo a reportagem, documentada, com fotos e tudo, que a revista oeste-alemã «Der Spiegel» publicou no seu último número? Que se faz perante esses crimes arrepiantes que a revista denuncia e que em nome da civilização cristã e ocidental se cometem bem no coração do Império americano? Que se faz pelo povo da Guatemala, do Chile, do Uruguai, do Paraguai, da Bolívia? Que fez o Papa quando foi à América Latina? Escolheu a possibilidade histórica de abraçar monsenhor Romero ainda vivo (por poucos meses)? Escolheu a hipótese de ir orar ao túmulo do padre Camilo Torres? Orou pelos padres, pelas freiras, que, imbuídos do espírito do Sermão da Montanha, auxiliam as populações expoliadas, oprimidas e massacradas? Não. No México desperdiçou conselhos para que a luta política não desviasse a energia dos sacerdotes. No Brasil, se saudou D. Helder Câmara, se visitou favelas, se visitou leprosos, foi porque a Igreja local, ensinada com a experiência da visita ao México, lhe soube impor o devido itinerário... Já imaginaram o que seria a força da Igreja Católica posta ao serviço dos católicos oprimidos na América Latina, nessa vitrina onde o neocolonialismo tem um espelho sem igual para contemplar todos os seus horrores e todas as suas deformações, nessa América Latina onde nem sequer os países de regime formalmente democrático escapam às guerras civis larvadas e ignoradas, às perpétuas e sistemáticas violações dos direitos humanos, nessa América Latina onde cada povo que se liberta é ameaçado de extinção como acontece com o cubano, o nicaraguense, o granadense?

Chegará toda a cera deste mundo para as velas que a América Latina nos reclama?

A este propósito, evoquem-se as palavras do clérigo Erhard Eppler, membro do presidium do SPD da RFA: «na Guatemala, Lech Walesa teria desaparecido há muito e ninguém chegaria a dar por tal». Pela nossa parte, acrescentaremos: e ninguém se incomodaria com isso.

África do Sul e Israel

Passaremos agora ao de leve — porque o texto vai longo e não haveria papel que chegasse para esgotar tantos horrores — por dois países que sobrevivem, matando, apenas graças ao auxílio ocidental, sem que a Igreja Católica erga a voz em protestos na Praça de São Pedro: a África do Sul e Israel.

Há tempos entrevistámos dois sindicalistas negros sul-africanos separados por 30 anos de idade. Que destinos tão iguais! Ambos bapidos, ambos condenados ao exílio perpétuo, porque ambos lutaram, com os mesmos resultados imediatos, pelas mesmas coisas: os direitos humanos essenciais do povo negro. Nenhum deles conseguiu nenhum dos direitos por que lutou. Ambos alcançaram o mesmo destino: viverem escorraçados da pátria. Recorde-se que a África do Sul é hoje o único Estado do mundo que erige o seu próprio sistema com base na violação dos dois primeiros artigos da Declaração da ONU: na discriminação racial. Nascer com determinada cor de pele na África do Sul é estar fadado ou condenado a um destino imutável. Que surpreende, então, que as lições de Cristo sejam também na África do Sul respeitadas por eminentes personalidades da Igreja Católica local? E que surpreende que essas personalidades sejam perseguidas? E se o Papa recebeu o arcebispo Desmond Tutu no Vaticano, que mais fez por ele e por todos os católicos e outros cristãos, negros e brancos, sobre os quais se abate a repressão do «apartheid»? E pelas populações, cristãs e não cristãs, dos países vizinhos, constantemente sujeitas às agressões dos racistas de Pretória?

E Israel? Quem fala das violações sucessivas dos direitos humanos que Israel pratica contra as populações dos territórios árabes ilegalmente ocupados, das casas que dinamita, das prisões arbitrárias a que procede, das torturas que pratica, dos escândalos que a este respeito rebentam nas colunas da própria imprensa hebraica? Que solidariedade colheu monsenhor Hilário Capucci, preso pelos sionistas, sob a acusação de favorecer a OLP? Quem se preocupa com o drama dos palestinos, condenados a uma vida sem pátria, a viverem em tendas de acampamento, com esse povo ao qual é sistematicamente negado o próprio direito aos quatro palmos de terra e ao caixão? Quem mantém o povo palestino nesta situação que mais nenhum outro povo, como povo, conhece no mundo actual? Quem protesta contra esta intolerável violação dos direitos humanos? E quem arma o braço de Israel?

Que concluir?

Face a este enunciado, diminuto, demasiado diminuto, que concluir? Que tudo isto é uma questão de classe. Há uma regra de ouro não escrita, mas adoptada por todos quantos se calam durante anos, e, de repente, gritam, histericos e hipócritas, desde o dia 13 de Dezembro: em defesa do socialismo nada vale. Não vale o recurso legal ao estado marcial com o mínimo sangue possível e com a maior serenidade que as circunstâncias permitam. Em defesa do capitalismo, tudo vale. O socialismo não tem o direito de se defender. O capitalismo não tem de se defender. Por todos os meios: nem que seja com o recurso à bomba de neutrões ou com a última das opções, o holocausto nuclear da humanidade.

Aos portugueses embrenhados no histerismo hipócrita da campanha pelos direitos humanos na Polónia, recordaremos o título que na primeira página de «A Capital» constituía recentemente uma das mais veementes denúncias dos direitos dos nossos compatriotas: «Até traziam ainda os beijos lambuzados de colorau.» Quem trazia os beijos lambuzados de colorau? As crianças, as «crianças pobrezinhas» que, juntamente com os adultos, os adultos pobres, disputam os restos das lixeiras municipais aonde se deslocam diariamente em busca de alimento. Tudo lhes serve. Comem tudo. Lambuzam-se de tudo. Naquele dia, lambuzaram os beijos de colorau. A nós não restam dúvidas de que muitos dos veladores da Polónia gostariam de ver **esses direitos humanos** reservados não apenas aos portugueses, mas também aos polacos. Porque, em matéria de solidariedade humana, tudo quanto estão dispostos a conceder é o colorau das suas sobras para que os pobrezinhos o possam lambem quando buscam alimentos nas lixeiras municipais.

Alice Nicolau

*El Salvador***Chacina de civis em nova operação antiguerrilha**

Segundo uma fonte não oficial, foi lançada uma operação anti-guerrilha «em grande escala» no sul do departamento salvadoreño de Usulután, que se estenderá, provavelmente, ao departamento de San Miguel.

Entretanto, o embaixador dos Estados Unidos, Dean Hinton, criticou publicamente os «excessos» das forças governamentais contra a população civil e indicou que o apoio americano à Junta salvadoreña dependerá dos esforços desta para fazer respeitar os Direitos do Homem.

Em San José da Costa Rica, por sua vez, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional afirmou, num comunicado, que as forças conjuntas do exército e dos corpos de segurança estão a chacinar as populações civis nas zonas próximas das cidades de San Miguel e de Usulután.

Entretanto, aproxima-se a data

das eleições, 28 de Março, a derradeira ocasião, salientou o embaixador Hinton, para impedir uma vitória da guerrilha. Para vencer, frisou, «é necessário o apoio do povo e nenhum povo apoiará livremente um regime que violou os seus direitos durante tanto tempo».

O Governo do presidente José Napoleón Duarte, empenhado em conseguir uma viragem que lhe seja favorável graças a estas eleições, pediu ontem à Organização dos Estados Americanos o envio de três observadores para acompanharem no país a realização da campanha e do acto eleitoral.

Ontem em Bona, o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros anunciou que, contrariamente à atitude adoptada pelos Estados Unidos, os países da Europa Ocidental se recusarão a enviar observadores a estas eleições.

**Depois da execução de oficiais
Motim militar na Somália**

O governo do presidente somali, Mohammed Siad Barre, diz ter esmagado um grande motim militar no norte do país, depois de alguns dias de luta — foi hoje dito em círculos diplomáticos de Nairobi.

Elementos da Oitava Região Militar da Somália amotinaram-se, depois da execução sumária, o mês passado, de diversos oficiais superiores acusados de colaboração com a Frente Somali de Salvação, um grupo antigovernamental apoiado pela Etiópia, segundo os mesmos círculos.

Não há pormenores sobre o número dos oficiais que teriam sido executados, mas nos círculos

diplomáticos ocidentais da capital queniana confirma-se que houve luta entre os amotinados e as tropas leais a Barre, cuja política tem sido de aliança com os Estados Unidos.

Naqueles círculos comenta-se que os factos mais recentes demonstram a fragilidade de um presidente que depende cada vez mais de laços familiares e de clã para se manter no poder, ao qual ascendeu em 1969.

Elementos da oposição somali disseram que, na sublevação, estiveram implicados oficiais das guarnições de Burão, Hargeisa, Gabiley, Kalabeyrka, Wajale, Gebdallar e Allaybaday, todas elas no norte do país.

*Espanha***Parece terminada ocupação das Câmaras**

Nove mil pessoas, na sua maioria jornalistas desempregados, ocupavam ontem, pelo segundo dia consecutivo, as câmaras municipais de 64 localidades da província espanhola de Sevilha, onde reencontros entre a polícia e manifestantes causaram vários feridos na passada quinta-feira, revelaram fontes próximas da central sindical «Comisiones Obrebras». Os trabalhadores protestavam contra a falta de fundos

destinados ao emprego comunitário, que permitem às Câmaras dar trabalho aos desempregados. Um certo número de jornalistas inscritos no desemprego não recebem subsídio há três semanas, acrescentam as mesmas fontes.

Ontem à noite, o Governador civil de Sevilha anunciou que os fundos estariam disponíveis na próxima segunda-feira e, segundo informações não confirmadas, as ocupações teriam terminado.

Síria: rebelião de integristas circunscrita à cidade de Hama

Soube-se em diferentes meios de Damasco (referidos pela France Presse) que prosseguiram ontem, pelo décimo dia consecutivo, os combates entre forças da ordem e os insurrectos integristas em Hama, cidade do Norte da Síria. A rebelião não parece, contudo, alastrar, pelo que a estrada internacional Homs-Hama-Alepo será reaberta ao trânsito amanhã de manhã, segundo anunciou a agência «SANA». As operações levadas a cabo para neutralizar os «irmãos muçulmanos» conduziram à apreensão de muitas armas e munições, incluindo metralhadoras, canhões e foguetes antitanques. Foram presos dezenas de criminosos, afirma um comunicado.

A Síria reconheceu, na quarta-feira passada, pela primeira vez, que o seu Exército selou a cidade de Hama, mas o Governo queixou-se oficial-

mente de que os Estados Unidos exageraram notícias de agitação na localidade.

O embaixador norte-americano, Robert Paganelli, foi convocado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde os sírios apresentaram uma queixa formal, afirmando que Washington interferia nos assuntos internos da Síria, revela um comunicado do ministério.

A queixa surge como reacção síria a afirmações de Dean Fischer, porta-voz da Secretaria norte-americana de Estado, que disse a jornalistas ter Washington acesso a notícias sobre «graves distúrbios» em Hama.

«Posso mesmo afirmar que a situação de segurança no interior da Síria é ainda mais calma e segura que em muitas cidades norte-americanas», declarou o ministro sírio da Informação, durante uma conferência de Imprensa.

**Delegado polaco à CSCE
“A Polónia vencerá a sua crise apesar das pressões externas”**

O delegado polaco à Conferência para a Segurança e a Cooperação na Europa afirmou no plenário de ontem que «A deplorável campanha antipolaca» tem que cessar e que a Polónia ultrapassará a crise com que se debate, apesar de todas as pressões do exterior. Entretanto, quarenta e oito horas de discussões delicadas entre a Áustria e a URSS permitiram afastar a perspectiva dum adiamento brutal da conferência.

Os trabalhos recomeçaram ontem em sessão plenária à porta fechada numa «atmosfera mais desanuviada», segundo frisou o chefe da delegação espanhola, Javier Ruperez. Isto apesar de os ocidentais, em particular os ministros dos Negócios Estrangeiros francês e britânico, terem voltado a centrar o debate sobre a situação na Polónia, repetindo argumentos estafados.

No entanto, interrogado pelos jornalistas, Cheysson disse-se favorável à continuação da CSCE e em desacordo

com os Estados Unidos, para os quais a negociação quanto ao documento de encerramento dos trabalhos não pode ser reatada enquanto se mantiver o estado de guerra na Polónia. No que se refere a um eventual adiamento, Cheysson disse que «a França compreende antecipadamente» os argumentos de certos países que o propuseram.

Por sua vez, o vice-ministro polaco dos Negócios Estrangeiros, Josef Wleciak, exprimiu o desejo do seu Governo e de todo o bloco de Leste de proceder de forma a que «a Polónia não sirva de pretexto para um regresso à guerra fria, nem aqui, nem em qualquer parte». Muito duro no início da sua intervenção, o delegado polaco afirmou: «Em nome do meu Governo, rejeito categoricamente todas as tentativas feitas nesta reunião de Madrid para a envolver nos problemas internos polacos», os quais são da «única competência do Estado polaco». E frisou que a campanha sem

precedentes contra a Polónia tem objectivos claros: «Aumentar a tensão na Polónia, provocar conflitos, prolongar e agravar a lei marcial. Certos dos seus instigadores não excluem a perspectiva duma confrontação violenta no meu país e prova disso são as emissões radiofónicas que dão instruções quanto à forma de organizar a resistência e de conspirar contra o Governo polaco». E terminou em estilo de advertência: «Não esqueçamos que a Polónia vencerá um dia a sua crise, apesar das pressões externas e das restrições económicas. Contudo, se as nossas relações bilaterais se deteriorarem, assim permanecerão muito tempo. Não levantemos, pois, mais obstáculos. Tem que cessar a deplorável campanha antipolaca».

**Piloto desvia
avião polaco**

Decidiram ficar em Berlim

Ocidental, nove dos dezanove passageiros e tripulantes dum avião polaco «Antonov-26», desviado ontem de manhã para o aérodromo militar americano de Berlim/Tempelhof, pelo comandante de bordo, que trazia no aparelho a mulher e os seus dois filhos, mais uma prima acompanhada pelo marido e um filho, o co-piloto e um outro passageiro.

O piloto, que devia fazer a ligação Varsóvia-Wrocław, avisou os passageiros que não era possível pousar naquela cidade e que ia descer noutro aérodromo. Entretanto, informou a torre de controlo de Varsóvia que tinha pilotas do ar a bordo e que era obrigado a seguir para Berlim Ocidental.

Com uma tripulação enviada de Varsóvia, o aparelho já regressou ao seu ponto de partida.

O piloto e um amigo que o ajudou no desvio foram presos sob a acusação de «sequestro arbitrário». Tencionam, porém, pedir asilo político para eles e suas famílias.

Haig namora agora a Roménia

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, chegou ontem à noite a Bucarest, onde aludiu imediatamente à crise polaca e prestou homenagem à política «independente» da Roménia.

«Os acontecimentos recentes na Europa de Leste e noutras partes do mundo puseram mais uma vez em evidência os problemas que enfrentam muitos países que se esforçam por prosseguir o seu destino nacional independentemente de qualquer ingerência externa» — declarou o chefe da diplomacia americana.

É a sua primeira visita a um país do Leste, desde a proclamação do estado de sítio na Polónia.

O secretário de Estado acrescentou que o seu país está «muito preocupado» com tais acontecimentos e esta visita à Roménia é uma boa oportunidade de trocar os nossos pontos

de vista com o governo romeno a respeito desta questão e de outras. Frisou, no entanto, que os Estados Unidos não esperam deparar com uma similaridade de opinião acerca de todos os problemas que serão debatidos com a parte romena.

«Contudo, continuou, as nossas relações baseiam-se num acordo total quanto a uma questão: o direito de cada país à independência nacional, a uma plena soberania, liberta de qualquer ingerência externa. A Roménia reivindica este direito e exerce, nas suas relações com o mundo inteiro», concluiu.

**Haig foi a Marrocos
«pedir» bases**

Os Estados Unidos pediram a Marrocos que lhes seja consentido dispor em no país de duas

bases de trânsito para as Forças americanas, anunciou o secretário de Estado americano, Alexander Haig, ontem numa conferência de Imprensa, ao deixar aquele país, rumo à Roménia.

Precisou, contudo, que não foi tomada nenhuma decisão a este respeito no encontro que teve, na véspera, com o rei Hassan II, mas «vão começar dentro em breve» as conversações para o efeito, para o que «já estão feitos contactos positivos e construtivos».

Haig anunciou igualmente a criação duma comissão militar conjunta americano-marroquina, que se reunirá periodicamente.

Recorda-se que os Estados Unidos tiveram bases em território marroquino nos seguintes pontos: Quenitra, Sidi laia, Sidi Elsimane, Benguerir e Nuaceur, as três primeiras na região de Rabat e as restantes nas de Marraquexe e de Casablanca.

**Promulgada em França
a lei das nacionalizações**

A maior nacionalização governamental de empresas privadas francesas desde a Segunda Guerra Mundial tornou-se lei, quando na passada quinta-feira, o primeiro-ministro socialista, Pierre Mauroy, assinou o diploma respectivo, após a ultrapassagem das últimas barreiras constitucionais.

A rapidez com que Mitterrand agiu sublinha o compromisso do Governo para com a nacionalização, como arma contra o índice de desemprego do país, de 9,1 por cento, e as taxas de inflação, de 14 por cento.

Cinco importantes grupos industriais, 39 bancos e duas companhias financeiras foram nacionalizadas, após o Conselho Constitucional ter rejeitado objecções de partidos da oposição a partes de uma versão revista do projecto de lei do Governo.

O Conselho rejeitara em Ja-

neiro o projecto de lei original, afirmando que certas cláusulas, nomeadamente as respeitantes às compensações aos accionistas de corporações nacionalizadas, eram inconstitucionais.

O Governo melhorou posteriormente os termos das compensações, reviu outras cláusulas e apressou-se a apresentar projecto revisto à Assembleia Nacional, onde os socialistas possuem a maioria.

O presidente François Mitterrand declarou que a nacionalização é necessária para restaurar e revitalizar a economia doméstica francesa e tornar os produtos franceses mais competitivos no estrangeiro.

A oposição conservadora, afastada do poder em Maio, após 23 anos consecutivos no Governo, denunciou as nacionalizações como onerosas, desnecessárias e perigosas.

**O Papa
na Nigéria**

Tocadores de tantã, bailarinos e grupos folclóricos festejaram ontem alegremente a chegada de João Paulo II à capital da Nigéria, Lagos.

O Papa que iniciou a sua primeira viagem ao estrangeiro desde o atentado de que foi vítima em 13 de Maio do ano passado, surgiu sorridente e descontraído ante a multidão. Foi recebido pelo presidente nigeriano Shehu Shagari, enquanto se ouviam soar 21 tiros de canhão. Antes, beijara o solo nigeriano, como se tornou seu costume nas suas viagens.

Depois das cerimónias protocolares, enquanto Shagari regressava ao seu palácio, João Paulo II dirigiu-se, no meio duma multidão em delírio, para o estádio de Surulere, a meio caminho entre o aeroporto e a capital nigeriana, onde celebrou uma missa na presença de dezenas de milhares de fiéis, sob o signo de «Paz, Justiça e Unidade».

Findo o acto religioso, o Papa encontrou-se com o presidente Shagari no palácio de Ikoyi, no bairro residencial de Lagos.

João Paulo II pomeitou na nunciatura apostólica de Lagos, à volta da qual tinham sido tomadas medidas sem precedentes para garantir a sua segurança. Foram mobilizados mais de 15.000 polícias para que a sua visita decorra sem incidentes.

Discursando no palácio presidencial, o Papa afirmou: «Tenho a convicção de que toda a África, quando lhe for permitido tomar nas suas mãos o seu próprio destino, sem estar submetida às ingerências e pressões dos poderes ou grupos exteriores, não só espantará o Mundo com as suas realizações, mas poderá partilhar a sua sabedoria, o seu sentido da vida, o seu respeito por Deus com todos os outros continentes e as outras nações».

Hoje, sábado, o Papa deve visitar Enugu e Onitsha, duas cidades do leste da Nigéria, região onde se travou a guerra de secessão do Biafra.

Depois da Nigéria, o Papa visitará o Benin, o Gabão e a Guiné Equatorial, percorrendo cerca de quinze mil quilómetros. Estará de regresso a Roma em 19 de Fevereiro corrente.

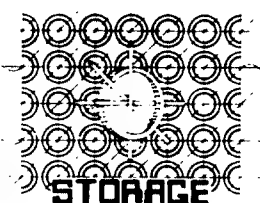
CURSOS

PROGRAMAÇÃO COMPUTADORES

COBOL (100 horas) RPGII (60 horas)

9 às 23 • Modalidades Acessíveis
AULAS TEÓRICA-PRÁTICAS

PROFISSIONAIS DE INFORMÁTICA
INÍCIO 15 FEV E 1 MARÇO



Rua Coelho da Rocha 66, r/c Tel. 674838
1300 LISBOA C. OURIQUE

Rua Ten. Raul
Cascais, 1-A
LISBOA

Memórias de uma Mulher Fatal

de
AUGUSTO SOBRAL

com
ROGERIO VIEIRA

PRÊMIO DA CRÍTICA 1981
MELHOR TEXTO PORTUGUÊS

• A CONFIRMAÇÃO DE UM ACTO-
R TITO LÍVIO — A CAPITAL

SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 18 H
SUB SEC

PRÊMIO DA CRÍTICA 1981
MELHOR TEXTO PORTUGUÊS
UM DUPLO TRABALHO DE QUALI-
DADE:
O TEXTO E INTERPRETAÇÃO
CARLOS PORTO — «DL»

...RARO PEDAÇO VERDADEIRA-
MENTE MODERNO DA DRAMATUR-
GIA PORTUGUESA — JORGE LISTO-
PAD — «EXPRESSO».

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões
Av. João XXI 5-D 1100 (Metro Alvalade) — Rua Infante 15-55 C 1300 LISBOA

PAGUE EM 12 MESES

sem aumento de preço

AGORA O NOVO SALORA A CORES

CINESCÓPIO de 51 e 56 cm
sem e com comando
à distância



SALORA

CORES NATURAIS • MAIS NITIDEZ
MAIOR REALIDADE • MELHOR IMAGEM

M.L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

Avante!
número especial - 2ª feira

a greve geral
os números
as fotos
os factos

A VERDADE!

LOTARIA DO CARNAVAL

TALUDA 48 MIL CONTOS



dia 18 anda à roda

em duas palavrões

EMBUÇADOS E ARMADOS DE G3 e pistolas quatro indivíduos assaltaram uma estação de serviço na área do Montijo e largaram do Alto da Estanqueira com cerca de 150 contos. Agrediram um dos empregados com a coronha de G3 e ameaçaram o outro, que não vacilou em entregar-lhes o dinheiro até então entrado nos cofres. Antes de partirem ainda dispararam dois tiros, errando os alvos.

CHAVE FALSA foi o meio por que, um destes dias, assaltantes atacaram três residências na área de Santo António dos Cavaleiros. Objectos de ouro e dinheiro atraíram as suas preferências. Como em tudo foram iguais, note-se ainda que dois dos assaltos se processaram na mesma «torre». Assim «apuraram» 300 contos no total.

REUS DE DROGA na Boa Hora: foi anteontem, mas a cena ocorre com frequência. Jovens passaram pela Boa Hora acusados de consumo de droga. Uma das testemunhas, por sinal médico, afirmou ao juiz que o problema da toxicodependência se põe porque o indivíduo não encontra alternativa à droga. A melhor alternativa para a sua maioria seria trabalho. Mas onde?

ENFORCOU-SE AOS 79 ANOS uma mulher que sofria de arteriosclerose e por isso tinha frequentes perturbações mentais. Já uma vez fora apanhada «in extremis» no para-choque de uma janela. Mas agora enforcou-se mesmo. Chamava-se Virgínia Baptista Courela Temudo. **CADÁVER DE JOVEM** apareceu a boiar na praia do Castelo do Queijo, à entrada de Matosinhos. Tinha 13 anos e chamava-se Carlos Manuel da Silva Duarte, estudante, no começo da vida. Tinha sido levado por uma vaga naquela praia ao fundo da Boavista. Residia no Bairro de S. Tomé.

O ANTIGO MATADOURO MUNICIPAL de Paio será, depois de adaptado, o novo posto da GNR da Figueira da Foz. A CM figueirense aprovou agora e nesse sentido a respectiva transformação. Na mesma reunião o executivo camarário analisou a instalação de uma central termoelectrica da EDP no concelho e a montagem de um posto de venda de selos dos CTT.

DE CAVALO PARA FÁTIMA é o feito que o japonês Kumio Imada cometeu. Entre Paris e a Cova da Iria parou em todos os locais de culto, razão por que a viagem se prolongou por vários meses. Pensa agora dirigir-se para Tomar, Lisboa e, sempre em frente, novamente para Espanha.

FOTÓGRAFOS RETRATISTAS vão reunir-se no S. Luiz depois de amanhã, às 21h30, no chamado «Terceiro Convívio dos Fotógrafos Retratisistas». Para além de inúmeros portugueses, a jornada terá a presença de dois profissionais famosos da Inglaterra, o casal Wheeler.

A televisão ao serviço dos direitos do homem

A Televisão que uma criança vê em média 20 horas por semana pode e deve transformar-se num meio de aprendizagem do respeito pelos Direitos Humanos.

Esta é a conclusão de um colóquio organizado durante três dias pela Associação Mundial dos Amigos da Infância (AMADE) com o apoio da Unesco, no quadro do 22.º Festival Internacional de Televisão de Monte Carlo que começou na passada segunda-feira em Monte Carlo.

É necessário, no entanto, evitar, segundo sublinharam os participantes, emissões didácticas pesadas e pouco atractivas para um público jovem e dar preferência a desenhos animados ou a séries de ficção científica que tenham um conteúdo positivo.

A obra de Charlie Chaplin foi considerada como exemplar em ensinamentos nesta matéria: os problemas do país de acolhimento do emigrado e a solidariedade entre estes, os direitos económicos e sociais, por exemplo, nos filmes «O Emigrante» e «Tempos Modernos» são constantemente evocados, sem contar com as numerosas sequências em que «Charlot» é vítima das arbitrariedades de um polícia violento.

É ou não «catastrófica» a situação no Algarve?

FARO, 13 — E ou não catastrófica a situação agrícola no Algarve, onde ainda se sentem fortes sequelas da última seca?

As posições do secretário de Estado da Produção Agrícola e de um lavrador da região são diferentes e confrontaram-se durante uma reunião que Carvalho Cardoso teve com lavradores al-

garvios e responsáveis da direcção geral do MAPC nesta cidade. Antes do encontro, um dos lavradores participantes fez ver ao secretário de Estado que na sua óptica a situação era de calamidade, nada animadora, urgindo pôr cobro ao sobressalto que todos os anos preocupa quem trabalha (ou detém) a terra no

Algarve. Carvalho Cardoso negou a ideia de que a situação fosse, de facto, de catástrofe.

Carvalho Cardoso disse ainda que o Governo está este ano mais habilitado que nos anteriores a fazer frente a uma situação de emergência resultante de um período de seca de uma maneira muito eficaz.



FSMMMP FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA METALURGIA METALOMECANICA E MINAS DE PORTUGAL

TRABALHADORES DA METALURGIA METALOMECANICA E MINAS, RESPONDERAM ENTUSIASTICAMENTE À GREVE GERAL PARALISANDO A 90%

Os trabalhadores portugueses deram na gloriosa jornada de luta do dia 12/2, uma grande demonstração da sua consciência de classe e da sua determinação em lutar contra a política desenvolvida pelo Governo «AD» e por uma alternativa democrática que defenda os seus direitos, liberdades e garantias baseada no espírito da Constituição da República e do 25 de Abril.

A campanha provocatória e de intimidação, desenvolvida pelo Governo «AD» nos órgãos de Comunicação Social, em especial na rádio e na TV, nos dias que antecederam a realização desta extraordinária Jornada de Luta, procurando confundir e desmobilizar os trabalhadores dos objectivos concretos traçados para a Greve Geral são a prova mais evidente da falência total deste Governo e desta política.

Porém, o Governo e os seus directos aliados, divisionistas e patronato, bem como algumas conhecidas figuras da cena política nacional, cada vez mais isolados do Povo Português, tiveram a resposta adequada nesta memorável Greve Geral.

Os trabalhadores com serenidade e firmeza, dando provas de um civismo e patriotismo incomparáveis, concretizaram com êxito a greve nacional, dando a certeza da sua disposição e vontade em continuar a lutar contra este Governo e esta política até à vitória final.

O Secretariado da Federação saúda calorosa e fraternalmente os trabalhadores da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, que, do Minho ao Algarve, do litoral ao interior, de Trás-os-Montes às Ilhas, souberam, conjuntamente com os demais trabalhadores portugueses, construir esta grande vitória e incita-os a continuar com firmeza revolucionária a luta por melhores condições de vida e de trabalho que naturalmente irá continuar.

A «AD» e o seu Governo através dos órgãos de Comunicação Social procura esconder a elevada adesão dos trabalhadores à greve geral, mentindo descaradamente, apresentando números ridículos e provocatórios, falsos e mentirosos, tentando iludir a opinião pública, escondendo desta forma a sua derrota.

Porém, e apesar das esperadas manobras do Governo, os trabalhadores demonstraram nesta luta que só com eles é possível aumentar a produção, e que sem eles, trabalhadores, a recuperação económica do nosso país não será possível.

VIVA A GREVE GERAL!
VIVA A CGTP-IN!

Lisboa, 13/2/82

O SECRETARIADO NACIONAL

PS: moção de censura em Faro

FARO, 13 — A Assembleia Municipal de Faro aprovou por maioria (mais um voto) o Plano de Actividades e o Orçamento para 1982, proposto pelo executivo camarário. Os dois documentos recolheram 15 votos a favor e 14 contra: sete da APU e outros tantos do PS. Também por um voto (esse de qualidade e do presidente da AM) não foi aprovada uma moção de censura apresentada pelo PS, fun-

damentada na «incompetência da AD para gerir os destinos do concelho».

Eleva-se a 611 milhões de escudos (mais 210 mil contos que em 1981) o Orçamento da CM desta cidade para este ano. A verba mais significativa no capítulo de receitas diz respeito à rubrica de transferências correntes, sector público, central e regional, cujo valor ascende a 228

mil e 365 contos. Outra das verbas de peso concerne à venda de 225 fogos de propriedades da CM cujo valor ascende a 136 mil contos.

Os investimentos camarários ascendem a 218 mil contos, dos quais 119 mil se referem a construções diversas, 60 mil a habitação, 15 mil à compra de terrenos e outros 15 mil de material e transporte.

DUAS RODAS

DUAS VEZES

MAIS ATENÇÃO!

Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.



circule e vive.

Sessão "As Mulheres e a Revisão Constitucional"

2.ª F. dia 15/Fev./82 - às 21h00

Teatro Aberto

Participação de

• INACIA LOPES

socialista

• LIA VIEGAS

advogada

• M. ANTONIA PALLA

jornalista

• VIRGINIA DE MOURA

enfermeira

Intervenção cultural de:

- Eunice Muñoz
- Fernanda Lapa
- Helena Isabel
- Io Apolloni
- Nuno Gomes dos Santos

COMISSÃO DE MULHERES EM DEFESA DA
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

INATEL TURISMO SOCIAL

Excursões a realizar nos meses de Fevereiro e Março, ainda com lugares vagos:

11 — Beira Florida (Barca d'Alva)

..... Dias 19 a 21/2

13 — Carnaval na Costa do Estoril

(C. Férias Oeiras) Dias 20 a 23/2

20 — Vale do Vouga e Serra da Estrela

..... Dias 27/2 a 1/3

21 — Palácios Nacionais

..... Dia 27/2

23 — Beira Florida (Barca d'Alva)

..... Dias 5 a 7/3

24 — Fim-de-Semana Algarvio

(C. Férias Albufeira) Dias 5 a 7/3

25 — Fim-de-Semana Estremenho

(C. Férias Foz Arelho) Dias 6 e 7/3

503 — Fallas de Valência

..... Dias 15 a 21/3

Preço com tudo incluído 17 450\$00

Informações e reservas — Calçada de Santana, 180
Lisboa

Telef. 53 88 71 e telex 12 669 Relax P

GRANDE PROMOÇÃO DE DISCOS NA DISCOTECA

FILINTO

DISCOS COM DESCONTOS DESDE 50% — NOVIDADES
COM 10% DE DESCONTO

VISITE A DISCOTECA FILINTO

AV. 5 DE OUTUBRO N. 53-A
TELEF. 535040

LISBOA

FILINTO

Centro de fotocópias — desde \$70
CÓPIAS OZALID

XEROCÓPIAS A \$100 A PARTIR DA 1.ª CÓPIA —
DESTACAR

PLASTIFICAÇÕES — ENCADERNAÇÕES — OFFSET
ALSEAMENTO MECÂNICO
— ARTIGOS ESCOLARES E DE ESCRITÓRIO
DAMOS APOIO A CONGRESSOS

DEPENDÊNCIA DA DISCOTECA FILINTO

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 33-A
Tel. 570168 — LISBOA

espiral
RESTAURANTE

VENDA DE PRODUTOS E LIVROS

Aberto também
nos fins-de-semana.

Macrobiótico e Vegetariano
Praça Ilha do Faial, 14-A (Estefânia) Lisboa — Telefone 573685

Questão adiada ontem em Bruxelas

Portugal opõe-se à aplicação imediata da livre circulação de capitais da CEE

A livre circulação de capitais e o direito de estabelecimento entravam, ontem, em Bruxelas, as negociações que ali estão a decorrer para a adesão de Portugal à CEE.

A delegação portuguesa a esta reunião, que foi presidida pelo secretário de Estado, Cruz Vilaça, opôs-se à aplicação automática do direito de estabele-

cimento e à livre circulação de capitais, só os admitindo após um período transitório de cinco anos, pelo que esta questão foi retirada da agenda das negociações fixadas para o dia 22 do corrente.

O encontro ministerial previsto para aquela data deve permitir concluir as negociações quanto a um minipacote de seis ques-

tões. Ficam, assim, inscritos na agenda quatro processos: transportes, política regional, Euratom, questões económicas e financeiras, quanto aos quais as reuniões preparatórias de 29 de Janeiro e 12 de Fevereiro permitiram chegar bastante bem ao acordo.

Nos domínios do direito de estabelecimento e movimento de capitais, «dossiers» interligados, as posições das duas partes têm sido, até aqui, sensivelmente divergentes.

Os textos finais a produzir nestas matérias ainda não são conhecidos, mas as posições expressas pelos «dez» reflectem os pontos de vista da RFA e do Reino Unido, pouco receptivos aos pedidos de derrogação citados nos documentos negociais portugueses.

Numa perspectiva aparentemente apoiada pela França, Portugal pretende um período transitório de cinco anos, durante o qual seria progressivamente liberalizado o investimento estrangeiro a realizar no país por cidadãos comunitários.

Note-se que este controlo é igualmente realizável através de limites ao direito de estabelecimento, capítulo onde a delegação portuguesa mantém ainda posições vagas, limitando-se a garantir que tudo será feito para assegurar o princípio da igualdade de tratamento, desde o momento da adesão.

Na reunião de ontem, Portugal manteve uma reserva geral na questão do direito de estabelecimento de sociedades da CEE no seu território. Fonte portuguesa indica que Lisboa deseja conservar a possibilidade de aprofundar a questão e de melhor definir os sectores quanto aos quais pretende a derrogação do direito comunitário.

Contudo, o adiamento das negociações acerca deste ponto pode travar as discussões a respeito do problema dos movimentos de capitais e as questões económicas e financeiras, que lhe estão estreitamente associadas, pensam os observadores.

Por outro lado, Portugal apresentou, ontem, duas declarações acerca da União Alfandegária e da Agricultura. A delegação portuguesa manifestou a sua vontade de prosseguir os contactos a nível dos peritos agrícolas, sector por sector, apesar do malogro dos Dez no relativo à reforma da Política Agrícola Comum.

Segundo sondagem internacional

Portugueses indiferentes à adesão

A opinião pública portuguesa é largamente indiferente em relação à adesão à CEE, de acordo com os resultados de uma sondagem publicada, recentemente, em Bruxelas e realizada por iniciativa da Comissão Europeia.

A sondagem, efectuada em Lisboa e Madrid pela Norma e pelo Instituto Gallup, mostra que, em Outubro de 1981, 20 por cento dos portugueses interrogados consideravam a adesão «uma coisa boa», 13 por cento afirmavam que «não é boa nem má», 7 por cento julgavam-na «uma má coisa» e 60 por cento não respondiam.

Em Maio-Junho de 1981, os valores indicados num inquérito semelhante eram mais favoráveis: 31,10, 6 e 53 por cento.

As percentagens de indiferença e ignorância são muito superiores às registadas em Espanha, onde os valores registados foram, respectivamente, de 52,18, 6 e 24 por cento.

A publicação «Eurobarómetro», que divulgou a sondagem, indica que em Outubro de 1980, três meses antes da adesão, 38 por cento dos gregos consideravam a adesão «uma coisa boa», 28 «nem boa nem má», 21 «uma má coisa» e 13 por cento não respondiam.

Repartindo as respostas por áreas políticas, verifica-se que, em Portugal, 53 por cento dos interrogados auto-situados na extrema-direita julgam a adesão uma boa coisa, resposta que obtem 40 por cento na direita, 31 por cento no centro, 21 por cento na esquerda, 11 por cento na extrema-esquerda e 9 por cento nos «não classificados».

O inquérito em função do posicionamento político não foi realizado em Espanha.

No domínio das vantagens e inconvenientes que podem resultar da adesão, os inquiridores ofereceram dez hipóteses de escolha.

Em média, 71 por cento dos portugueses interrogados não responderam.

Das respostas, conclui-se que existe um maior número de pessoas convictas de que a adesão trará mais vantagens do que inconvenientes. As vantagens mais citadas são a garantia de abastecimento energético, a escolha dos produtos à venda, o papel do País no mundo, o funcionamento da democracia e as possibilidades de enfrentar a crise.

Comparados estes dados com os que se registam nos países comunitários, pode concluir-se que o interesse do português ultrapassa, apesar de tudo, o dos belgas e que os espanhóis apresentam um índice de respostas semelhante ao da Itália, o mais elevado entre os «Dez».

Em termos muito gerais, este inquérito evidencia, em Portugal, uma significativa ignorância e indiferença em relação à «questão europeia», fortemente contrastante com o que se verifica em Espanha.

Os autores do inquérito sugerem que o grau de instrução global das populações poderá constituir um factor importante na explicação desta diferença.

Constatam, por outro lado, que os espanhóis estão menos divididos sobre a adesão do que os portugueses ou os gregos.

Oriundos da OPEP e do Banco Mundial

Créditos de dois milhões e meio para construir portos na Guiné-Bissau

O Banco Mundial, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e dois bancos árabes vão financiar novas construções portuárias na Guiné-Bissau com 39 milhões de dólares (2,5 milhões de contos).

Para o total de 48,5 milhões de dólares necessários à construção de um novo cais comercial no porto de Bissau, novas infra-estruturas portuárias e quatro pequenos portos no interior do país, o Governo guineense terá de obter ainda créditos de 8,5 milhões.

Nas conversações realizadas, em Bissau, o Banco Mundial, a OPEP, o Fundo do Kuwait e o Banco Árabe para o Desenvolvimento dos Estados Africanos (BADEA) acordaram, em princípio, conceder créditos, respectivamente, de 14 milhões de dóla-

res, três milhões e dez milhões cada um.

Com a participação pelo Estado guineense de dois milhões de pesos, a moeda nacional, as novas infra-estruturas portuárias de Bissau consumirão 32 milhões de dólares provenientes quase exclusivamente dos créditos árabes.

O empréstimo do Banco Mundial destina-se, sobretudo, à recuperação do antigo cais e o seu aproveitamento como porto de pesca, à construção de 22 novos apartamentos, à assistência técnica, à formação de pessoal e à sinalização marítima e fluvial.

O novo cais comercial, a capital guineense terá uma plataforma de amargem com a extensão de 260 metros e uma plataforma de acostagem de 290 metros.

Um novo porto no rio nordestino de Cacheu, na localidade de Binta, e três novos portos no Sul do país, em Cadique, Caciné e M'Bungda, beneficiarão, também, destas últimas negociações em Bissau, que se concluíram até Outubro de 1982.

O objectivo da construção dos quatro novos portos no Norte e Sul do país é o de possibilitar o escoamento mais racional da produção agrícola e garantir o abastecimento das populações com os géneros importados.

O Plano Quadrienal de Desenvolvimento da Guiné-Bissau para o período 1983/86 favorecerá, afirmam as autoridades guineenses, nomeadamente as infra-estruturas portuárias e rodoviárias, na perspectiva de prioridade máxima à agricultura e à indústria.

DESPORTO

MICROSCÓPIO

Andebol: travagem

Uma derrota tangencial (19-20) impediu Portugal, perante a Áustria, de dar um passo em frente no «Mundial» de Andebol, ficando assim apenas a competir (no melhor dos casos) para o 5.º lugar do Grupo C. Hoje confronta-se com a Itália, enquanto Bulgária, Noruega, Bélgica e Áustria lutam pelos postos mais saborosos. Segundo informa o nosso camarada Vítor Serpa (enviado especial de «A Bola») foi devido à sua intervenção e à do vice-presidente federativo, Vítor Peixoto, que um incêndio, no hotel onde se encontrava (em Antuérpia) a comitiva portuguesa, não atingiu grande proporção nem fez qualquer vítima.

Natação: demissão

O dr. Fidalgo de Freitas demitiu-se da Comissão Directiva da Federação de Natação. Pelas 9 horas de 6 de Março tem lugar o Congresso desta modali-

dade para discutir relatório e orçamento e escolher a nova gerência.

Rali TV

Os profissionais da Imprensa, Rádio e Televisão vão ter, este ano, um rali automóvel que lhes é expressamente reservado: o «6.º Rali TV», organizado pelo Automóvel Clube de Portugal por iniciativa da Casa do Pessoal da Radiotelevisão Portuguesa, está marcado para 20 de Março, constando de uma prova de estrada com 111,2 quilómetros e nove controlos horários, uma prova complementar de regularidade absoluta e uma prova complementar de pericia. A partida será dada no parque da RTP (Alameda das Linhas de Torres) terminando a prova de estrada no Vimeiro.

Serão atribuídos prémios aos quinze primeiros (número mínimo) às três primeiras senhoras, à equipa vencedora (Órgão de Comunicação), aos vencedo-

res das provas complementares e ao 1.º sócio da Casa do Pessoal da Radiotelevisão Portuguesa. Os prémios serão entregues no domingo 21, às 12 horas, no Hotel Golf-Mar (Vimeiro).

O regulamento da prova estará em distribuição dentro de dias na sede do Automóvel Clube de Portugal e na Casa do Pessoal da RTP. As inscrições (número máximo de 80) deverão ser feitas desde a data da distribuição do regulamento até às 17 horas do dia 12 de Março, na sede do ACP devendo os boletins de inscrição ser visados obrigatoriamente e antecipadamente pela Casa do Pessoal da RTP.

A taxa de inscrição (incluindo o prémio de seguro) é de 2800 escudos com direito a almoço, jantar e dormida de sábado (20) e ao almoço do dia 21, no Hotel Golf-Mar, para duas pessoas.

Placard

Professores de Educação Física: o Instituto Superior de Educação Física de Lisboa (por intermédio do seu Gabinete de Educação Física Escolar), assumido as responsabilidades que lhe cabem no âmbito da formação contínua dos professores de Educação Física, levará a efeito, de 5 a 8 de Abril, um Seminário subordinado ao tema «A pedagogia e a didáctica das actividades físicas na escola», tentando equacionar as grandes questões teóricas e práticas que o tema levanta na Escola portuguesa actual.

Atletismo em Vilamoura: inserida no calendário de provas do «Plano de Desenvolvimento do Atletismo» a Delegação de Faro da D.G.D. vai levar a efeito amanhã na zona do pinhal de Vilamoura a prova denominada «Corta-mato regional de infantis e iniciados», destinada a atletas de ambos os sexos, com início às 9 e 30.

Prevê-se uma participação de cerca de 250 jovens atletas (150 masculinos e 100 femininos), em representação de 15 clubes de todo o distrito.

Halterofilia: a Federação Portuguesa foi convidada a estar presente nos campeonatos internacionais de França, de 19 a 23 de Maio.

«Winter Cup's»: prova tenista a 27 e 28 do corrente, em Vilamoura. Em menores de 18 anos o nosso país compete com a RFA; em menores de 16 anos toca-nos o confronto com a Espanha. Jogadores seleccionados: (18 anos) — João Maio, José Maria Santiago, Alexandre Saraiva e Sotero Rebelo; (16 anos) Alberto Miguel, Pedro Carvalho da Silva, João Cunha e Silva, José Guilherme, Pombo Monteiro e Francisco Gallego. Estes jogadores concentrar-se-ão no Porto (Boavista) onde treinarão de 19 a 23 deste mês, sob a orientação do técnico Manuel Dominguez, que será também o «capitão» das equipas. Os jogadores seleccionados (três por ca-

Continua na pag. 19

O traço de pargana



ponta esquerda

Hóquei: Sanjoanense explica

No intuito de melhor poder esclarecer os factos ocorridos no Pavilhão dos Desportos da Associação Desportiva Sanjoanense, no passado dia 6, no jogo de hóquei em patins efectuado entre o clube local e o Alenquer e Benfica, a Sanjoanense divulgou o seguinte comunicado:

«Em reunião extraordinária, a direcção deste clube, para melhor esclarecimento e repondo a verdade, deliberou enviar aos órgãos de Informação nacional o seguinte comunicado:

«1 — Ao contrário do que foi noticiado em alguma Imprensa, o jogo Sanjoanense-Alenquer e Benfica não foi suspenso por invasão de campo, nem por tentativa de invasão.

«2 — O jogo foi suspenso (isso sim), devido ao árbitro da partida, depois de ter sido agredido por um espectador isolado, não se encontrar psicologicamente em condições de continuar.

«3 — Este espectador, que nem sequer entrou dentro do recinto, foi imediatamente detido pela autoridade, sendo apresentado em tribunal no dia 8 pelas 10 horas.

«4 — O árbitro foi prontamente assistido pelo médico e alguns dirigentes do nosso clube, tendo sido justamente estes a aconselhar que ele não continuasse o jogo.

«5 — Pelo que fica transcrito, e que diz toda a verdade sobre o incidente, queremos deixar aqui bem vincado o nosso repúdio por tão indesejável acto, que nada serve para dignificar o desporto, bem como pelo mesmo se ter dado nas nossas instalações desportivas, pois a Sanjoanense é um clube de velhas tradições e que tantos préstimos tem dado a todos os níveis, ao desporto nacional.

«6 — Agradecer à direcção e equipa do Alenquer e Benfica, delegado da Associação de Patinagem de Lisboa, delegado da Comissão Central de Árbitros, delegado da Comissão Distrital de Árbitros de Hóquei em Patins de Braga e a todos quantos dignamente nos ajudaram a resolver tão triste problema.»

Pancadaria bravia

Três pessoas morreram e 25 ficaram feridas na sequência de um confronto violento entre adeptos rivais de duas equipas de futebol brasileiras.

O incidente teve lugar no campo da equipa Sampaio Correia, em São Luís, pequena cidade a 3.200 quilómetros a norte do Rio. Os feridos são na maioria crianças espezninhadas no meio da confusão.

A batalha campal entre as duas falanges de apoio principiou no momento em que a equipa local perdia por 0-1 com a turma visitante.

Mundial: política contra sul-africanos?

Um comentador desportivo brasileiro, em entrevista publicada pelo diário «Globo», acusou os organizadores do Campeonato Mundial de Futebol de tentarem deliberadamente prejudicar o Brasil e a Argentina em detrimento da RFA. Oswaldo de Sousa disse que a constituição dos grupos e o regulamento mostra a existência de «manobras políticas» e «um interesse deliberado em prejudicar o Brasil e a Argentina».

De acordo com o regulamento, a final será disputada entre uma equipa dos grupos um, três e seis e outra dos grupos dois, quatro e cinco: Isso significa que o Brasil (cabeça do Grupo Seis) e a Argentina (cabeça do Grupo Três) se defrontarão antes da final, ficando portanto uma das potências sul-americanas afastada do jogo decisivo.

«É óbvio que esta manobra tem como objectivo prejudicar o Brasil e a Argentina, beneficiando principalmente a Alemanha Federal» disse Oswaldo de Sousa.

Para o comentador brasileiro, o regulamento da próxima edição não tem precedente na história recente das fases finais do mundial de futebol.

«Desde 1958 que não temos um campeonato do mundo em que se sabe de antemão que o Brasil não pode defrontar certas equipas na final ou que só pode disputar a final com certas equipas». «Parece (acrescentou) que os critérios técnicos (para escolha dos grupos) foram sacrificados a favor da política».

Oswaldo de Sousa prevê que o Brasil, a RFA e a Espanha chegarão aos quartos de final.

DESPORTO

Facilitando a dupla passeata à RFA

Campeonato maior joga-se hoje

Para facilitar aos federativos duas belas viagens à Alemanha Federal, realiza-se hoje a ronda grande do nacional futebolístico, com os clubes perfeitamente acomodados a todas as situações, sem voz comum, antes parecendo amedrontados ante a possibilidade de apanharem alguma pisadela se ousarem levantar cabelo perante os onipotentes senhores deste futebol a que só eles têm direito. Jogos pelas 15 horas: Sporting - Vitória de Setúbal, Leiria - Portimonense, Amora - Boavista, Estoril - Sporting de Espinho, Belenenses - Braga, Porto - Viseu e Rio Ave - Penafiel. Uma hora mais tarde (16) processa-se o Guimarães - Benfica.

Analisando a pontuação já amealhada pelos vários emblemas, pode compor-se um «placard» de crescente interesse, espécie de guia para o embrião espectador: 24 pontos (Leiria, 9 - Portimonense, 15); 26 (Amora, 12 - Boavista, 14); 28 (Estoril, 13 - Espinho, 15); 31 (Belenenses, 12 - Braga, 19); 40 (Porto, 23 - Viseu, 17); 41 (Rio Ave, 23 - Penafiel, 18); 48 (Guimarães, 22 - Benfica, 26) e, por último, 50 pontos amealhados pelos parceiros em Alvalade (Sporting, 31 - Setúbal, 19) a tornarem o duelo no Lumar como o teoricamente mais apetecível.

Amanhã, às 15 horas, para a 2.ª Divisão, eis o calendário da Zona Norte: Leça - Fafe, Feirense - Valdevez, Salgueiros - Gil Vicente, Bragança - Paços de Ferreira, Chaves - Leixões, Famacão - Varzim, Neves - Amarante e União de Lamas - Sanjoanense. Zona Centro: União de Santarém - Rio Maior, Oliveirense - Alcobaca, Sporting da Covilhã - Águeda, União de Coimbra - Portalegre, Beira-Mar - Académico, Oliveira do

Bairro - Benfica e Castelo Branco, Nazarenos - Cartaxo e Peniche - Guarda. Zona Sul: Juventude - Esperança de Lagos, Nacional - Estrela da Amadora (hoje, às 16 horas), Quimigal - Farense, Vasco da Gama - Cova da Piedade, Montijo - Marítimo, União - Barreirense, Elvas - Lusitano, e Lusitânia - Sacavenense.

A Divisão n.º 3 tem já hoje três embates: Vildemoinhos - Tondela (Série C), Oliveirense - Odiveiras, em São Roque (Série E) e Louletano - Silves (Série F). Por seu lado, o Loures - Vilafrancesa joga-se amanhã (pelas 15 horas), mas no terreno do Odiveiras. Cartaz restante para as 15 horas de amanhã, na Série A: Aves - Monção, Maria da Fonte - Vianense, Cabeceirense - Vizela, Ribeirão - Riopole, Prado - Vilaverdense, Moreirense - Mirandela, Ponta da Barca - S. Martinho e Sendim - Limianos. Série B: Paredes - Lourosa, Marco - Mogadouro, Valongo - Paços Brandão, Valadares - Régua, Lixa - Vilanovense, Carvalhais - Candal, Ovarense - Tirsense e Ermesinde - Infesta. Série C: Naval - Seia, Alba - Penafiel Castelo, Alcains - Anadia, Marialvas - Esperança, Estarreja - Febrer, Mangualde - Pedrinhense e Viseu e Benfica - Quaiolas. Série D: Caldas - Campomaiorense, União de Tomar - Marrazes, Marinhã - Vileirense, Valcovense - Alpalhoense, Estrela de Portalegre - Bombarralense, Alferrade - Marinhense, Pombal - Torres Novas e Torriense - União de Almeirim. Série E: Olivais e Moscavide - Algrense, Oriental - Pêro Pinheiro, Loures - Vilafrancesa, Coruchense - Tires, Almada - Bucelenses, Cacém - Olivais e Atlético - Vitória. Série F: Serpa - Alvorense, Moitense - Trafaria, Aljustrelense - Seixal.

Comércio e Indústria - Santiago de Cacém, Redondense, Seimbra, Lusitano de Vila Real de Santo António - Beja e Olhanense - Campinense.

Seleções excursionistas

A partida da seleção A é, segunda-feira, às 9 e 35, no voo TP 582, com chegada a Francoforte prevista para as 16 e 25, e, depois, a Hanover, para as 17 e 20. Quanto aos jogadores que compõem a equipa B, partem de Lisboa às 16 horas de amanhã, no voo LH 201, que aterrará em Francoforte pelas 20 e 05, seguindo depois para Mannheim, onde está prevista a chegada cerca das 20 e 30. As equipas B e A regressam a Lisboa, quarta e quinta-feira, com chegadas previstas para as 15 e 10 e 15 e 30, respectivamente.

Evidentemente que até ao fim da tarde de hoje pode haver qualquer alteração na lista de nomes elaborados para o duplo passeio à RFA: por lesão ou por indisposição, por renúncia ou (sabe-se lá!) porque até poderá ocorrer a repetição daquele caso em que os federativos andaram, às quatro da madrugada, a telefonar para quem tivesse botas e passaporte à mão de semear. Naquela noite em que não puseam a vista em Nogueira e tiveram de levar um jovem colega que estava em vale de lençóis...

De qualquer modo, acreditasse-se que, mesmo com certo receio do perigo, os 13 defesas recrutados por Juca mais os seus acompanhantes comecem amanhã a deixar Lisboa rumo aos treinos com os germânicos. E que voltem todos satisfeitos pelo dever cumprido.

Interassociações

Jogos entre Associações, marcados para amanhã, a nível de iniciados: Guarda - Aveiro e

Coimbra - Castelo Branco (às 14 e 30) e Setúbal - Beja (10 e 15). Juvenis: Guarda - Aveiro e Coimbra - Castelo Branco (15 e 45) e Setúbal - Beja (11 e 45) nos campos dos blocos indicados em 1.º lugar.

Transferências

O guarda-redes sportinguista Fidalgo assinou com o Sporting de Braga um contrato válido por três épocas. Após ter passado pelo Benfica e pelo Sporting, Fidalgo (29 anos) regressa assim ao clube cujas redes já defendeu quando ainda tinha contrato com os «encarnados».

Entretanto, o defesa central Kikas (Penafiel) deverá assinar ainda esta semana um contrato com o Guimarães.

Júniiores

O União de Leiria ganhou a série «D» da fase de apuramento do campeonato nacional de juniores, ao derrotar o Benfica e Castelo Branco, por 4-1. O jogo foi disputado em Alferrade.

O IKF de Gotborg (Suécia) venceu o Sporting Farense, por 2-1, em jogo de carácter particular realizado no Estádio de São Luís (Faro). O actual guia do campeonato sueco da 1.ª divisão encontra-se a estagiar no Algarve, com vista ao jogo que terá de efectuar (dia 3 de Março, na Espanha) frente ao Valência, a contar para a «Taça UEFA».

Serginho excluído

da «Canarinha»

Por ter batido na mulher, o avançado centro de São Paulo, Sérgio Bernardino (Serginho) vai ser afastado da selecção brasileira. Telé Santana declarou: «não posso manter um elemento que tem um comportamento destes». Há um ano, Serginho desferiu um pontapé na cabeça do guarda-redes Leão, do Vasco da Gama.

Máximos

Jim Heiring (26 anos), estabeleceu também novo máximo mundial da milha-marcha, com cinco minutos e 47,39 segundos, durante a mesma competição. Heiring bateu o máximo anterior, que pertencia ao finlandês Reima Salonen (5.53.2), desde 1977.

Distinções

O recordista do salto à vara Billy Olson consolidou o seu 1.º lugar na classificação por pontos do «Grande Prémio de Atletismo» (recinto coberto) depois de nove das dez provas que figuram no calendário desta competição.

Olson, 23 anos conseguiu, marcar 20 pontos, melhorando o seu recorde mundial do salto à vara com 5,72 m, em Louisville (Kentucky).

Em senhoras, a americana Mazzy Decker, especialista dos 1500 m, e da «milha», arrebatou o 1.º lugar à canadiana Debbie Brill.

Classificação de homens: 1. Bil Olson (EUA) 110 pontos; 2. Renaldo Nehemiah (EUA, barreiras) 70; 3. Don Paige (EUA, meio fundo) 65; Senhoras: 1. Mary Decker (EUA) 80 pontos; 2. Debbie Brill (Can) 70; 3. Stephanie Hightower (EUA, barreiras) 65.

Colectividades

Estrelas do bairro Olaió

Acabam de ser tornados públicos o Relatório e as Contas da direcção do Ginásio Clube Recreativo Estrelas do Bairro Olaió (Odiveiras), documento muito bem ordenado e explícito, que apresenta um saldo de Esc. 379.913\$00 para o ano corrente.

Boa tarde

Lá vai a numerosa cavalgada

Poderia ser um dia especial: não acontece assim, porque a rotina quase não sofreu qualquer solavanco. A vida continua, trambolhão daqui, empurrão acolá. Sustos passados, ameaças desfeitas, o País vira-se agora, desportivamente, para o fim-de-semana que bate à porta, com o futebol a correr hoje os taipais das suas lojas, porque (uma vez mais) os interesses clubistas, malbaratados pelos douts federativos da Praça da Alegria, ficam calcados pela dupla passeata de dois grupos de rapazes, arregimentados pela Comissão Técnica chefiada (ainda) por Juca para servirem de grupos treinadores de formações germânicas de 1.ª água.

Evidentemente que o nosso magnífico, impar, fabuloso e corajoso corpo responsável não gosta de desiludir nenhum dos nossos recepcionistas, quer morem em Israel ou na Alemanha Federal: desta feita (e até ver) já estão de fora João Alves e Nogueira, Shéu e Costa, ao mesmo tempo que o capitão sportinguista Manuel Fernandes passa de cavalo para burro: se quiser ir até Mannheim só para o grupo dos BB, como o Sobrinho de Setúbal ou o Figueiredo do Rio Ave.

Claro que, nesta paródia pegada a que se chegou, em termos de futebol português, já nada espanta. A final da «Taça de Portugal» tanto poderá passar a jogar-se num estádio relvado como em terreno pelado, a famigerada liquinha continua como última salvação dos clubes que até lá não conseguirem ampliação de escalão com votos condescendentes de arregimentados segundo os seus interesses, o controlo anti-«doping» virá mas vamos lá ver como é, porque os prevaricadores terão de ficar à sombra de grandes suspeitas, o regulamento da arbitragem é uma treta, tão fictícia como esse malabarismo de um qualquer autêntico sorteio designar quem arbitra as partidinhas mais importantes.

Enfim: o fundamental é continuarem os passeios. Se não podemos estar na fase final do mundial, ao menos que andemos a treinar os concorrentes, porta a porta, como bombos de festa. E quem não quiser ir que diga: só dirigentes há dezena e meia com passaporte em dia.

Neves de Sousa

Inverno Amarel comanda luta pelo troféu «Visa»

Mais uma vez se pode classificar de brilhante o comportamento dos «Visa Super X», numa prova do seu «Troféu», desta vez o «Rali das Camélias» disputado como habitualmente na zona de Sintra. A disputa dos melhores lugares entre os «Visa» entusiasmou, pelo equilíbrio de valores, demonstrado aliás pelas diferenças finais em termos de classificações. Inverno Amarel venceu categoricamente, mantendo-se à frente desde a 3.ª prova de classificação, enquanto que Holstein de Mello e Joaquim Guedes terminaram a seguir e por esta ordem separados por 5 escassos segundos. Dié Canário e Manuel Russo, evidenciando uma melhor adaptação aos carros, ficaram nos lugares imediatos, com 10 segundos de diferença entre si: e, para o par Helder Fortes-Helder Abrantes (classificados a seguir) a distância foi de 6 segundos. Luís Perez, Benjamin Oliveira, António Farinha, Rudolfo Fonseca, João Vilarinho e António Mendes, terminaram também esta 2.ª prova do «Troféu Citroen Visa de Ralis».

A percentagem de «Visas» chegados ao fim excedeu largamente a da média geral da prova: dos 16 carros à partida abandonaram apenas 3, dos quais dois por desiste.

Após a prova agora disputada, a classificação oficial do «Troféu Citroen Visa de Ralis» passa a ser a seguinte: 1.º Inverno Amarel 27 + 30 = 57 pontos; 2.º Joaquim Guedes 12 + 24 = 36; 3.º Rufino Fontes 30 + 0 = 30; 4.º Holstein Mello 0 + 27 = 27; 5.º

Manuel Russo 9 + 18 = 27; 6.º Helder Abrantes 15 + 12 = 27; 7.º Luís Perez 18 + 9 = 27; 8.º Nuno Madeira 24 + 0 = 24; 9.º Dié Canário 0 + 21 = 21; 10.º Luís Gomez 21 + 0 = 21; 11.º Helder Fortes 3 + 15 = 18; 12.º Benjamin Oliveira 0 + 6 = 6; 13.º António Mendes 6 + 0 = 6; 14.º António Farinha 0 + 3 = 3. A próxima prova do «Troféu» (o Rali da Figueira da Foz), realiza-se nos dias 27 e 28 de Março e tem o habitual apoio da Camac, Galp, Philips e Valentine.

Rali da Suécia: Mikkola claro

Hannu Mikkola, em Audi-Quatro, consolidou a sua posição à frente da classificação do Rali da Suécia, após as sete primeiras provas especiais. O piloto finlandês aumentou o seu avanço em relação ao seu compatriota Ari Vatanen (Ford-Escort), que seta agora cifrado em 2 minutos e 21 segundos e de 2 minutos e 34 segundos sobre o sueco Björn Johansson (Opel Ascona). A francesa Michele Mouton (Audi Quatro) conseguiu subir da 9.ª para a 6.ª posição, estando agora a 3 minutos e 9 segundos de Mikkola. Classificação provisória: 1.º, Hannu Mikkola (Finlândia), Audi Quatro, 1h04m17s; 2.º, Ari Vatanen (Finlândia), Ford-Escort, a 2m21s; 3.º, Björn Johansson (Suécia), Opel-Ascona, a 2m24s; 4.º, Stig Blomqvist (Suécia), Audi-Quatro, a 2m43s; 5.º, Ola Stromberg (Suécia), Saab-99, a 3m08s.

Lisboa-Dakar: os 6 estão lá

Seis portugueses, (José Cabral, professor; Ricardo Gonçalves, gestor de empresas; Carlos Leonardo, mecânico; José Maria Videira e João Ferreira, delegados comerciais, e Jorge Marques, reporter da Rádio Comercial) chegaram a Dakar, provenientes de Lisboa, depois de percorrerem 8000 Km em dois «Land-Rover», sem qualquer apoio externo durante a viagem. Atravessado o Mediterrâneo e a partir de Argel, visitaram (no-

meadamente) a área histórica de Tamarasket e In Eker, antiga zona de ensaios nucleares franceses.

Pleno deserta, diversas zonas habitualmente interditas, escarpas montanhosas, travessias consideradas intransponíveis neste período do ano (caso do rio Falemé) foram alguns dos desafios vencidos, numa viagem que representa um esforço notável nas condições de isolamento em que se realizou.

Hoje

HÓQUEI EM PATINS - Campeonato Nacional da I Divisão: Académico do Porto - Académico de Braga, Juventude de Viana - FC Porto, Infante de Sagres - Sanjoanense, Oliveirense - Valongo, Oeiras - Belenenses, Sp. Tomar - Sporting, Alenquer e Benfica - Académica da Amadora e Benfica - Sesimbra, todos às 21 e 30. Campeonato Nacional da II Divisão, Zona Norte: Famacão - Carvalhos, OC Barcelos - Águias do Porto, Fânzeres - CDUP, Académica de Espinho - Riba d'Ave, Paço de Rei - GD Grundig e Paredes - Juventude Pacense. Zona Centro: Escola Livre de Azeméis - Turquel, Tigres de Almeirim - Torres Novas, Stella Maris - Física de Torres, Académica de Coimbra - Rossiense, Sp. Marinhense - Minas da Panasqueira e U. Entrocamento - Termas. Zona Sul: Paço de Arcos - Cascais, GD Quimigal - GD Queluz, Futebol Benfica - Desp. Beja, Campo de Ourique - Parede, HC Sintra - Estremoz e Sp. Torres - Liga de Algés. Todos às 17 e 30.

BASQUETEBOL - Campeonato Nacional da I Divisão (masculinos) Grupo A: Ginásio Figueirense - Barreirense (Liceu F. Foz, 18), Benfica - Queluz (Luz, 18.30), FC Porto - Sporting (Antas, 17.30) e Sangalhos - Atlético (21.30). - Grupo B: CAC - Olivais (Pav. Univ., 16). Campeonato Nacional da II Divisão (masculinos), Zona Norte: Illiabum - Sanjoanense, Guifões - Vasco da Gama, Coninbricense - Académico do Porto, CDUP - Sp. Figueirense, Vilanovense - Salgueiros e Académica - Galitos (Pav. Univ.), todos às 17 e 30. Zona Sul: Os Olhanenses - Belenenses (Esc. Sec. Olhão, 18) e GD Quimigal - Luso (21).

Bibliografia desportiva

Rugby

Está já em circulação o n.º 12 da revista «Rugby», dirigida por João Fragoso Mendes, com um extenso lote de consultores técnicos e colaboradores, a assegurarem largo e interessante noticiário de uma modalidade que está lentamente conquistando os favores da juventude.

Enciclopédia Mundial de Futebol

Aí está o volume 14 da magnífica «Enciclopédia Mundial de Futebol», editada pela Livraria Bertrand para comemorar o ano em que a fase final do mais alicianante dos campeonatos desportivos se joga a um passo da fronteira portuguesa.

Este tomo da «Enciclopédia» trata (profunda e conscienciosamente) da história do futebol argentino, com todas as suas etapas até à glória maior, em 1978.

Placard

Continuação da pág. 18
tegoria) viajarão para Vilamoura em 24, continuando os treinos no local da prova em 25 e 26.

Atletismo: marcados para Braga (28 do corrente) os campeonatos nacionais de curta-mato.

com a conquista do ceptro mais apetecido, justamente sob comando de César Luís Menotti, o técnico de que parece a um passo de vir render Baroti no comando do «team» da águia. Uma longa linha recta, desde Orsi a Diego Maradona, torna apaixonante a continuidade de obrigatória leitura da «Enciclopédia Mundial de Futebol», sempre a fazer crescer água na boca na espera do novo episódio.

Idolos

A vida de figuras do desporto continua a ser tema para a «Idolos», revista mensal dirigida pelo jornalista Henrique Parreirão, que nesta edição mais recente apresenta completas biografias de Oliveira e Laranjeira, além de fichas-cromos de Rodolfo, Abreu, Zico e Jesus Correia, duas épocas futebolísticas em curiosa análise. Outros temas: Nelson Piquet e José Águas.

Ciclismo: a Imprensa, a Rádio e a Televisão são homenageadas pela Associação de Ciclismo do Sul em provas que têm amanhã lugar no percurso Campo Pequeno-Manique. Às 9 horas partem os ciclistas juniores (corrida de 75 km) e meia hora mais tarde os seniores (100 km).

«Gazeta dos desportos»

Completo um ano de vida o trisemanário «Gazeta dos Desportos», dirigido por Joaquim Queirós e já com uma firme posição entre os órgãos de Comunicação Social que labutam num campo de acção sujeito à maior controvérsia e às críticas mais constantes, dada a tremenda expansão do fenómeno desportivo nos tempos que correm. Preenchendo um lugar de pleno direito na Imprensa portuguesa, a «Gazeta», está em festa. Foi uma aposta ganha por um punhado de jornalistas que é prémio à sua persistência e merece o melhor parabém.

3.º MÊS

SEXTAS
E
SÁBADOS
ÀS 21.45 h.DOMINGOS
ÀS 16 h.
E 21.45 h.

GRUPO DE CAMPOLIDE

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERTCOM CANTO E CASTRO
PRÊMIO DA CRÍTICA
PARA A MELHOR
INTERPRETAÇÃO DE 1981

TEATRO ALQUIMIA ALMARENSE

ZIMBRA — Empreendimentos Turísticos
de Sesimbra, S.A.R.L.

Rua Coronel Luna de Oliveira, n.º 15 r/c C — Lisboa

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos e da lei, convoco os Srs. Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária na Rua Coronel Luna de Oliveira, 15-3.º C em Lisboa, no dia 6 de Março, pelas 10 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discutir, aprovar ou modificar o Balanço, as Contas, e o Relatório do Conselho de Administração, relativos ao exercício findo em 1981.

Não havendo número suficiente de accionistas na hora marcada a Assembleia reunirá meia hora depois, com qualquer número de presenças.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Manuel da Silva Bernardo Gonçalves)

COMUNA
teatro de pesquisa

APRESENTA O SEU 23.º ESPECTÁCULO

estreia sábado - dia 13
às 21,45 h

a viagem

TEXTO - HELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOAO MOTA

de 3.ª feira a domingo às 21,45h
e domingos também
★ às 17 horas ★
segunda-feira descanso

PRAGA - ESPANHA - MALHADA - MARCADOIS III 26 26 24 SUBSISTE

Pintura no feminino

Cobras e lagartos

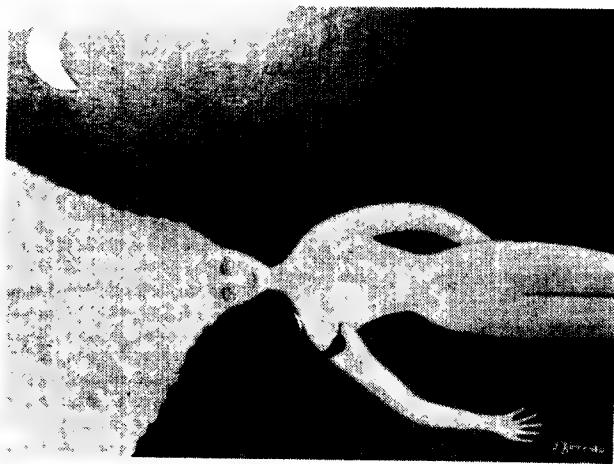
Pensava não ser capaz de pintar mas descobriu que pintar não era nada de outro mundo. Pegar no pincel, de início, correspondia a um gesto tímido, tenso pelo medo de não conseguir criar formas, volumes a expressão. Experimentara o batik e o barro e não se saiu mal da aventura. Fez bordados e rendas, provando as lições aprendidas na sua condição de mulher. Com a pintura quis mostrar o mundo mágico de infância, desvendado nos serões à lazeira, nas noites de inverno, por mulheres velhas, ocultas pelas convenções que as tornaram escravas e prisioneiras, por um tempo quase perpétuo.

«Conta mais avó», pedia ela, insaciável. À espera que das labaredas nascessem princesa, cobras, mours encantadas, dragões, seres povoadores dos contos narrados, uma data de vezes, e que nunca se fartava de ouvir contar. Desconhecia o significado das lendas mas sentia, por elas, um fascínio brando, repetido nos sonhos.

Aos 35 anos, Fernanda Birrento identificou o sentido feminino desses contos. Elegu a mulher como tema e os símbolos que a transfiguram nas sociedades antigas. Ela estava atenta à lua na esperança de decifrar os seus mistérios: de crescer e encurtar; de espalhar claridade ou sombra, conforme o capricho. Ela costumava beber leite de cabra, tolhida de prazer.

A sua memória aflui, na tela, em cores fulgurantes, destacando a cumplicidade que liga mulheres e animais duplos, no ser. Pinta mulheres de pescoço esguios, ondulantes como cobras. É uma pintura descritiva, sem técnica. É primária e despetenciosa, sem máscara. Tem sexo.

No Ribaterro, onde nasceu, disseram-lhe que as cobras vinham mamar no seio das



A cobra tinha um mamar doce...

camponesas adormecidas com filhos tenros, nos verões quentes das ceifas. E que tinham um mamar tão doce que elas não se apercebiam da troca de bocas. Fernanda pintou isto. Contaram-lhe que os lagartos subiam pelas pernas das mulheres, atraídos pelo cheiro da menstruação. Fernanda descreveu esta lenda na sua pintura.

«Entre a mulher e a cobra existe uma certa cumplicidade. Apurei, através de livros, que a cobra é dual: pode ser homem ou mulher. Aliás, conheço uma lenda em que a cobra se transforma em príncipe. Em algumas civilizações, sobretudo orientais, surge aliada à fertilidade e ainda, ao dia, à aurora. É um símbolo muito vasto.»

Fernanda pintou ainda a história da cobra que pediu ao cabreiro, numa noite de S. João, para a desencantar. Era uma moira encantada. Olhando o quadro vê-se as montanhas que são seios de mulher, as nuvens que são cabras... «A lua também desempenha um papel importante nas lendas. É mulher e por vezes está em berço como diz o povo». Enquanto

dobava a lã, a avó de Fernanda contava-lhe uma história com a lua em quarto minguante, protagonizada por uma águia e uma cobra, num dia de vento suado. Era a lenda que, no plano das sensações, mais a perturbava.

Princesas, de cabelos cor de sóis, amaldiçoadas por bruxas mas também ficaram retidas na sua memória. Fernanda traduziu isto, num contexto feminino, pintando uma mulher de pernas abertas, de onde escorrem as águas secundinas, (a placenta e o sangue) que sai do seu corpo, após o parto.

«Descobri que as lendas têm um significado mais profundo do que pensava na infância. Agora, vou pintando porque me apetece, sem saber até onde esta nova paixão me leva...»

Entretanto aprendeu coisas: que o carvão significa a energia escondida, que a placenta é as águas primordiais da terra, onde a vida nasce e se desenvolve, que o leite transporta a fecundidade e a imortalidade e que a cobra é simultaneamente matriz e falo.

Ela fixou-se no mito.

Lopes Graça
é hoje
homenageado

Fernando Lopes Graça vai ser hoje à noite homenageado no Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Organizam o espectáculo a Faculdade de Letras, o Coro D. Pedro de Cristo e a revista «Vértice», que dedica um número especial ao grande maestro e compositor.

O homenageado interpretará ao piano a composição inédita «Perpétua para a Campa de Carlos de Oliveira», de sua autoria, colaborando ainda no concerto Olga Prats, Dulce Cabrita, Filipe de Sousa e o coro D. Pedro de Cristo.

Adoque ensaia
«Está entregue
à bicharada»

Encontra-se em adiantada fase de ensaios a nova revista do Adoque, «Está Entregue à Bicharada».

Este espectáculo marca o regresso no elenco do Adoque da primeira bailarina Magda Cardoso e do actor Henrique Viana.

Além destes regressos integram o elenco Delfina Cruz, António Montez, Cremilda Gil, António Feio, Vieira de Almeida, a revelação Maria Vieira e as jovens do Adoque.

«Está Entregue à Bicharada» é uma revista de humor e sátira, de flagrante actualidade, servida por inspirada música que irá certamente cair no ouvido do espectador.

Fernando Lima, o coreógrafo, criou para Magda Cardoso interessantes bailados onde as qualidades desta artista ficam amplamente demonstradas.

A graça e o talento de Henrique Viana preenchem alguns dos mais hilariantes momentos da revista.

«Está Entregue à Bicharada» tem texto de Francisco Nicholson e Gonçalves Preto, música de Braga Santos e Correia Martins, sendo a encenação de Francisco Nicholson.

A realização plástica é de Jorge Rocha, que trabalha pela primeira vez no Adoque.

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

UM CASAL EM LUA DE MEL
... E UM FANTASMA MALUQUINHO POR SAIAS!...UM FANTASMA
NA MINHA CAMA

(OU UM FANTASMA NEL MIO LETTO)

com LILLI CARATI • RENZO MONTAGNANI

VINCENZO CROCETTI • LUCIANA TURINA

UM FILME DE CLAUDIO DE MOLINIS

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS • COLORIDO

UM RIO DE GARGALHADAS
EM PLENO ÊXITO NO

ROXY

EM EXIBIÇÃO NO

quarteto



Um filme de SALVATORE PISCICELLI com MARCELLA MICHELANGELE

Urso de Prata de 1971 Festival de Cannes

FILME DE QUALIDADE

Interd. men 18 anos



2 RODAS

2 vezes

mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas,
morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas
vítimas desses acidentes.

club e viver

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

TV terrorista

A nota dominante da actividade informativa na RTP foi a completa subordinação aos interesses da coligação no Governo. Qualquer semelhança dessa actividade com jornalismo, é impropria coincidência.

Exemplo degradante de tamanha confusão é o comportamento do Cerqueira na entrevista aos directores de dois jornais «furas». Onde não faltaram notas cómicas, como aquela história do queijo.

Certo deputado da AD para, na sua óppptttika, tirar conclusões sobre a adesão à Greve Geral, falou do «queijo suíço», onde «são mais os buracos do que o queijo». A piada é queijalmente velha, mas enfim.

Ora o Cerqueira repetiu-a. Só que trocou o «Queijo suíço» pelo «queijo da serra», sem se lembrar que o queijo da serra... não tem buracos.

Como é que estes homens se hão-de entender quanto à greve, se eles nem se entendem quanto aos queijos uns dos outros?

● A manipulação da audiência atingiu níveis de calamidade pública. Nunca, em Portugal, assistimos a nada semelhante.

A base de que partia a RTP consistia no seguinte: falsificar os objectivos da Intersindical para depois, não cumpridos eles, gritar que a greve fracassara...

Assim aconteceu nomeadamente no que se refere aos fornecimentos da água, electricidade e gás.

Mas há mais. O que importava, com este grande movimento de trabalhadores, era mostrar a grande oposição popular ao Governo e à sua política. Isto tem a ver mais com a participação dos trabalhadores, dos cidadãos, do que com os resultados aparen-

tes em determinados serviços.

Não vale tirar efeitos dos 150 motoristas que saíram com os autocarros, sem se dizer que 500 não saíram. Tãmanha batota é imprópria de quem fala tanto em maiorias...

● É natural que, numa greve geral de tamanhas dimensões a população venha a sentir prejuízos vários na ordenação do seu quotidiano. Pois a RTP não mencionou um só caso de hostilidade da população para com os trabalhadores em greve! E isso diz muito quanto à imensa impopularidade deste Governo.

Tal facto é tanto mais notório tendo em vista o perigoso clima emocional que, através da TV, o Governo pretendeu criar. Temos um Governo irresponsável a manejar uma arma terrível como a RTP. Só a maturidade do nosso povo, só o descrédito de tal Governo, só a desconfiança face à Televisão impediram situações de perigo iminente para tantos e tantos cidadãos.

O menos que se pode dizer da acção da RTP nos últimos dias é que ela foi uma acção terrorista.

O Governo é que perdeu a calma. Repare-se na repressão das Forças-de-Choque com a qual este Governo quis singelamente provar que quem sai aos seus não degenera...

● A RTP lançou mão de todos os processos para falsear e combater a greve. Se a expressão «processos democráticos» significassem alguma coisa nestas bocas, teríamos ontem na TV não apenas as opiniões e as informações do Governo e da AD, mas também as da CGTP-Intersindical Nacional, promotora da greve.

Tal não aconteceu. Mas já

antes de ontem, em 24 horas, quando ainda decorria o comício da AD (!) tivemos uma reportagem do comício. Reportagem que prosseguiu ontem no Telejornal seguida de uma outra sobre o acordo da AD para as autárquicas. Nada menos de oito minutos!

Como se tal não bastasse, veio a sobremesa com o Sousa Tavares (figura já pitoresca da grosseira traulitice verbal que não se colbe de atacar pessoas ausentes) e o João Gomes que, para mostrar o respeito pelas maiorias, se «esqueceu» de referir as condições em que pôs na rua o seu jornal.

Em veneno e em descaramento a sobremesa esteve de acordo com as entradas.

● Perdoem que não fale do excelente programa de variedades italiano e do episódio da «Balada de Hill Street», festival de droga, de assaltos, de crimes, de violações, esse quotidiano do país do senhor Haig. Ficará para melhor

ocasião. Mas a propósito de Haig...

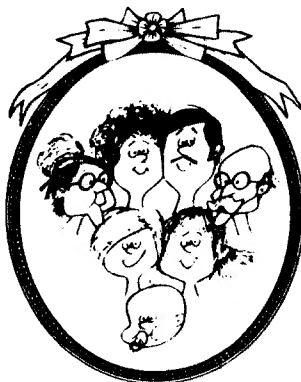
Haig esteve cá. Veio cá para insuflar ânimo e dar as suas ordens. Ouvi-o eu, pela TV a falar dos assuntos nacionais. Assim: **Resistiram com sucesso (depois de 1974) às forças da extrema-esquerda e totalitárias. E mesmo no dia de hoje em que acabo de chegar à vossa capital, essas pressões continuam e é preciso resistir-lhes.**

É fácil, conhecendo a linguagem do Governo, saber a quem se refere o senhor Haig. E eu pergunto, quando um indivíduo estrangeiro se intromete assim nas questões nacionais, se não se justifica um imediato protesto e um gesto de repúdio. Um qualquer falcão americano dá-se ao luxo de ofender o povo português! Dá-se ao luxo, na nossa casa, de dar ordens ao Governo português...

E o pior é que o Governo até parece gostar.

PUB.

ESTABELECIMENTOS



Toda a família que sabe olhar por si faz todas as compras na Auri

ARTESANTO - LOIÇAS REGIONAIS
TOALHAS BORDADAS EM LINHO
JOGOS DE CAMA BORDADOS EM LINHO - TECIDOS RÚSTICOS
ENXOVAIS ■ COBERTORES - COLCHAS - JOGOS DE CAMA - JOGOS DE BANHO - ATOALHADOS DE MESA - PANOS PARA LENCÓIS, ETC.

AV. ROMA, 36-B
1700 LISBOA
TEL. 89 54 60

21.º ANIVERSÁRIO
de 15 de Janeiro
a 15 de Fevereiro
PREÇOS ESPECIAIS

TEATRO NA CAIXA

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO

3 PRÉMIOS DA CRÍTICA/1981
MELHOR ESPECTÁCULO
MELHOR ENCENAÇÃO
MELHOR CENOGRAFIA

REPOSIÇÃO DESDE O DIA 11

AV. DA REPÚBLICA, 29
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21.15 H.

Bilhetes no Teatro, nos dias de espectáculo a partir das 20 h. ou na Caixa Geral de Depósitos, Serviços Sociais - tel. 326187

Encenação

Rogério de Carvalho

Cenografia

José Castanheira

teatro na caixa

Caixa Geral de Depósitos, Serviços Sociais



otília viana
anton tchekov

RDP (24.ª HORA)

....Excepcional...

D.NOTÍCIAS-(Jorge Listopad)

....Belo, quase um sonho....

J.L.-(Mª J. Brilhante)

....Inteligente... Perfeito...

Rigor e unidade...

TEMPO-(Jorge Ramos)Teatro

verdadeiramente teatro...

CAPITAL-(Tito Livio)

....Uma obra-prima

SETE-...Um espectáculo

que vale a pena...

D.LISBOA-(Carlos Porto)

....O mais belo de Tchekov

do teatro Português...

GH GRUPO
TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 -
Tel: 875626

«O RUFIA
NA
ESCADA»

DE
JOE ORTON

DE 4.ª A SÁBADO ÀS

22.00 H

MATINÉE SÁBADO ÀS

17.00 H

DOMINGO SÓ ÀS 17.00 H

A BILHETEIRA ABRE ÀS

19.00 AOS DIAS ÚTEIS E

ÀS 15.00 NOS FINS-DE-

SEMANA.

DURANTE O DIA MAR-

CAÇÕES PELO TEL.

875626.

ENTRADA GRATUITA

AOS SÓCIOS DA VOZ DO

OPERÁRIO.

ESPECTÁCULO INTER-

DITO A M/13 ANOS

SUBSIDIADO PELO MI-

NISTÉRIO DA CULTURA

54 45 45



centro S.O.S.
voz amiga



Sinal de trânsito
não é objecto
decorativo.
Respeite-o!



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO. 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Na RTP-1 exibição do 3.º episódio de O Mundo em Ex

15.45 O Mundo em Extinção - 3.º episódio: «Os Kirg
Sua Sociedade».
16.40 Desenhos Animados
17.05 Vivamúsica
17.55 Fila 1
18.20 Jornal de Economia
19.25 O Tempo
19.30 Aqui e Agora - com o ministro dos Assuntos Sociais.
Inclui o Telejornal.
21.05 Sábá Dá Báu
22.05 «Dallas»



A actriz Rachel Roberts.

19.05 «Sítio do Picapau
Amarelo» - com «O
Minotauro».
19.30 Topo Norte - a actuali-
dade desportiva.
20.00 «Polícia Cirurgião» -
7.º episódio.
20.30 Os Goodies
21.00 Noite de Cinema -
«Piquenique em Hang-
ing Rock». Intérpre-
tes: Rachel Roberts,
Dominic Guard e
Helen Morse. Realiza-
dor: Peter Weir.

Amanhã



9.50: Eucaristia Dominical; 10.35: Se-
tenta Vezes Sete; 11.05: Bom-Dia Do-
mingo; 13.40: Sumário; 14.30: TV Rural;
15.00: O Passeio dos Alegres; 18.15:
Grande Encontro - 1.ª edição; 19.10:
Topo Gigio; 19.55: O Tempo; 20.00: Te-
lejornal; 20.30: TV, 24 Anos; 21.05: «O
Retrato de Nelson» - último episódio;
22.05: Grande Encontro - 2.ª edição.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«Dallas»
(22.05)

«Piquenique
em Hanging Rock»
(21.00)



Além de um programa à escolha oferece-lhe



DALLAS

Uma mulher de limpeza descobre JR estendido no chão
do escritório. Este é levado para o hospital onde chega à
beira da morte. A família Ewing espera notícias sobre o seu
estado, ao mesmo tempo que a Polícia procura indícios que
levem ao conhecimento do agressor.

Intérpretes: Ted Shackelford, Joan vom Ark e Mary
Crosby.
Realização: Leonard Katzman.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caraga 17 - 1770-1771 - Tel. 2112871

roteiro cultural

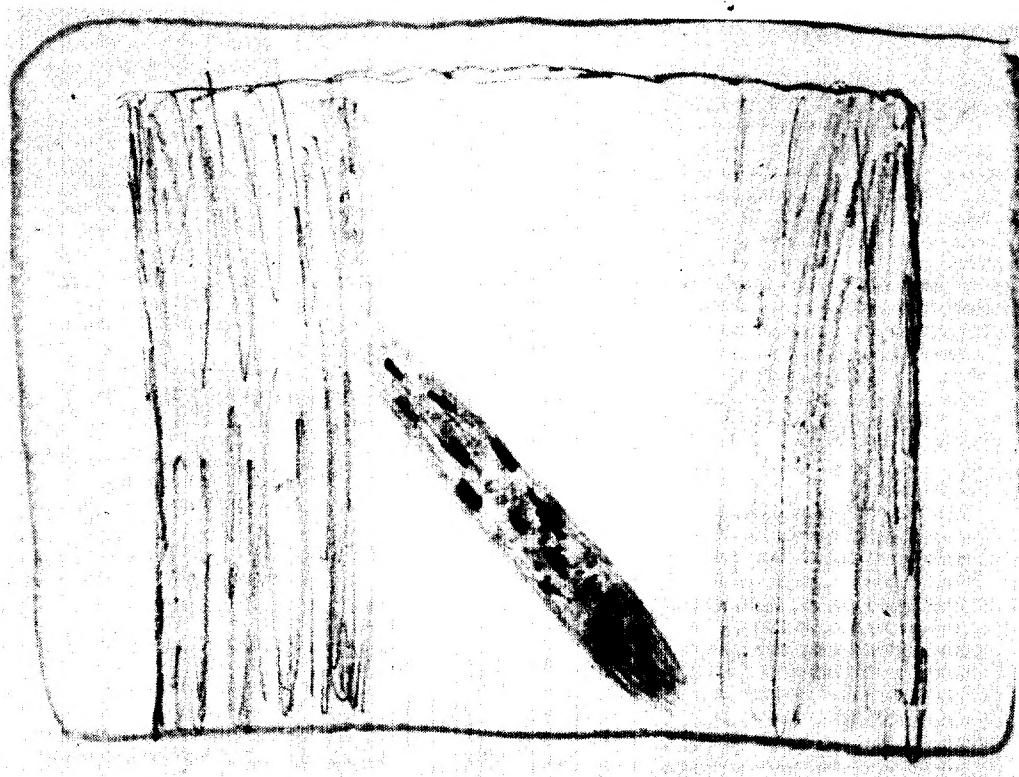
Teatro

A Comuna estreia hoje, às 21.45, o seu novo espectáculo: «A Viagem», de Hélder Costa, que tem sido o autor e encenador dos últimos espectáculos da Barraca.

O Grupo Marionetas de S. Lourenço vai terminar a série de espectáculos que tem estado a realizar na Sociedade Portuguesa de Autores. Hoje, às 21.45, e amanhã às 18.30, são as últimas de «Lá nas Traseiras do Mundo», farsa musical inspirada em manhas, patranhas e artimanhas tradicionais portuguesas.

«Doutor Fausto», de Marlowe, está em cena no Primeiro Acto, de Algés (de 3.ª a sábado às 21.30 e aos domingos às 17 horas). Entretanto, realiza-se amanhã, às 21.30, no teatrinho da Rua Eduardo Augusto Pedroso, um colóquio subordinado ao tema «Fausto na Literatura ao longo de 4 séculos». Participam no colóquio os dres. António Braz Teixeira, Fernando de Mello Moser, João Barrento e Yvette Centeno, sendo moderador Júlio de Magalhães.

III Festival Sindical de Teatro de Amadores. Da responsabilidade da União dos Sindicatos de Lisboa, no âmbito do distrito, continua a



Desenho de Ana Leon e Pedro Calapez em exposição na SNBA

apresentação dos grupos concorrentes ao certame. Hoje, às 21.30, o Grupo de Teatro da Urda apresenta a peça de Ângelo Beolco, «Bilorca», na Urda-Atalaia-Alenquer; amanhã, às 15.30, o Grupo de Teatro Esteiros

apresenta a peça de Gualberto Gonçalves Silva, «O Circo Fantasia ou o Palhaço Teimoso», na Casa do Povo de Arsenia em Alverca, e às 18 horas, o Grupo de Teatro Tentativa apresenta «António Aleixo hoje e sempre», na

Casa Regional do Sabugal, em Lisboa.

Música

Zeca Afonso dá amanhã um concerto no Teatro Avenida, em Coimbra, às 18 horas. Neste concerto será

acompanhado por Octávio Sérgio e Durval Moreirinhas (nos fados de Coimbra) e por Júlio Pereira, Janita Salomé e Sérgio Mestre (em música popular portuguesa).

A série «A Música e os Musicos», com José Atalaya, prossegue amanhã, às 11 horas, no São Luiz. No programa: o 2.º capítulo da Vida e Obra de Brahms. Jorge Moyano interpretará ao piano «Variações sobre um tema de Haendel».

A Orquestra de Câmara «Pró-Música» dá hoje um concerto, às 21 horas, na Igreja de S. Roque, integrado nas comemorações dos 10 anos de actividades da Associação de Pais para a Educação de Crianças Deficientes Auditivas.

Exposições

Ana Leon e Pedro Calapez expõem desenhos na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes. A mostra é hoje inaugurada, às 17.30.

Exposições no Círculo de artes plásticas de Coimbra. Exposições de Alberto Carneiro («O Mar para além do Labirinto») e de Manuel de Oliveira foram inauguradas nas galerias do CAPC, organismos autónomos da Associação

Académica de Coimbra. As mostras encerram no dia 5 de Março.

Aguarelas de Roque Gameiro, pintor nascido em 1864 e falecido em 1935, estão patentes na galeria da Câmara Municipal da Amadora. O nome de Roque Gameiro está intimamente ligado à cidade da Amadora, terra onde tinha uma residência, hoje Centro Cultural Roque Gameiro e futuro Museu Municipal. Temas, sobretudo autobiográficos e marinhos, e técnicas de aguarela, desenho e litografia estão patentes nesta mostra, aberta de 2.ª a 6.ª -feira das 9 às 23 horas, e aos sábados, domingos e feriados das 15 às 23 horas.

Uma exposição de gravuras portuguesas, que inclui trabalhos de Gil Teixeira Lopes, Armada Passos, Sérgio Pinhão, Jorge Pinheiro, Sebastião Resende, Marília Viagas, Jorge Martins e René Bertholo está patente na Galeria Módulo. A mostra pode ser vista todos os dias, incluindo sábados, entre as 16 e as 20 horas, na Av. António Augusto de Aguiar, 65, 5.º, dt.º

João Hogan expõe pintura na Galeria de S. Francisco. A mostra vai estar patente ao público até 1 de Março, de 2.ª a 6.ª-feira das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (aos sábados apenas das 10 às 13).

...a baixa política, as tricas partidárias, a violência de certos sectores que se proclamavam «defensores do povo», as tentativas de restauração da monarquia, a indefinição política e ideológica...

O MEU DEPOIMENTO

uma obra de elevado valor documental sobre a I República. O testemunho de

ANTÓNIO MARIA DA SILVA

Antigo Presidente do Ministério

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

CÃO PERDEU-SE

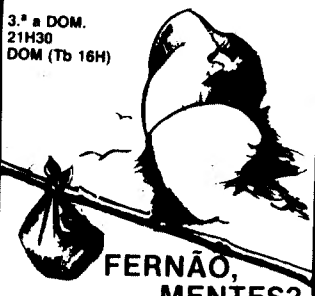
Na Rua Professor Branco Rodrigues, n.º 20.

É amarelo, perdigueiro.

A quem o encontrar agradece-se que contacte pelo telefone 32 11 82.

Gratifica-se.

3.ª a DOM.
21H30
DOM (7h 16h)



FERNÃO, MENTES?

encenação HELDER COSTA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.

A BARRACA



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Entre bastidores; 18.00: Turma da um; 19.05: Turismo, anos 80; 19.35: Música de todo o Mundo; 20.00: Teatro radiotónico; 21.00: Prevenção rodoviária; 21.30: Programa da noite; 23.30: Bloco informativo.

Programa 2

14.30: Música; 17.30: Temporada de concertos da RDP; 18.30: Música portuguesa; 20.10: Música sinfónica; 21.00: Realidade hoje; 21.45: Música coral sinfónica; 22.00: Música; 23.00: Música; 23.30: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

17.50: Espaço 3 P; 18.03: Musical; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (3.ª edição); 21.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; das 19.00 às 21.00: Musical; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Pop, top, rock; 17.00: Pop, top, rock (continuação); 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Roda viva; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Paju; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Musical; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. «Flashs» noticiosos de hora a hora.

OM Nacional

O programa da Onda Média de Muge (Nacional) é igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 19.00: Programa LAR; 20.00: Música viva; 21.00: Portugal, experiência histórica; 21.30: Via lactea.

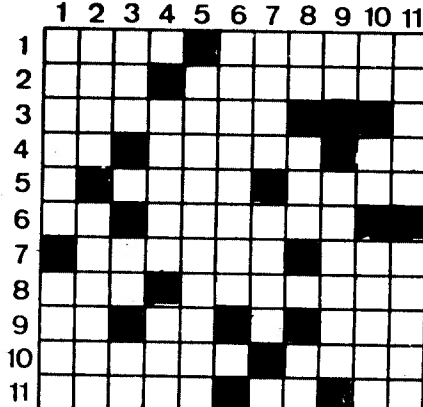
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 352

HORIZONTAIS:

- Divindade. Tabelas.
- Olé. Pune.
- Glutinoso.
- Nosso Senhor. Desta sorte. Preposição e artigo (inv).
- Espécie de glibo. Peixe do Algarve.
- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Deslocara.
- Cimalhas. Sufixo que designa pequenez.
- Planta pocinacea, cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Marcar.
- Erbio (s.q.). Preposição latina que designa movimento. Medida de superfície.
- Oscilou. Circulo.
- Verba. Compaixão. Erbio (s.q.).



VERTICAIS:

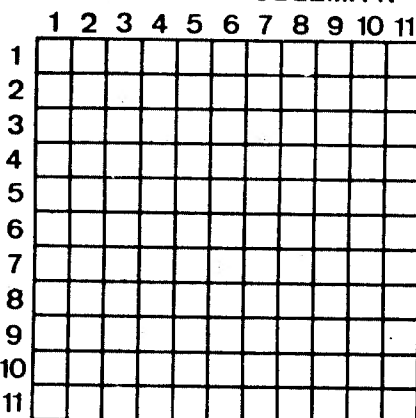
- Grandes beberões (pop). De madrugada.
- Pronome pessoal. Sofrer.
- Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Rádio (s.q.). Em a.
- Fundador do Islamismo. Acrescentando uma vogal é género de rosáceas da Guiana, também chamada açosa.
- Usados.
- Diligências.
- Guarneci de asas. Queima.
- Nome antigo da nota musical dó. Oceano. Letra grega.
- Pronome pessoal. Cidade da ilha Formosa.
- Prata (s.q.). Alternativa. Última mente.
- Arranca. Limpar com areia.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9212

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho e distrito de Braga. Duzento em romano.
- Aromatizassem.
- Apelido. Inerente.
- Ave pernalta. Correios Telégrafos. Telefones (abrev).
- Gálio (s.q.). Casta de uva cultivada em Portugal.
- Anel. Engolis (fig).
- Fatia.
- Criticavam (fig). Basta.
- Fecho as asas par descer mais depressa. Quinto filho de Jacob.
- Preposição. Desembainha.
- Tragédia de Shakespeare. Empregaria.



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Pinhel. Dogura.
- Guarneceram de arames. Pronome pessoal.
- Apelido. Sufixo que designa abundância (pl).
- Patrão. Produzir.
- Que ou aquele que castiga.
- Carta de jogar. Duas consoantes desiguais. Estrépio de desmoroamento.
- Pertences. Bofetadas.
- Compreendem. Irmã.
- Apelido. Crómio (s.q.).
- Zomba. Atração.
- Nome de jogo. Queima. Seguir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 351

HORIZONTAIS:

- Império. A.
- Gão. Em. Coem.
- Impar. Nua.
- Sais. SS.
- Ria. Piela.
- Ardiam. Cl.
- Nio. Doa. Há.
- Ca. Corroera.
- Iró. Romeiro.
- Aas. Asa. Ror.
- Usos. Aso.

VERTICAIS:

- IGNORÂNCIA.
- Má. Iniaras.
- Poisado. Os.
- E. MA.
- Repisadoras.
- Imas. Moroso.
- Armas.
- Sic. Oé.
- CONSELHEIRA.
- Eu. Arros.
- Amão. Aoro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9211

HORIZONTAIS:

- Xamata. Xaca.
- Aba. Usais.
- Urrais. Baba.
- Xamã. Asar.
- Ana. Omo. Gr.
- Bibi. Cru.
- Pé. Arrastar.
- Er. Toa. Atr.
- Cimo. Dam. Id.
- Aa. Tragaráo.
- Impais. Se.

VERTICAIS:

- Xauxa. Pecai.
- Abrangiam.
- Mama.
- Aa. Batota.
- Tui. Oiro. Ri.
- Assombradas.
- Oia. Ag.
- Xiba. Samas.
- Aas. CTT. Re.
- Barraria.

Provérbio: A ignorância é má conselheira.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	60\$85	65\$85
ALEMANHA FED. (marco)	28\$50	29\$60
AUSTRIA (xelim)	4\$00	4\$20
BELGICA (franco)	1\$518	1\$718
BRASIL (cruzeiro)	\$220	\$460
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	55\$30	57\$30
(notas de 5 a 1000)	55\$80	57\$80
DINAMARCA (coroa)	\$870	\$910
ESPAÑA (peseta)	\$640	\$740
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	67\$30	69\$30
(notas de 5 a 1000)	67\$80	69\$80
FINLÂNDIA (marka)	14\$95	15\$55
FRANÇA (franco)	11\$10	11\$80
HOLANDA (florim)	25\$95	26\$95
INGLATERRA (libra)	125\$30	129\$30
IRLANDA (libra)	100\$65	104\$65
ITALIA (lira)	\$048	\$058
JAPÃO (iene)	\$260	\$295
NORUEGA (coroa)	11\$30	11\$80
SUECIA (coroa)	11\$70	12\$30
SUIÇA (franco)	35\$55	36\$55
VENEZUELA (bolívar)	13\$40	14\$40

Observações:

- No respectivo formulário, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA AÀs 14.30, 16.30, 18.30, 21.45, 24 horas
(Não acons. men. 13 anos)
O REGRESSO DO REBELDE
Com Clint Eastwood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
(Não acons. men. 13 anos)
O HOMEM DO RIO
Com Jean Paul Belmondo

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Falado em português
10.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30 - N. ac. men. 18 a.
A ÚLTIMA VAGA
c/ Richard Chamberlain, Olivia Hammet
e Gulpilil
Um filme de Peter Weir
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
(Int. men. 13 anos)
AS SUPERGAROTAS
c/ Leslie King e Kirsten Bakke

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor
39.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. a men. 13 anos
TUDO BOA GENTE
Um filme de Blake Edwards
6.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ADEUS AVENTUREIROS
Às 24 - Int. men. 18 a.
DELÍCIAS TURCAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. menores 13 anos)**HANGAR 18**
Às 24 horas
Não ac. men. 18 anos
MAFOSO REBELDE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CARIMBE-ME SR. CARTEIRO
Pornográfico - Hardcore
Às 24 - Int. men. 13 a.
POLÍCIA OU LADRÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
O DIA SEM ESPERANÇA
Às 24
VIOLÊNCIA EM NÁPOLES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VALE DA PAIXÃO
c/ Rajendra Kumar e Sadhana
Um filme de Ramanand Sagar
Amanhã, às 11 - Para todos
ARZOO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O SOLTEIRO AMANSADO

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
3 HOMENS A ABATER
2.ª Semana
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
OS PATRIOTAS DO IMPÉRIO MING

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VIOLÊNCIA SELVAGEM
c/ Marie Christine Barraud
e Michel Piccoli
Um filme de Francis Girod

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Walerian Borowczyk o realizador dos
CONTOS IMORAIS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.A mais «chanfrada» comédia de 1982!
O PELOTÃO «CHANFRADO»
c/ Bill Murray e Warren Oates
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Na romântica Budapest dos anos 30...
AS HERDEIRAS
c/ Isabelle Hubert e Lili Monori
3.ª semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
OS PLAYBOYS
c/ Robert Conrad e Don Stroud
Sessão da Meia-Noite
- Int. men. 18 a.
A MINHA BELA MADRINHA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A BRECHA
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
CÓDIGO: JUGGERNAUT

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O AMANTE DE LADY CHATTERLEY
Fevereiro, 20, 21, 22 e 23
Tardes infantis de Carnaval
O CLÁ DAS AMAZONAS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SEM CULPA FORMADA
Às 24
OS BEM CASADOS
de Gilbert Gates

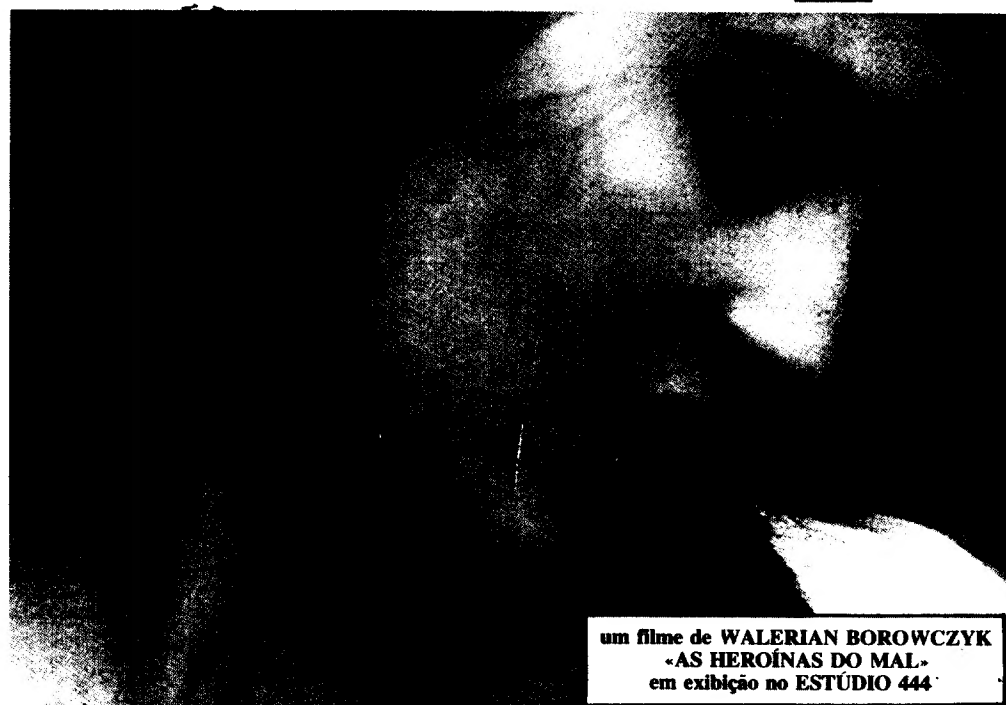
ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Liu Yung, mestre de Kung Fu e
O CLÁ DAS AMAZONAS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
- Para Todos (M. 6 a.)
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer
Colorido
8.ª Semanaum filme de WALERIAN BOROWCZYK
«AS HEROÍNAS DO MAL»
em exibição no ESTÚDIO 444

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- Int. men. 18 a.
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 23.15

- Int. men. 13 a.

VIAGENS ALUCINANTES

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- Int. men. 13 a.

A TERCEIRA GERAÇÃO

de W. R. Fassbinder

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.45

- M. 18 a.

AMOR E RAIVA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14.45, 17, 19.15 e 21.30
(Não acons. men. 13 anos)
A mais intrigante e espectacular produção do ano!
HANGAR 18
Com Darren McGavin e Robert Vaughn
À frente de um grande elenco

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
GUERREIROS DE AÇO
Colorido
com Fabio Testi e Santa Berger

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

c/ Meryl Steep e Jeremy Irons

S. JORGE SALA 2

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

Int. men. 18 anos

Bad Timing

de Nicolas Roeg

com Ari Garfunkel e Theresa Russell

3.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 17.30 e 21

(Não acons. men. 13 anos)

FRANCISCA

Um filme de Manoel de Oliveira

11.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.15, 17, 19.10 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
FANTASIAS NOCTURNAS
3.ª Semana
Às 24 - Int. men. 13 a.
O OVO DA SERPENTE
de Ingmar Bergman

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.15, 17, 19.10 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

Às 24

O QUE HÁ DE NOVO GATINHA

Domingo às 11.15

TINTIM E O TEMPLO DO SOL

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

UNS E... OS OUTROS

com Bill Murray e Harold Ramis

A mais chanfrada comédia de 1982

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.00

Int. men. 13 anos

O PELOTÃO CHANFRADO

com Bill Murray e Harold Ramis

A mais chanfrada comédia de 1982

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

THE BUDDY HOLLY STORY

c/ Gary Burey, Don Stroud

e Charles Martin Smith

Um filme de Steve Rash

Colorido

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O «best-seller» do prazer e da loucura!!!**O SOLTEIRO AMANSADO**

c/ Adriano Celentano e Ornella Muti

2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 anos

FANTASIAS NOCTURNAS

c/ Cindy Pickett - uma revelação

3.ª Semana

Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.

SEGREDO PROIBIDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Tarzan, o Homem Macaco», às 21.30 (18 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «Três Homens a Abater», às 21.30 (18 anos)

CITY CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA - «Sexo nas Nuvens», sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - «Fúria Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

MUNDIAL - «Tarzan, o Homem Macaco», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «O Último Tubarão» às 21.30 (13 anos)

RETELO - «A Banqueira», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Os Comandos de Sua Majestade», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «Pecados em Família», às 21.30 (18 anos)

2000 - «A Filha do Mineiro», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível - Trinitá Vai à Guerra», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Academia - Fuga para a Vitória», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Cine-Almada - Não Somos Anjos... Eles Também Não», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALCÉS - «Stadium - Armadilha Internacional», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Capitão - Armadilha Internacional», às 21.30 (13 anos)

OCEIRAS - «Oceiras-Cine - Com Jeito Vai Emmanuelle», às 21.15 (18 anos)

PAREDE - «Royal-Cine - O Campeão de Baltimore», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Castro - A Fortaleza Secreta», às 17.00 e 21.15 (18 anos)

CASCAIS - «Impala - Vamos Voltar a Viver», às 21.30 (13 anos)

ESTORIL - «Palácio - Foi-se o Tesouro, Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - «Oxford - A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V - Caligula», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Plaza - Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Lido - Não Há Nada para Ninguém», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Cine-estúdio - A Noite do Falcão», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - «Cine-Estúdio Flores - O Comendo dos Tigres Negros», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - «Cine-Chaby - Carimbola», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel - O Último Metro», às 21.30 (13 anos)

Porto

PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Gelado de Limão III», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Viagens Alucinantes», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «A Secretária Particular do Meu Pai», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «A Sombra da Guilhotina», às 21.30 (18 anos)

BATALHA - «Olhos Assassinos», às 21.45 (18 anos)

RIVOLI - «A Noite Fatal», às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO - «Os Alegres Aventureiros», às 21.30 (13 anos)

S. JOÃO - «O Caso do Exorcista», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «O Homem Elefante», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Dinheiro Não dá Felicidade», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-SALA A - «Charlie Cha e a Maldição da Rainha», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «3 Homens a Abater», às 21.30 (18 anos)

ÁGUA - «Gelado de Limão III», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Atlantic City USA», às 21.45 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Sexo em Brasa», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-SALA L - «Vamos Voltar a Viver», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

NOGUEIRA, R. Alcântara, 5-A-B (T. 637563); ALCÂNTARA, Av. da República, 74-A (T. 771379); PINHARANDA - R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); PORFÍRIO, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); BASTOS, R. Morais Soares, 61-D (T. 844350); SALUS, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 422393); ASCENSO, P. do Norte, 11-A (T. 311216); SÃO TOMÉ, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); IMPERIAL, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); SOUSA, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); SÃO SEBASTIÃO, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3

teatros

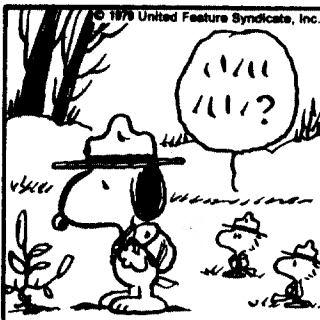
Lisboa

COMUNA - «TEATRO DE PESQUISA - A Viagem», às 21.45 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - «TEATRO DE CAMPOLIDE - A Exceção e a Regra», às 21.45 (13 anos)
COLISEU - «Companhia Internacional 1982», às 21.30 (6 anos)VARIEDADES - «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DA CAIXA - «O Tio Vânia», às 21.15 (13 anos)
CAFÉ TEATRO COMUNA - «Viver Mulher», às 22.30 (13 anos)

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



Corvacho absolvido

PORTO, 13 - O 2.º Tribunal Militar do Porto, absolveu, ontem à tarde, os maiores Corvacho e Albuquerque do crime de «infidelidade militar» de que iam acusados e considerou que as viaturas que estiveram na base da acusação «foram adquiridas para aprovação das investigações sobre o ELP». Segundo o acordão, esta organização terrorista tinha como objectivo «fazer levantamentos em unidades militares».

O julgamento havia sido interrompido no dia 20 de Janeiro e, como noticiámos, aqueles «capitães de Abril», figuras centrais do derrube do fascismo no Norte, eram acusados do crime de «infidelidade», com base na compra e venda de dois automóveis que tinham servido para investigar, em 1975, actividades contra-revolucionárias. A denúncia partira do brigadeiro Carlos Azeredo, irmão de um dos elementos do ELP, detectado na altura, durante uma reunião em Espanha. «Vingança pessoal e mesquinha» — foi como o advogado de defesa, António Taborda, classificou aquela denúncia, durante as alegações. «Tentou-se julgar aqui o 25 de Abril — esse foi o crime... Mas quem ficou no banco dos réus foi o ELP e as forças que o apoiaram» — disse aquele causídico.

Segundo a decisão unânime do Tribunal presidido pelo coronel António Gonçalves Soares, os réus não cometeram os crimes de que iam acusados. «Não houve descaminho de valores», «não houve dolo nem intenção criminosa» — lê-se no acordão. A demais, as ordens de aquisição das viaturas foram dadas por quem as podia dar, eram legítimas e os réus estavam obrigados a cumpri-las. O mesmo acontecera, segundo a decisão do Tribunal, com a venda das viaturas, aquando da extinção da secção de apoio à 2.ª Repartição do QG, em Setembro de 1975.

LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM
AVIAO ESPECIAL 2P
SÉRIE A - Domingos (to 30 o ano)
Preços
especiais
desde
14.900\$
a vantagem dos voos especiais
Reduções especiais: Famílias,
Noivos, Terceira idade,
Crianças e Jovens
Peca-nos também o programa
LONDRES E ESCOCIA
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
Av. Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

O rosto da violência e o silêncio do "poder"

Ontem, em Lisboa, no Rossio — nesse fórum cívico — a pretexto de uma falta burocrática, a inexistência de licença para manifestar a urgência nacional de vencer a crise e de instaurar melhor governação, o povo viu a face do fascismo.

Dir-se-á que se tratou de um incidente localizado. Mas sobre essa escalada de violência, essa gravíssima deformação do comportamento que devemos exigir às forças de segurança militarizadas, é necessário emitir um juízo muito severo. Não basta o protesto formal. Não são suficientes as simples explicações. O excesso converte-se em regra se não for devidamente denunciado e combatido. A «ordem democrática» não pode apresentar-se ao povo com o rosto, de brutalidade e violência, de primarismo, cegueira e raiva, do velho fascismo.

Em Portugal, e apesar dos «regressos», e apesar da política «restauracionista», o sentimento antifascista tem raízes profundas. É popular. É forte.

Sabemos que o Governo que se associa à arrecadação do «espólio» do general Humberto Delgado, anda esquecido, hoje dia 13 de Fevereiro quando passa mais um aniversário sobre a cilada de Badajoz, da justiça devida ao político, ao militar, ao homem, que foi vítima do mais odioso crime político da nossa História Contemporânea.

Alguns são solidários dos assassinos e dos que mandaram os assassinos, os protegeram, os encobriram. Alguns são coniventes nas «fugas», nas «libertações», nas «absoluções». A cumplicidade com o crime fascista é uma face do neofascismo.

Recordemos, com alegria maculada pela violência que ocorreu no Rossio, que ontem, no mesmo dia em que o rosto brutal da violência fascista se mostrava ao Povo, na Embaixada de Itália por decisão do Presidente Pertini —, esse democrata, esse resistente —, o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros do Governo

da Itália entregava a Manuel Tito de Morais a mais alta condecoração que a República Italiana atribui a «resistentes» estrangeiros.

Na pessoa de Manuel Tito de Morais, foi, também, a Resistência antifascista portuguesa que foi reconhecida e homenageada.

Liguemos, com o mesmo fio de democratismo militante, o firme repúdio do que se passou no Rossio, a recusa de justiça a Humberto Delgado, e — com sinal positivo — a homenagem a Manuel Tito de Morais.

Na contradição entre Liberdade e Tirania, Progresso Social e Reacção conservantista, em que nos debatemos e na qual vivemos, cabe perguntar se é possível governar «contra a vontade persistente de um Povo», se é possível recusar-lhe Justiça e Liberdade, se é possível deixar de prezar os homens que pela acção honraram o País. Quem responde? Ou quererão repetir, como resposta, o silêncio esfíngico do tirano?

Terreiro do Paço-Montijo "Monsanto" reforça frota da "Transtejo"

«Monsanto» é o nome de um novo cacilheiro já ao serviço da «Transtejo», mas que só depois de vistoriado será posto ao seu serviço na carreira Terreiro do Paço-Montijo. Foi construído em São Jacinto, em Aveiro, e chegou ontem ao porto de Lisboa.

Custando à «Transtejo» 40 mil contos, o «Monsanto» é o terceiro cacilheiro, de uma série de seis mandados construir nos estaleiros de São Jacinto, que empregam mais de meio milhão de trabalhadores e cuja carteira de encomendas para este ano é significativa: três navios de passageiros (os que faltam para a encomenda da «Transtejo»), um arrastão e dois atuneiros, no total de um milhão de contos.

A «Transtejo» conta presentemente com uma frota de 28 unidades, apontando para 31 em 1983. Com a entrada ao serviço das novas unidades a «Transtejo» abate ao efectivo as mais antigas, prevendo assim, a médio prazo, dispor de um conjunto de unidades modernas e funcionais.

Recorde-se que em 1981 transportou cerca de 45 milhões de passageiros nas suas carreiras.

Entendimento CGTP/UGT: "Depois da greve geral estamos a anos-luz dessa eventualidade"

Continuação da pág. 1

xeira da Silva. Segundo a CGTP, o clima de intimidação e provocação ontem montado pelo Governo, com situações de profunda violência, como a carga policial que se abateu sobre os piquetes de greve no Rossio, são uma amostra, daquilo que o Executivo, se tivesse força, transformaria em quotidiano dos portugueses. «Mas os trabalhadores não estão dispostos a voltar a esses tempos», acrescentaria o secretário coordenador da Inter.

A propósito, Manuel Lopes, do Secretariado Nacional, referiu que nos incidentes do Rossio esteve envolvido um elemento que, depois de actuar conjuntamente com as forças repressivas, foi identificado como «um elemento da guarda do PSD, também ex-guarda costas de Freitas do Amaral».

Os dirigentes da CGTP afirmaram também que toda esta situação estava montada. E isto porque, apesar de em devido tempo ter sido requerida a devida autorização do Governo Civil para as concentrações dos piquetes de greve (por ser previsível a grande aglomeração de pessoas em certos locais) esta entidade protelou aquele pedido e, à última hora, anunciou que tinha sido «ultrapassado o prazo requerido na lei para a sua obtenção».

A prova de que não são os trabalhadores a provocar qualquer tipo de alteração da ordem pública reside no facto de, durante o mês de preparação da greve geral, milhares de cartazes terem sido colados, centenas de milhares de comunicados distribuídos e centenas de plenários terem sido realizados, sem que nada tivesse sucedido», disse ainda Teixeira da Silva.

Mário Soares

As posições adoptadas por Mário Soares em relação à greve geral foram consideradas pelos dirigentes da CGTP como «uma cedência às forças de direita». Uma vez que o dirigente socialista declarou «que esta política e este Governo têm de acabar, não vemos razão por que o secretário-geral do PS não tenha correspondido aos sentimentos de milhares de socialistas que também conosco trabalharam para a greve geral». Os trabalhadores «têm o direito de criticar a forma vergonhosa como o dr. Mário Soares cedeu».

Quanto à UGT, José Luís Judas diria que «se já antes da greve geral era difícil prever qualquer actuação conjunta», agora «estamos a anos-luz dessa eventualidade».

O país "democrático" da AD

Se espreitarmos por qualquer orifício para o que se passa na ribalta política, se apurarmos o ouvido e tentarmos perceber o que se diz e o que se bichana por detrás dos bastidores, talvez fiquemos mais elucidados sobre os autores dos «espectáculos, os encenadores e onde se encontram as caixas de ponto».

A primeira coisa que se percebe é que os actores aprenderam rapidamente as falas convenientes com voz democrática e com as inflecções do lobo da histórica do Capuchinho Vermelho:

— Tenho os olhos grandes, para te ver melhor. Tenho as orelhas grandes para te ouvir melhor. Tenho a boca grande para te comer melhor...

Claro que esta última fala, «tenho uma boca grande para te comer melhor», nunca é proferida, muito embora esteja sempre presente no espírito dos autores, dos encenadores e dos actores destas peças trágico-cómicas que se passam na ribalta política.

Peças trágico-cómicas?

Sem dúvida. Quer dizer daqueles actores que dizem, por exemplo, que os trabalhadores «têm o direito democrático de fazer greve» mas que «terão a polícia reforçada para os proteger» que «também protegerá quem tem também o direito a trabalhar»?

Quem protege quem?

Estas falas «democráticas» confundem-se também com aqueles outros actores que mudam de opinião como quem muda de camisa ao sabor do momento, das conveniências próprias e por aí fora.

E com falas mansas também falsamente «democráticas» vêm aqueles que dizem que são dos bons, dos bons portugueses. São os que se dirigem aos bons «democratas», aos «bons democratas da corda», aos que pagam mais, aos que recebem menos, aos que trabalham sempre, em suma, aos larpas, aos comidos em nome da Pátria, da família e da religião...

Neste país «democrático» da AD que Deus haja, a fome seja connosco... Se nós deixarmos!

Manuel de Azevedo

Kalidás Barreto proibido hoje em "Praça Pública"

Uma entrevista de Kalidás Barreto, dirigente da CGTP, sobre a greve geral de ontem, foi proibida à última hora na RDP pelo director de Informação, José Gabriel Viegas.

A entrevista seria difundida na

rubrica «Praça Pública», entre as 13 e as 14 e 30 de hoje.

Os responsáveis pela rubrica elaboraram uma nota sobre este acto de censura, a qual foi lida no começo da mencionada rubrica.

CRUZEIRO MARROCOS E PORTOS FRANCOS

Partida de LISBOA: 30 de Março 1982
Regresso a LISBOA: 4 de Abril 1982

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única + Serviço de 1.ª cl.



GIBRALTAR - CEUTA - CASABLANCA

Vantagens compradas em Portos Francos

APROVEITE O GRANDE PLANO DE DESCONTOS!!!

Exclusivamente para este Cruzeiro são concedidos os seguintes descontos (não acumuláveis):

DESCONTO FAMILIAR	DESCONTO DE GRUPO
Esposa 20%	De 10 a 14 pessoas 10%
Filhos (11 a 18 anos) 25%	De 15 a 19 pessoas 15%
Filhos (2 a 10 anos) 50%	De 20 ou + pessoas 20%

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
FUNDADA EM 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO